UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA

TÁRSILA DAYSE DE MEDEIROS

A IMAGEM DAS PROSTITUTAS EM PERFIS NO CADERNO *HILDAS DE HOJE* DO JORNAL ESTADO DE MINAS

São João del-Rei
Setembro de 2018

Társila Dayse de Medeiros

A IMAGEM DE PROSTITUTAS EM PERFIS NO CADERNO *HILDAS DE HOJE* DO JORNAL ESTADO DE MINAS

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientadora: Profa. Dra. Dylia Lysardo-Dias

Társila Dayse de Medeiros

A IMAGEM DAS PROSTITUTAS EM PERFIS NO CADERNO *HILDAS DE HOJE* DO JORNAL ESTADO DE MINAS

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: 26/09/2018

_____

Profa. Dra. Dylia Lysardo-Dias – UFSJ (Orientadora)

_____

Prof. Dra. Maralice de Souza Neves - UFMG

_____

Prof. Dr. Edmundo Narracci Gasparini - UFSJ

Às mulheres em luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que não me nega auxílio, está sempre ao meu lado me dando mais do que mereço e me fez capaz de viver essa grande experiência, e à Nossa Senhora, sempre presente na tribulação, intercessora fiel.

À minha família, pelo apoio, incentivo e amor incondicional. Aos meus pais, Maria e Vicente, obrigada por caminharem junto comigo, por serem paciência e compreensão em todo momento. Sem vocês, sem o cuidado e o amor que me dedicaram nesse período de luta para mim, eu não seria nada e a conclusão desse trabalho não seria possível. Essa conquista é por vocês e para vocês. Obrigada por tudo! Às minhas irmãs, Neia e Simone, obrigada por serem sempre presentes, preocupadas e carinhosas, segurando minhas mãos e sendo minha razão em momentos de difícil discernimento. Ao meu sobrinho Pedro, obrigada por se preocupar em me fazer um carinho nos momentos de estudo. Às minhas madrinhas, obrigada pelas orações e carinho.

À minha orientadora, Dylia Lysardo-Dias, uma sábia guia que compartilhou generosamente seu conhecimento comigo, me fazendo ser capaz de caminhar com autonomia. Obrigada pela confiança e pelas lições, nem sempre fáceis de serem aprendidas, mas que me encorajaram e me tornaram mais madura acadêmica e pessoalmente.

Aos meus amigos, sempre queridos, atenciosos. Cada mensagem ou ligação de apoio e incentivo fizeram a diferença. Obrigada por compreenderem a minha ausência, por torcerem por mim e vibrarem comigo. Tenho que agradecer a muitos, mas não poderia deixar de citar os que contribuíram de forma direta para a produção deste trabalho. Obrigada à Amanda que me apoiou desde o início dessa caminhada e esteve presente em todos os momentos, sobretudo os mais difíceis, me ouvindo, incentivando – jamais vou me esquecer de sua colaboração para esse processo. À Lu, mais que uma terapeuta, uma fonte de equilíbrio. Obrigada pelo cuidado! À querida turma do mestrado, em especial à Renata que foi essencial - sem você eu não teria nem tentado o ingresso no programa. Obrigada pela amizade e pelo carinho, por todos os dias e todas as noites de estudo, de colaboração, de incentivo antes e durante o curso. À Bruna, obrigada pelo apoio e pela palavra sempre carinhosa e amiga que acalma e conforta. Vocês foram luz nesse trajeto.

À CAPES, por financiar parte desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo identificar a imagem das prostitutas que o caderno *Hildas de Hoje* do jornal *Estado de Minas* constrói e quais estratégias utiliza para atrair a atenção e conquistar a adesão do público leitor. Consideramos imagem a partir do conceito de Nicola Abbagnano (2007) e do conceito adaptado de *ethos* de Ruth Amossy (2009). Assim, consideramos imagem como um produto da imaginação, uma ideia construída a partir do que se enuncia sobre as perfiladas. Para identificarmos a imagem, utilizamos as formulações da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (2016), sobretudo ao discorrer sobre os modos de organização do discurso enunciativo, descritivo e narrativo. Propomos também uma reflexão sobre gênero e prostituição a partir de formulações de Margareth Rago (1990), Dolores Juliano (2005) e Judith Butler (2016). A pesquisa mostrou que no caderno a imagem da prostituta é construída para além da prostituição e evidenciou que, apesar dos preconceitos, as prostitutas do Hildas de Hoje são apresentadas como mulheres "empoderadas", a partir da ótica de Margareth León (2001).

Palavras-chaves: imagem; prostituta; perfil; gênero.

ABSTRACT

This dissertation aims at identifying images of female prostitutes communicated by the newspaper section *Hildas de Hoje* in the newspaper *Estado de Minas*, as well as the strategies it uses to attract and ensure the attention of its readership. We hereby understand "image" according to the concept of Nicola Abbagnano (2007) and the concept of "adapted ethos" of Ruth Amossy (2009). Taking after their assumptions, we will consider "image" as a product of the imagination, an idea built from what is said about the outlined subject. In order to identify such images, we will resort to the formulations of Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory (2016), especially when discussing the modes of organization of enunciative, descriptive and narrative discourse. A reflection on gender and prostitution ensues, based on formulations by Margareth Rago (1990), Dolores Juliano (2005) and Judith Butler (2016). The research presents the prostitute beyond the brand of prostitution and shows that, despite the prejudice surrounding the activity, the prostitutes in *Hildas de Hoje* are presented as empowered women, from the perspective of Margareth León (2001).

Keywords: image; female prostitutes; profiles; gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- *Encenação do ato de linguagem. Fonte: Charaudeau, 2016, p.52* **16**
Figura 2 - *Capa do caderno Hildas de Hoje, seção Especial do jornal Estado de* Minas **17**
Figura 3 - *Recorte da capa do caderno Hildas de Hoje, seção Especial do jornal Estado de Minas* **17**
Figura 4 - *Perfis enquanto ato de linguagem* **18**
Figura 5 – *Texto de capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **22**
Figura 6 – *Texto de capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **22**
Figura 7 – *Texto de capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **22**
Figura 8 – *Texto de capa do caderno Hildas de Hoje –seção Especial do jornal Estado de Minas* **22**
Figura 9 – *Topo da página 2 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **34**
Figura 10 – *Capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **36**
Figura 11 – *Página 8 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **37**
Figura 12 – *Página 2 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **38**
Figura 13 – *Página 3 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **49**
Figura 14 – *Página 4 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **40**
Figura 15 – *Página 5 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **41**
Figura 16 – *Página 6 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **42**
Figura 17 – *Página 7 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **43**
Figura 18 - *Perfil 1- Susi – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **52**
Figura 19 - *Perfil 2 – Karla – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **64**
Figura 20 - *Perfil 3 - Thamires – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **69**
Figura 21 - *Perfil 4 - Bruna Carioca – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **74**
Figura 22 - *Perfil 5 – Daiane – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **77**
Figura 23 - *Perfil 6 – Manu – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **82**
Figura 24 -*Perfil 7 – Tatiana – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **85**
Figura 25 - *Perfil 8 – Laura – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **90**
Figura 25 - *Perfil 9 – Sarug – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas* **93**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

1 O *HILDAS DE HOJE* **14**

1.1 Teoria Semiolinguística **14**

1.2 Perfil jornalístico **24**

1.3 Apresentação e contextualização do material **30**

2 AS IMAGENS DAS PROSTITUTAS **45**

2.1 Características gerais dos perfis **46**

2.2 Susi **52**

2.3 Karla **64**

2.4 Thamires **68**

2.5 Bruna Carioca **74**

2.6 Daiane **77**

2.7 Manu **82**

2.8 Tatiana **85**

2.9 Laura **90**

2.10 Sarug **93**

3 AS HILDAS **97**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **112**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **116**

ANEXOS ..... **CD-ROM**

INTRODUÇÃO

Historicamente, às prostitutas foi concedido um espaço de marginalidade o que significou silenciá-las e dominá-las. Entretanto, como o atual cenário tem feito emergir discussões que defendem a liberdade individual, em especial a das mulheres, algo não negado aos homens, esta pesquisa reforça a importância de que vozes de mulheres marginalizadas sejam ecoadas pelo espaço acadêmico e além dele.

Nesse sentido, mulheres prostitutas têm se organizado em grupos militantes, a fim de garantir respeito e direitos às prostitutas. O grande nome relacionado à militância no Brasil é o de Gabriela Leite, ex-prostituta, fundadora da ONG (Organização Não Governametal) Davida[1] e da Daspu[2]. Além das ONGs, junto de sua amiga Lourdes Barreto, que também foi prostituta, fundou a Rede Brasileira de Prostitutas[3]. Outros grupos como o GEMPAC[4] - Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará, a APROSMIG[5] – Associação de Prostitutas de Minas Gerais, a CUTS – Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais[6], o Blog das Esquinas[7] são outros exemplos de organização e ativismo/cyberativismo entre prostitutas no Brasil.

Nesse sentido, Monique Prada[8], prostituta e ativista, no artigo "O mais antigo dos preconceitos"[9] publicado pela revista TRIP (conteúdo digital) afirma que "a prostituta está deixando de ser apenas uma sombra na esquina e passa a escrever a própria história, dispensando intermediários, contestando narrativas". Monique também é criadora do projeto de mídia livre Mundo Invisível, que tem o objetivo de debater questões com relação ao trabalho sexual e o direito das prostitutas, a fim de combater o preconceito e proporcionar espaço para que se debata a prostituição. De acordo com a página do Mundo Invisível, o projeto, que tem quatro anos de ativismo, tem conseguido amplificar as vozes em defesa dos direitos das prostitutas.

Segundo o Mundo Invisível, no dia 2 de junho é comemorado o Puta Dei, evento

---

[1] http://www.davida.org.br/
[2] http://www.daspu.com.br/
[3] http://www.redeprostitutas.org.br/
[4] https://www.facebook.com/gempacpa/
[5] https://www.facebook.com/aprosmig
[6] https://www.facebook.com/CUTSBR/
[7] https://blogdasesquinas.wordpress.com/
[8] Monique Prada é trabalhadora sexual, ativista, feminista e escritora. Coeditora do projeto MundoInvisível.ORG e presidenta da CUTS - Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores Sexuais
[9] https://revistatrip.uol.com.br/tpm/no-dia-internacional-das-prostitutas-e-puta-dei-monique-prada-escreve-sobre-a-luta-por-direitos-na-mais-antiga-das-profissoes

criado pela GEMPAC e idealizado por Lourdes Barreto[10]. A data foi instituída como o Dia Internacional da Prostituta em comemoração à ocupação da igreja de ST. Nizier, no centro de Lyon, na França, por cerca de cem prostitutas que protestavam contra a repressão policial. O movimento aconteceu em 1975 e, desde então, comemora-se a data.

Embora essas mulheres tenham se organizado em busca de direitos e da luta contra o preconceito que sofrem, o caminho que ainda é necessário percorrer é longo. Desfazer preconceitos historicamente arraigados no seio da sociedade não é simples e, por isso, os seres sociais não podem se omitir do compromisso de buscar igualdade de direitos. Nesse sentido, promover oportunidades e proporcionar espaços em veículos midiáticos de grande alcance pode ser uma forma de contribuir para reverberar a voz de segmentos marginalizados e mostrar para a sociedade que eles existem, tem nome, história e voz.

As minorias sempre me sensibilizaram. Não é fácil viver em um sistema excludente, viver lançado às margens da sociedade, submetido a estigmas e descaso, a direitos cerceados e/ou negados, aguardando atos de benevolência circunstanciais. Sempre tentei, empaticamente, compreender o lugar do outro. A esfera da prostituição não havia me tocado, até que tive a oportunidade de ler o livro "*Garotas de programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social"*, em que Maria Dulce Gaspar (1985), citando Mary Douglas, afirma que, para a sociedade, grupos marginalizados, como o das prostitutas, são considerados sujeira que deve ser varrida para onde não perturbe a ordem. Sujeira. Isso me tocou profundamente. Foi então que compreendi a necessidade de trazer as prostitutas à tona.

No campo discursivo, meu interesse em trazê-las à discussão se deu quando notei que, embora sob o estigma e o aspecto de "sujeira", em nosso objeto essas mulheres têm suas histórias contadas, suas vozes reportadas, suas vidas significadas.

Traçamos como objetivo identificar a imagem das prostitutas que o caderno *Hildas de Hoje* do jornal *Estado de Minas* constrói e quais estratégias utiliza para atrair a atenção e conquistar a adesão do público leitor. O caderno foi publicado em versão impressa e digital na publicação do *Estado de Minas* do dia 16 de abril de 2016.

A proposta se justifica à medida em que busca analisar como o referido caderno constrói a imagem das prostitutas, a partir do modo como as descreve. Assim, os objetivos específicos são: i) descrever discursivamente o caderno *Hildas de Hoje*; ii) identificar e analisar mecanismos linguístico-discursivos utilizados na construção da imagem; iii)

[10] Lourdes Barreto é representante da Rede Brasileira de Prostitutas e do Movimento de Prostitutas de Belém do Pará (GEMPAC).

relacionar a prostituição com questões de gênero.

A Análise do Discurso permite observar o discurso como um objeto multidimensional resultante da interação entre linguagem e mundo. Dessa forma, o discurso deve ser estudado em concordância com a esfera situacional que oferece as condições de sua produção. Buscamos analisar os elementos selecionados considerando condições históricas e sociais em que as prostitutas estiveram e estão relacionadas, a fim de ampliarmos, dentro do possível, os conceitos históricos e culturais que foram se revelando durante a análise.

Nosso objeto de pesquisa é composto por nove perfis de prostitutas que trabalham na Rua Guaicurus, famosa rua destinada à prostituição em Belo Horizonte – Minas Gerais. Os perfis contam parte da história de Susi, Karla, Thamires, Bruna, Daiane, Manu, Tatiana, Laura e Sarug, incluindo a razão pela qual optaram pela prostituição.

Para descrevermos discursivamente o caderno *Hildas de Hoje*, utilizamos a perspectiva teórico-metodológica de Patrick Charaudeau (2016) sobre ato de linguagem, por contemplar as instâncias de produção e de recepção, a situação de comunicação e as estratégias mobilizadas. Ao descrevermos e analisarmos o objeto da pesquisa, selecionamos os excertos contendo elementos descritivos e narrativos que participassem da construção da imagem das prostitutas. A partir da análise dos perfis, buscamos avançar na compreensão da prostituição, propondo uma reflexão sobre questões de gênero, baseada nas formulações de Margareth Rago (1990), Dolores Juliano (2005) e Judith Butler (2016). Utilizamos a obra autobiográfica intitulada *Filha, mãe, avó e puta* de Gabriela Leite (2009), como forma de contemplar a voz de uma mulher empoderada que vivenciou a prostituição; adotamos o conceito de empoderamento proposto por Magdalena León (2001).

A dissertação se divide em três capítulos. No primeiro, denominado *O Hildas de Hoje*, discorremos sobre o aspecto sociointeracional do objeto de análise. Baseamos a discussão nas noções de contrato comunicacional, ato de linguagem, estratégia e *mise-en-scène* de Patrick Charaudeau (2007, 2016). Discorremos, também, sobre o gênero perfil a partir da perspectiva de Luiz Antônio Marcuschi (2007), Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), Sérgio Vilas Boas (2003) e Oswaldo Coimbra (2004). Por fim, descrevemos as características do caderno *Hildas de Hoje*, apontando elementos da sua construção e organização.

O segundo capítulo, *A imagem das prostitutas*, apresenta a análise do material. Inicialmente, apresentamos alguns conceitos importantes para a análise: i) o conceito de

imagem sob a ótica de Nicola Abbagnano (2007) e o conceito de *ethos* de Ruth Amossy (2009), o qual foi adaptado à nossa proposta; ii) o conceito de imaginário, conforme Charaudeau (2004), a fim de diferenciá-lo do conceito de imagem; iii) o conceito de estigma, seguindo a perspectiva de Goffman (2004). Em seguida, apresentamos as características gerais dos perfis e a análise, que foi baseada nas categorias propostas por Charaudeau (2016), sobretudo aquelas presentes nos modos de organização do discurso. Analisamos a posição assumida pelos sujeitos no ato linguageiro e as citações diretas que foram incorporadas aos perfis. Analisamos, também, elementos descritivos com base no modo de organização descritivo, considerando i) o componente nomear, ii) o componente localizar-situar e iii) o componente qualificar (cf. CHARAUDEAU, 2016). Esses elementos possibilitaram verificar a construção objetiva e subjetiva das imagens das prostitutas. Também analisamos os componentes da lógica narrativa, identificando os papéis actanciais e os processos narrativos em que as prostitutas foram implicadas. Desse modo, foi possível observar que às prostitutas ora foi atribuído o papel de vítima, ora o de agente, entre outros papéis. Os perfis foram analisados separadamente e cada um configura um tópico de análise, a fim de melhor identificar seus elementos composicionais. Inserimos o texto original de cada perfil no princípio do tópico de análise. Para manter a configuração, optamos por introduzir a análise no início da página, de forma que o perfil mantivesse sua formatação original.

Durante a análise, à medida em que se fez necessário, recorremos a outros autores, a fim de ampliarmos a discussão e enriquecermos a reflexão acerca do tema. Utilizamos conceitos propostos por Heleieth Saffioti (1976, 2004) concernentes a questões de organização social patriarcal e da mulher no mercado de trabalho e o conceito de empoderamento proposto por Magdalena León (2001, 2013).

No terceiro capítulo, *As Hildas*, propusemos uma reflexão sobre a questão da prostituição. Consideramos questões de gênero e da mulher no mercado de trabalho; a prostituição em Belo Horizonte; o preconceito e a violência contra a prostituta; as possíveis razões que levam a mulher a se prostituir e a permanecer na profissão; os papéis que a prostituta pode assumir; a legalização da prostituição e a atuação de organizações ativistas/cyberativistas. Para elaborarmos essa reflexão, articulamos o material de análise com as formulações de Maria Dulce Gaspar (1985), Margareth Rago (1990), Adriana Piscitelli (2005), Dolores Juliano (2005), Lúcio Alves de Barros (2005) e Judith Butler (2016).

Por fim, nas considerações finais, apresentamos uma síntese da pesquisa e

ponderações sobre os resultados obtidos, a partir dos conceitos de agência e empoderamento propostos por Magdalena León (2001, 2013). Esperamos que essa pesquisa amplie a compreensão de quem são essas mulheres e possa, de alguma forma, afetar a visão que se tem delas.

CAPÍTULO 1 - O *HILDAS DE HOJE*

1.1 Teoria Semiolinguística

A Teoria Semiolinguística (TS) de Patrick Charaudeau (2016), ao adotar uma visão sociocomunicativa da linguagem, analisa as relações entre os enunciados e suas circunstâncias de produção. Essa teoria concebe o discurso como um objeto multidimensional resultante da relação entre o mundo e a linguagem, promovida por sujeitos. Assim, o discurso é visto como produzido por indivíduos que estabelecem relação entre si pela relação que estabelecem entre a linguagem e o meio social.

Para Charaudeau (2016), o ato de comunicação é um dispositivo, cujo centro é ocupado por um sujeito falante (locutor) em relação com um parceiro a quem se dirige (interlocutor). Para o autor, "comunicar é proceder a uma encenação" e a fim de produzir os efeitos de sentido pretendidos no interlocutor, o sujeito falante lança mão de componentes do dispositivo[11] de comunicação em função dos efeitos que deseja produzir (CHARAUDEAU, 2016, p. 68).

Entre os componentes do dispositivo, encontra-se a situação de comunicação que funciona como um palco em que se encenam as trocas verbais. Esse palco, em que os seres sociais atuam, apresenta, segundo Charaudeau (2007), restrições de tempo, de espaço, de palavras:

> A situação de comunicação é o lugar onde se instituem as restrições que determinam a expectativa (*enjeu*) da troca, estas restrições provenientes ao mesmo tempo da identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca, da finalidade que os religa em termos de visada, do *propósito* que pode ser convocado e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza (CHARAUDEAU, 2004, p. 5 – realce do autor)

Tais restrições são estabelecidas por meio de um jogo de regulação das práticas instituídas pelos indivíduos que vivem em comunidade e por meio dos discursos que são produzidos para legitimar as práticas. Assim são construídas, conforme Charaudeau (2007), as convenções e as normas dos comportamentos linguageiros, sem as quais não seria possível a comunicação humana acontecer.

Desse modo, locutor e interlocutor devem se submeter a essas restrições, tanto na

[11] Conforme Charaudeau (2016), os componentes desse dispositivo são: a situação de comunicação, que liga os parceiros da troca linguageira por meio de um contrato de comunicação e que define a identidade psicossocial dos interlocutores; os modos de organização do discurso, que constituem os princípios de organização da matéria linguística; a Língua, que constitui o material verbal, dotado de forma e sentido; e, por fim, o texto, que é o resultado material do ato de comunicação.

comunicação oral, quanto na comunicação escrita. Por conseguinte, aquele que fala/escreve deve ter consciência das restrições que determinada situação de comunicação comporta, bem como seu receptor deve ser capaz de compreendê-las (CHARAUDEAU, 2007, p. 68). É assim que, segundo Charaudeau (2007, p. 68), se constrói a co-intencionalidade: toda troca linguageira depende de que todos os seres nela envolvidos compreendam e ajam conforme suas restrições, a fim de que o ato linguageiro tenha sucesso.

Para a TS, o discurso coloca em cena sujeitos inseridos nas situações de comunicação. Tais sujeitos, seres sociais, encenam a troca linguageira, o que Charaudeau (2016, p. 76) chama de *mise-en-scène*, uma espécie de "teatro" enunciativo entre a sociedade e suas apostas linguageiras em que os sujeitos organizam o discurso de acordo com sua própria identidade, com a imagem que têm de seu interlocutor e com o que já foi dito. O resultado dessa encenação, o discurso, acontece por meio da articulação de dois circuitos: um interno (fala) e um externo (social).

Charaudeau (2016) propõe que essa encenação exige determinadas competências, quais sejam: i) competência situacional, pois um ato de linguagem não se produz fora de uma situação de comunicação, além de pressupor uma finalidade e a identidade dos interlocutores que efetuam as trocas entre si; ii) competência semiolinguística, que é capaz de organizar a encenação do ato de linguagem conforme determinadas visadas (modos de organização do discurso[12]) e iii) competência semântica que, a partir dos dados da situação de comunicação e dos mecanismos de encenação do discurso, constrói o sentido com as formas gramaticais e lexicais, com o apoio de saberes de conhecimento e de crença que circulam na sociedade. Esse conjunto de competências, Charaudeau (2016, p. 7-8) chama de competência discursiva, que é o que produz os atos de linguagem dotados de sentido e de vínculo social.

Na lógica do duplo circuito, Charaudeau (2016) afirma que o ato de comunicação é o resultado de um projeto de fala de um locutor e da relação que ele estabelece com seu interlocutor. Assim, para o autor

[12] Os modos de organização do discurso utilizam categorias da língua a fim de organizar a matéria linguística, de acordo com a finalidade que pretende. Os modos de organização do discurso são: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo (CHARAUDEAU, 2016).

> Todo ato de linguagem resulta de um jogo entre o implícito e o explícito e, por isso: (i) vai nascer de circunstâncias de discurso específicas; (ii) vai se realizar no ponto de encontro dos processos de produção e interpretação; (iii) será *encenado* por duas entidades, desdobradas em sujeitos de fala e sujeito agente (CHARAUDEAU, 2016, p 52 - realce do autor).

O esquema seguinte ilustra essa proposta:

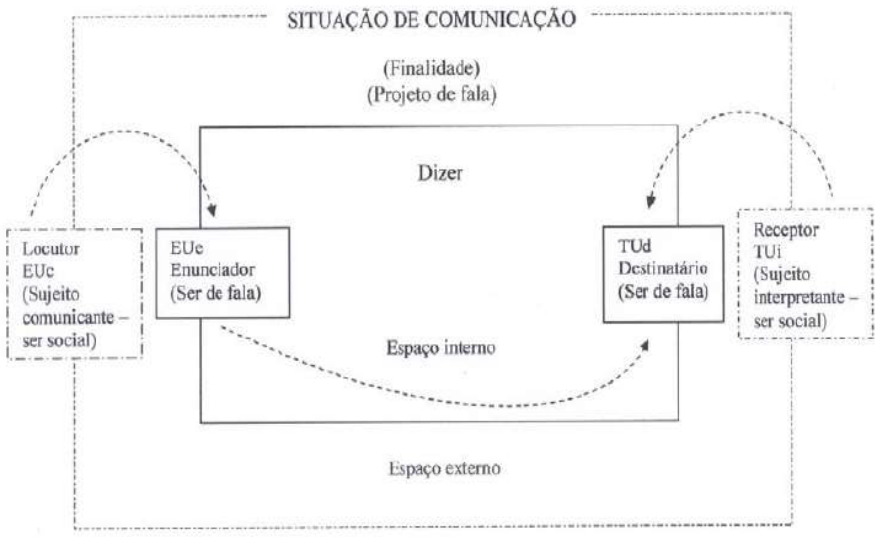


Figura 1- Encenação do ato de linguagem. Fonte: CHARAUDEAU, 2016, p. 52.

No esquema da situação de comunicação elaborado por Charaudeau (2016), nota-se os dois circuitos: um circuito externo, psicossocial, que inclui o Sujeito Comunicante (EUc) e o Sujeito Interpretante (TUi), considerados seres reais. Esses seres, Charaudeau (2016) chama de parceiros da comunicação. O outro circuito, o interno, inclui o Sujeito Enunciador (EUe), ser de fala, responsável pela enunciação, e o Sujeito Destinatário (TUd), o destinatário ideal a quem a mensagem é dirigida. No circuito interno, os dois sujeitos possuem identidade linguageira, pois são seres que existem apenas na linguagem, como imagens ou como estratégias criadas para que a comunicação aconteça. Esses seres, Charaudeau (2016) chama de protagonistas.

No jornal, em um primeiro momento, a instância de produção é a empresa que, a partir de informações que obtém de fontes diversas, constrói os textos que compõem o jornal. Essa empresa é constituída por vários sujeitos que trabalham nos diversos setores, desde o gerenciamento da empresa, até a captação de informações e produção das matérias, o que, nos termos de Charaudeau (2016), seria o Eu comunicante (EUc).

O processo de produção da matéria é, no entanto, trabalho de um dos sujeitos dessa

empresa, o jornalista, que colhe, reúne e organiza os dados para transformá-los em matéria jornalística. Esse sujeito, que também possui uma identidade civil, social (circuito externo), organiza os fatos em concordância com o seu saber técnico e o seu saber sócio-histórico-cultural, e também de acordo com a empresa a que está vinculado. Ao transformar esses fatos em matéria jornalística, o jornalista torna-se sujeito de fala, nos termos de Charaudeau (2016), Eu enunciador (EUe), sobretudo em matérias assinadas, como é o caso dos perfis que analisaremos.

Desse modo, o jornal *Estado de Minas* é o sujeito empresa, Eu comunicante (EUc), e as jornalistas Flávia Ayer e Luciane Evans, as quais assinam os textos, embora sejam sujeitos reais, no caderno se apresentam como o sujeito enunciador, Eu enunciador (EUe).


ESPECIAL
ESTADO DE MINAS
HILDAS DE HOJE
"Aqui, chamo o homem de lindo, meu amor, mesmo que não seja nada disso"
A realidade e as fantasias das prostitutas da Gusicurus,
25 anos depois do lançamento do livro de Roberto Drummond

Figura 2- Capa do caderno Hildas de Hoje do jornal Estado de Minas.


FLÁVIA AYER E LUCIANE EVANS
Textos

Figura 3: Recorte da capa do caderno Hildas de Hoje do jornal Estado de Minas

A instância receptora é formada pelo público alvo e pelos leitores efetivos. O

público-alvo é o leitor ideal, que corresponde à imagem que a instância de produção supõe de seu público ideal ao construir as matérias; nos termos de Charaudeau (2016), o público-alvo é o sujeito destinatário (Tu destinatário - TUd), desejado, é a quem o material é destinado pelo EUc através do EUe. Os leitores efetivos são cada leitor que efetivamente lê o que é produzido pela instância produtora, é o que Charaudeau (2016) denomina sujeito interpretante (Tu interpretante - TUi), o verdadeiro interpretador do ato de linguagem. O esforço da instância de produção é para que o sujeito interpretante coincida com o sujeito destinatário, de modo que o ato de linguagem tenha sucesso.

Conforme a proposta de Charaudeau (2016), podemos, assim, representar os perfis enquanto ato de linguagem:

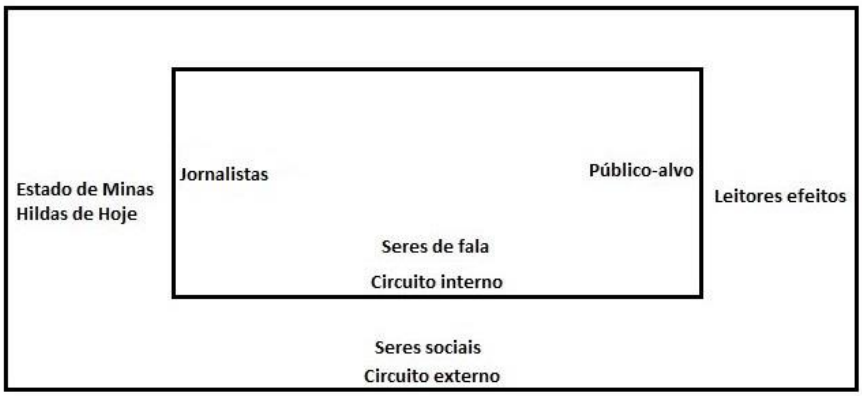


Figura 4 – Perfis enquanto ato de linguagem

Para Charaudeau (2016), do ponto de vista de sua produção, o ato de linguagem pode ser considerado uma "expedição" e uma "aventura". É uma "aventura", porque o ato de linguagem está "inscrito no campo do imprevisível" (CHARAUDEAU, 2016, p. 57): ao tomar o ato linguageiro, o locutor não tem controle de como ele será interpretado. Mas, para tentar chegar ao resultado pretendido, ele lança mão de recursos e, por isso, Charaudeau (2006) afirma que o ato de linguagem é também uma "expedição".

É uma "expedição", com relação ao seu aspecto intencional, pois o locutor faz uma aposta linguageira, considerando uma margem de liberdade e de restrições de que dispõe, baseado na pressuposição de que seu interlocutor será capaz de compreendê-lo de maneira adequada. O ato de linguagem, para Charaudeau (2016, p. 44), é, desse modo, uma "aposta", dotada de certa intencionalidade[13], em que o sujeito falante deseja atingir

[13] Entendemos o termo intencionalidade como possíveis intenções, a nível do dito, que podem ser expressas em marcas dispostas no discurso.

seu interlocutor, o qual deve interpretar adequadamente a mensagem que o locutor lhe transmite. Além da intencionalidade, essa aposta refere-se à imagem de si que o locutor gostaria de imprimir e a imagem do destinatário, na qual se baseia para elaborar o ato linguageiro. Perde-se a aposta se a interpretação do receptor não é compatível com a interpretação pretendida pelo locutor.

Para ser bem-sucedido nessa "expedição", o sujeito comunicante lança mão de estratégias e contratos de comunicação. Charaudeau (2016) aponta que as estratégias são a organização e a encenação das intenções que o sujeito comunicante tem para produzir determinados efeitos de sentido sobre o sujeito interpretante, para levá-lo a se identificar com o destinatário ideal e, assim, obter sucesso na interação.

O contrato de comunicação, conforme o autor, pressupõe que os indivíduos reconheçam as restrições e implicações de uma situação de comunicação. Ele é um conjunto de regularidades (implícitas) que regem a configuração da comunicação, o que implica que os seres comunicantes reconheçam as condições de realização da troca, antes que ela ocorra (CHARAUDEAU, 2007). O contrato convenciona a forma de se comunicar em cada situação de comunicação. Ele efetiva a interatividade presente na troca linguageira, interatividade que acontece na *mise-en-scène*.

É importante mencionar as características contratuais, se estas permitem a troca ou não. A distinção entre essas possibilidades (troca/ não troca) é resultado da combinação dos componentes de cada situação de comunicação específica: se os parceiros estão presentes, ou não; se o canal de transmissão é oral ou gráfico.

Conforme Charaudeau (2016), o contrato permite a troca quando a situação é dialogal, ou interlocutiva, o que significa que os parceiros da comunicação estão presentes fisicamente, resultando na percepção imediata das reações dos interlocutores. Nessa situação, o locutor pode alterar suas estratégias, pode se corrigir ou se completar, caso seja necessário.

A não troca acontece quando os parceiros não estão presentes fisicamente, o que não permite que o locutor perceba de imediato as reações do interlocutor. Esse tipo de situação, chamada por Charaudeau (2016) de situação monologal, permite que o locutor apenas imagine a reação de seu parceiro na comunicação, o que afeta a organização do discurso, que hierarquiza as informações e as dispõe de maneira progressiva (CHARAUDEAU, 2016). Assim, distante de seu interlocutor, o locutor supõe estar dotado de um saber supostamente ignorado por aqueles a quem dirige esse saber. Esse é, a propósito, o contrato estabelecido entre um jornal e seus leitores.

Sobre as atitudes que são exigidas pelo contrato, elas são determinadas pelas visadas discursivas, uma espécie de objetivo. Conforme Charaudeau (2004), as visadas, ancoradas à situação de comunicação, direcionam as estratégias a serem utilizadas pelo sujeito falante a fim de que seja compreendido por seu interlocutor. As visadas, conforme Charaudeau (CHARAUDEAU, 2004, p. 5),

> correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e por conseguinte da própria troca linguageira. As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção; é necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas. As visadas correspondem, assim, a atitudes enunciativas de base que encontraríamos em um grande *corpus* de atos comunicativos reagrupados em nome e sua orientação pragmática, mas além de sua ancoragem situacional.

Os tipos de visada são definidos, segundo Charaudeau (2016), por um duplo critério: a posição do eu em relação ao tu e a posição do tu em relação ao eu, ou seja, um lugar bem definido que os sujeitos ocupam na troca. Entretanto, se o EUc (Eu comunicante) não for reconhecido pelo TUi (Tu interpretante), com relação ao lugar que ocupa e à legitimidade de seu discurso, a troca não terá sucesso. É a finalidade da troca que será responsável por esse reconhecimento dos parceiros e, por isso, ela se constitui como um de seus elementos essenciais. Mas não representa, junto às visadas, o todo discursivo. A finalidade, conforme Charaudeau (2004), necessita ser combinada com outros elementos, como a identidade dos participantes da troca linguageira, o propósito e a sua estruturação temática e as condições materiais da comunicação. É desse modo que a situação de comunicação determina as características dos componentes e as condições de produção e recepção do ato linguageiro. Segundo Charaudeau (2004), para definir sua finalidade, cada situação de comunicação se utiliza de uma ou mais visadas. No entanto, uma sempre é dominante.

Charaudeau (2004) classifica as visadas da seguinte forma:

- a visada de “prescrição”, em que o *eu* quer “mandar fazer”, e ele tem autoridade de poder sancionar, ao passo que o *tu* se encontra em posição de “dever fazer”.
- a visada de “solicitação” em que o *eu* quer “saber”, e ele está, então, em posição de diante do *tu* mas legitimado em sua demanda, ao passo que o *tu* está em posição de “dever responder” à solicitação.
- a visada de “incitação”, em que o *eu* quer “mandar fazer”, mas, se não estiver em posição

de autoridade, não pode fazer mais que incitar a fazer, de modo que ele deve, então "fazer acreditar" (por persuasão ou sedução) ao *tu* que ele será o beneficiário de seu próprio ato, ao passo que o *tu* está, então, em posição de "dever acreditar" que se ele age, é para o seu bem.

- a visada de "informação" em que o *eu* quer "fazer saber", e ele está legitimado em sua posição de saber, ao passo que o *tu* se encontra na posição de "dever saber" alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento.
- a visada de "instrução" em que o *eu* quer "fazer saber-fazer", e ele se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de saber e de legitimação para transmitir o saber, ao passo que o *tu* está em posição de "dever saber fazer" segundo um que é proposto por *eu.*
- a visada de "demonstração" em que o *eu* quer "estabelecer a verdade e mostrar as provas" de acordo com uma certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, expert), ao passo que o *tu* está em posição de ter que receber e "ter que avaliar" uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo.

O *Hildas de Hoje* e o jornal *Estado de Minas* têm seu dizer sobre prostitutas legitimado pelo EUe, as jornalistas Flávia Ayer e Luciane Evans, que causam um efeito de saber[14] em seu discurso quando produzem uma descrição[15] detalhada do ambiente e das prostitutas sobre quem os textos discorrem. Ao adotar esse recurso, o locutor fabrica uma imagem de sábio que utiliza esse conhecimento para provar a veracidade do discurso que produz (CHARAUDEAU, 2016).

Por estar legitimado em sua posição enquanto instituição e por legitimar seu dizer pelo efeito de saber, é possível notar que a visada dominante utilizada pelo jornal é a visada de informação, pois o principal objetivo é "fazer saber" sobre a existência de prostitutas um tu que está em posição de "dever saber" sobre como é a vida dessas prostitutas, que elas vivem em um determinado lugar e que há razões que as levaram a essa profissão.

O contrato de comunicação é estabelecido pelo EUc por meio dos textos da capa, que sintetizam o que será abordado no caderno.

[14] O efeito de saber é um dos componentes do modo de organização do discurso descritivo – o modo descritivo será aprofundado no capítulo 2.
[15] Modo de organização do discurso descritivo – abordado no capítulo 2.



Figura 5: Texto de capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

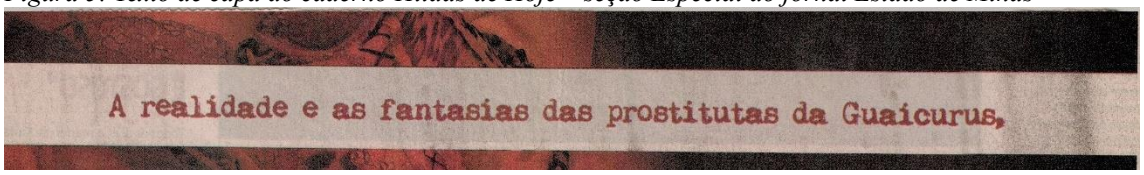


Figura 6: Texto de capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

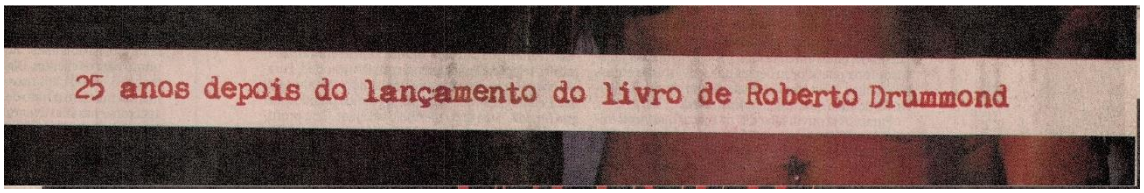


Figura 7: Texto de capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

Belo Horizonte soube primeiro, o Brasil demorou para descobrir. Nunca houve uma mulher como Hilda. Há 25 anos, o jornalista e escritor Roberto Drummond (1933-2002) mergulhou em universo de desejo e saiu de lá com uma personagem envolta em nuvem de mistério e sensualidade. Em abril de 1991, Drummond concluiu seu mais famoso romance. Pelas palavras do escritor e depois pelas imagens da TV, o país se encantou por Hilda Furacão. Na ficção e na realidade.

A personagem, inspirada em Hilda Maia Valentim, foi desejada por pobres, ricos, santos e pecadores. Conhecida na classe média alta belo-horizontina, ela desnorteou a tradicional família mineira ao se tornar a prostituta mais famosa da Rua Guaicurus, nos anos 1960. Chegou na zona boêmia em 1º de abril de 1959 para se hospedar no quarto 304 do Maravilhoso Hotel e por lá ficou até 1º de abril de 1964. Por duas vezes, no dia da mentira. Coincidência ou destino? Embora pareça obra da ficção, a verdade é que Hilda nunca se foi. Vinte e cinco anos depois do lançamento do livro *Hilda Furacão*, o Estado de Minas seguiu os passos de Roberto Drummond e retornou à Rua Guaicurus atrás das mulheres que, décadas depois da garota do maiô dourado, continuam a satisfazer os desejos dos homens. Por dois meses, a reportagem frequentou os hotéis da zona boêmia. Lá, como no romance, a imaginação e a realidade se confundem.

Já não há mais glamour, muito longe disso. Mas a Guaicurus resiste ao tempo e mostra que a narrativa ficcional se mantém viva na atualidade. Atravessa, por gerações, a vida de mulheres de carne e osso. Hilda está na personalidade forte de Susi, que largou a vida com os pais na Pampulha para morar no Novo Hotel, o antigo Maravilhoso. A voz de Hilda ressoa na fala de Thamires, que não determina a linha que divide o real do fantasioso.

A fama da personagem se mantém em Sarug, prostituta, transexual e psicóloga que se tornou figura reconhecida e uma referência nos novos tempos de Guaicurus. Aliás, Sarug mostra que, na atualidade, ser Hilda não é necessariamente ser mulher. Assim como na ficção, cinco anos foi também o tempo que a socióloga Tati estabeleceu para ganhar dinheiro no mercado do sexo.

O perfume marcante da personagem de Drummond se espalha no quarto de Daiane, que acolhe os clientes com doçura, apesar de estar grávida de cinco meses. Invade as histórias contadas por Laurinha, há mais de três décadas trabalhando na Guaicurus, e continua alimentando o sobe e desce nas escadarias dos hotéis da zona boêmia. Nos relatos de outras, Hilda revive. O mistério permanece.

Figura 8: Texto de capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

A situação monologal, de não troca, torna a aposta do jornal uma grande "aventura", pois aborda um tema que nem sempre é abordado ampla e abertamente. Como estratégia, o EUc, por meio do EUe, utiliza um dizer de uma das prostitutas (figura5) e utiliza também oposição a realidade *vesus* fantasia ("A **realidade** e as **fantasias** das prostitutas da Guaicurus" – figura 6), que pode atrair a curiosidade do leitor. No texto introdutório (figura 8), utiliza o termo enigmático "mistério", que também pode atrair a curiosidade do leitor e permite que ele tenha conhecimento da identificação de prostitutas que serão tema do que será narrado, como se pode perceber excerto a seguir:

> Texto de capa/ excerto: Belo Horizonte soube primeiro, o Brasil demorou para descobrir. Nunca houve uma mulher como Hilda. Há 25 anos, o jornalista e escritor Roberto Drumond (1933-2002) mergulhou em um universo de desejo e saiu de lá com uma personagem envolta em **nuvem de mistério** e sensualidade. [...]

> Pelas palavras do autor e depois pelas imagens da TV, o país se encantou por Hilda Furacão. Na ficção e na realidade. (*Hildas de Hoje*, capa)

O EUe introduz o texto com uma referência que pressupõe ser amplamente reconhecida pelos leitores do jornal: a personagem Hilda Furacão[16] e o romance (com o mesmo nome) de Roberto Drummond, que narra a vida da prostituta que, de acordo com o texto, "desnorteou a tradicional família mineira" (*Hildas de Hoje*, capa). Tal informação ativa os conhecimentos do leitor acerca do tema, familiarizando-o. O EUe invoca a narrativa, valendo-se, inclusive, da minissérie produzida pela Rede Globo, Hilda Furacão, presumindo o alcance da TV. Num primeiro momento, o trecho restringe o texto a um público que conhece a obra de Drummond, e a obra da TV, ao passo que gera interesse, pois são obras sobre um tema, como já dissemos, do qual nem sempre se fala de maneira ampla.

Em seguida, o EUe evoca a personagem Hilda Furacão novamente para introduzir o tema e as prostitutas sobre quem dissertará:

> Texto de capa/ excerto: Embora pareça obra de ficção, a verdade é que Hilda nunca que foi. Vinte e cinco anos depois do lançamento do livro Hilda Furacão, o Estado de Minas seguiu os passos de Roberto Drummond e retornou à Rua Guaicurus atrás das mulheres que, décadas depois da garota de maiô dourado, continuam a satisfazer os desejos dos homens. (*Hildas de Hoje*, capa)

Estabelecida a conexão entre o imaginário em que o EUc pressupõe que o TUi esteja inscrito, o EUe apresenta as prostitutas, mencionando seus nomes, tornando-as seres reais, o que pode aguçar o interesse do público. Além disso, repete o termo mistério, o que pode mexer com a atenção do público e despertar curiosidade:

> Texto de capa/ excerto: [...] A narrativa ficcional se mantém viva na atualidade. Atravessa, por gerações, a vida de mulheres de carne e osso. Hilda está na personalidade forte de Susi [...]. A voz de Hilda ressoa na fala de Thamires [...]. A fama da personagem [Hilda] se mantém em Sarug [...]. Nos relatos de outras, Hilda revive. O **mistério** permanece. (*Hildas de Hoje*, capa)

[16] A obra de ficção de Roberto Drummond inspirou uma minissérie de sucesso na década de 1990, criada pela Rede Globo de Televisão, com o nome de Hilda Furacão.

Além dessas estratégias linguísticas, há também o não verbal, como fotografias (aparentemente fragmentos de fotografias) nas quais aparecem algumas das perfiladas de lingerie, parte dos seios à mostra, parte do rosto a mostra, fomentando o mistério e a curiosidade.

Após consideramos estabelecido o contrato entre a instância de produção e a de recepção, passaremos a tratar do gênero textual que analisaremos, o perfil jornalístico.

1.2 Perfil jornalístico

O jornalismo, desde sua origem, fornece produtos necessários à solidificação do homem enquanto sujeito moderno. Para tanto, o modo de pensar e classificar os gêneros jornalísticos, conforme Silva (2010), passou e passa por modificações e, apesar das diferenças e similaridades encontradas, é possível detectar uma constante preservada: o dever de informar e a necessidade de opinar.

Os primeiros jornais, segundo Lage (2001), começaram a circular a partir de 1609, quando estavam a serviço da burguesia. Em sua primeira fase, séculos XVII e XVIII, a imprensa foi regida por um forte publicismo que, segundo o autor, era responsável por difundir informações de interesse comercial e político.

No século XIX, período da Revolução Industrial, foi necessário que se transformasse o conteúdo dos jornais, uma vez que a sociedade havia se tornado mais dinâmica e tudo mudava rapidamente. Nasceu, então, como estratégia para garantir o interesse do público, o jornalismo educativo e sensacionalista. Lage (2001) afirma que o jornalismo educativo tinha o objetivo de orientar o leitor sobre o que ler, o que vestir e como se comportar em sociedade. Para atingir o público, era necessário construir matérias envolventes. Assim a imprensa inaugurou o sensacionalismo por meio de abordagens que trabalhavam o sentimentalismo, o exótico e a aventura, a fim de tornar a realidade tão fascinante quanto a ficção.

É também nesse momento que a informação se torna algo fundamental à vida das pessoas. Para atender às exigências de um público cada vez mais interessado, nasceu a reportagem, que constitui um dos gêneros jornalísticos (LAGE, 2001). Os gêneros textuais[17], conforme Marcuschi (2007), surgem junto a necessidades e atividades

[17] Gêneros textuais, conforme Marcuschi (2007, p. 20), são atividades sociocomunicativas que "surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e

socioculturais, ou seja, nascem das necessidades comunicativas da sociedade. Desse modo, a necessidade de comunicar e de atrair a audiência do público resulta na emergência de novos gêneros jornalísticos e novas abordagens.

Considerada o gênero jornalístico por excelência, a reportagem é a responsável por dar conta de desdobrar a notícia, constituindo uma narrativa da realidade factual trabalhada discursivamente (SODRÉ, FERRARI, 1986). É a reportagem que informa, que expõe causas e consequências de um acontecimento, contextualiza, interpreta e pretende aproximar o leitor da história. Charaudeau (2007) afirma que a reportagem trata um fenômeno social, uma série de fatos produzidos em espaço público; não tem necessariamente contato com a atualidade, embora possa estar ancorada a ela. Sodré e Ferrari (1986) consideram que as principais características da reportagem são "a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados" (SODRÉ, FERRARI, 1986, p. 15).

A reportagem pode apresentar-se em uma modalidade mais elaborada, assim conhecida como a "grande reportagem", ou "reportagem especial'. Conforme Kosho (2000), a grande reportagem exige maior dedicação da equipe de jornalismo, o que significa um investimento grande de recursos tanto humanos, quanto financeiros. Além disso, em geral, o período dedicado à produção é mais extenso. "Por dois meses, a [equipe de] reportagem [do jornal Estado de Minas] frequentou os hotéis da zona boêmia" (*Hildas de Hoje*, capa) para construir, no caderno *Hildas de Hoje*, uma abordagem que apresenta a vida, ou parte dela, das prostitutas sobre quem discorre. Consideramos, portanto, que o caderno *Hildas de Hoje* constitui uma grande reportagem, pois apresenta a prostituição e alguns de seus desdobramentos por meio de diversos textos que apresentam questões relacionadas à prostituição e a prostitutas.

Assim, como nasceu a reportagem, nasceu também a reportagem perfil, ou perfil jornalístico. Embora haja indícios de que esse gênero exista há mais de dois séculos, a década de 1930 foi, conforme Vilas Boas (2003), um momento fértil para a popularização de novas matérias, as que focavam a vida de pessoas: os perfis.

Os perfis abordam a vida de um personagem, e dão detalhes sobre a história do perfilado, dão importância à própria pessoa. O interesse pela história de pessoas,

---

estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sóciopragmáticos, caracterizados como práticas sóciodiscursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer" (MARCUSCHI, 2007, 20)

conhecidas ou não, fora já sinalizado no século XVIII, momento em que, conforme Elisabeth Barry (*apud* CAMPANELLA, 2014), foi um período de popularização de obituários que traçavam uma pequena biografia de pessoas falecidas, públicas ou comuns, e geravam um crescente interesse da população pelo gênero, em virtude de sua principal característica: a exibição do cotidiano e da vida privada.

O gênero perfil é definido por diferentes autores. Coimbra (2004) considera o perfil uma reportagem descritiva de pessoa, a qual, seja extensa ou curta, deve atribuir diferentes traços, qualidades e características a uma personagem. Kosho (2000, p. 24) o define como "filão mais rico de matérias humanas". Além disso, o autor afirma que o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado, seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade. Sodré e Ferrari (1986) ressaltam que o perfil é a descrição do personagem principal de uma história e significa enfoque na pessoa. Seja ela anônima ou pública (celebridade), o foco será sempre dado ao protagonista da história, que é a sua vida. Vilas Boas (2003) considera que diferente das biografias, que exigem maior aprofundamento na vida do biografado, os perfis são narrativas curtas, que podem focalizar apenas alguns momentos da vida de um personagem.

Talvez pelo amplo espaço que reservava ao perfil, a revista norte-americana *The New Yorker* é tida como a precursora do gênero (VILAS BOAS, 2003), que logo foi adotado por outros veículos. A reportagem perfil *"Frank Sinatra has a cold"* (Frank Sinatra está resfriado), capa da *Esquire*[18] em 1966 é considerada por Vilas Boas (2003) como peça exemplar do que passou a caracterizar os perfis: "É um típico perfil dos tempos em que o jornalismo era enriquecido com recursos da literatura de ficção" (VILAS BOAS, 2003, p. 27).

No Brasil, a época de excelência dos perfis se deu com a revista *Realidade*, entre os anos de 1966 e 1968, quando os repórteres eram estimulados a conduzir diálogos interativos e mesclar informações sobre o cotidiano do sujeito com opiniões sobre temas contemporâneos como sexo, família e política. Isso para construir um retrato sobre o entrevistado (CAMPIOLO, PEREIRA, 2010). Hoje, é mais comum a publicação de perfis de anônimos em periódicos; em alguns casos, essas histórias se tornam parte de livros. A jornalista Eliane Brum, por exemplo, reuniu uma coletânea de perfis de sua autoria publicados no jornal gaúcho Zero Hora em uma obra intitulada *A vida que ninguém vê*, que reúne histórias de vida de pessoas que estão à margem da sociedade.

[18] A revista *Esquire* é uma revista americana direcionada ao público masculino.

Para Sodré e Ferrari (1986), há diferentes maneiras de escrever uma história, mas nenhuma deve deixar de conter personagens. Também são diversas as formas de apresentá-los, de torná-los atuantes, de caracterizá-los. De todo modo, sempre vai haver um espaço na narrativa destinado à descrição de personagens, que são o elemento fundamental ao sentido da história[19]. Pensando na construção desse tipo de reportagem, Sodré e Ferrari (1986) enumeram três tipos de personagens, quais sejam: o personagem-indivíduo, sobre o qual é construído um retrato mais psicológico do que referencial, quando o interesse é pelo comportamento, atuação e pela atitude do perfilado diante da vida; o personagem-tipo, quando o normal é enfatizar justamente o que conferiu fama àquela pessoa, seja habilidade, talento, dinheiro, beleza ou qualquer atributo típico de suas classes ou profissões; e o personagem-caricatura, quando os entrevistados são sujeitos estranhos, bizarros, que entram nos noticiários, têm gestos grotescos e atitudes mirabolantes.

Sodré e Ferrari (1986) propõem uma classificação para o gênero perfil. Os autores consideram que em gêneros como a notícia, a entrevista e até a reportagem, é sempre possível visualizar um *miniperfil*, quando ocorre uma breve descrição da vida dos personagens, até então considerados figuras secundárias da narrativa. Há, também, segundo os autores, um *multiperfil*, quando um personagem é considerado tão significativo, que recebe cobertura maior. Nesse tipo, publicam-se inúmeras matérias, de diversos gêneros, que testemunham a vida e a obra do perfilado, constituindo um grande perfil com vários narradores e um só objeto de narração.

A entrevista é o principal instrumento para a elaboração do perfil, afinal o gênero possibilita que o autor retrate como percebeu, no momento do face a face com o entrevistado, as nuances que não seriam possíveis caso estivesse a distância. Assim, para que um texto se torne um perfil, existe a necessidade de que haja uma entrevista previamente. Lage (2001) considera a entrevista uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de algum conhecimento ou informações de interesse público e também a matéria que resulta dessa conversa. Para Medina (1986, p.8),

> A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando, assim, isolamentos grupais, individuais sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. [...] em todos os seus usos tem um mesmo fim: o inter-relacionamento humano.

[19] Vale lembrar que instituições e comunidades também podem ser perfiladas.

Ainda conforme Medina (1986), a entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular, por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito. Em relação ao procedimento, a ideia de entrevista aproxima-se do diálogo interativo. Entende-se que entrevista é uma técnica de interação social, objetiva o "inter-relacionamento" humano.

Tratando-se de redigir e, também, apreciar os perfis humanizados, consciente ou inconscientemente, de acordo com Medina (1986), faz-se presente o imaginário, a subjetividade. As informações coletadas em entrevistas afloram traços da personalidade do entrevistado, revelam comportamentos, valores, o que enriquece o texto do perfil. Para este tipo de entrevista, a autora pontua, é possível que o perfilado passeie em atalhos, finja, sonhe e traduza seu sonho, avance e recue, perca-se no tempo e no espaço. Explora-se também a força emotiva do texto. Essa emoção, para Medina (1986), parte da subjetividade, por meio da atmosfera narrativa, da penetração sutil nas entrelinhas do diálogo, nos silêncios, nos ritmos de cada pessoa.

Quanto às maneiras de construção de perfil, Sodré e Ferrari (1986) destacam três formas de organizar o texto: i) o perfil de discurso direto, desencadeado pela fala exclusiva do personagem, sendo que ele mesmo se apresenta; ii) o de discurso indireto, quando, informado, quem toma a palavra e apresenta o perfilado é o narrador; e iii) uma mistura dos dois modos, referente ao repórter que não conhece seu personagem pessoalmente e relata a experiência do encontro, compartilhando com o leitor as descobertas acerca do caráter do perfilado.

Considerando a construção dos perfis, Vilas Boas (2003) traça um paralelo entre o gênero e os *portraits* (retrato). O autor afirma que pintores, desenhistas e fotógrafos sempre tiveram conhecimento do problema de se obter a expressão pretendida: alguns artistas dão autonomia à pessoa para que assuma a pose que quiser; já outros esperam pelo momento perfeito, significativo. Com os perfis acontece algo similar, no entanto, todos os encontros com o perfilado são significativos. O perfilado não é um modelo em pose em busca de um ângulo perfeito e uma imagem pretendida. Para Vilas Boas (2003, p. 19) "enquanto os *portraits* expressam, necessariamente, uma fisionomia, por mais tosca, os perfis jornalísticos expressam uma trajetória, por mais sintética".

No perfil, Silva (2010) afirma que a experiência humana é a principal referência. A reportagem focaliza uma persona e relata as impressões, o presente e as lembranças relevantes da vida dela. Seja um anônimo ou conhecido do público, para Silva (2010) através do perfil é possível encontrar a profundidade que existe na aparência do relatado.

Ele tem um estilo único no jornalismo, baseando-se no processo: autor - perfilado - autor - perfil – leitor (SILVA, 2010).

O gênero perfil tem grande tendência a promover a autoria do jornalista, que de fato, deve ser estimulada, conforme Vilas Boas (2003). O autor do perfil deve fugir das fórmulas das matérias noticiosas e imprimir ao texto as impressões que o entrevistado tem acerca dos assuntos que estejam ocorrendo no presente, principalmente na área que tenha maior autoridade. De acordo com Vilas Boas (2003), é esperado que o jornalista lance luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história da pessoa, a fim de que suas ações possam ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável (VILAS BOAS, 2003)

O perfil influencia o modo como os leitores enxergam a si, o outro, a natureza humana em geral. Segundo Vilas Boas (2003, p. 14),

> os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem.

O público busca se identificar com o perfilado, ou busca fazer uma comparação de si com o outro, da própria vida com a vida do outro, o que promove o consumo desse tipo de texto. A vida do outro interessa. Nessa perspectiva, o objeto dessa pesquisa pode ser considerado um objeto também de consumo e de interesse. Ao tratar da vida de profissionais do sexo, narrando situações da vida profissional e pessoal dessas pessoas, ao tratar de um universo estigmatizado e marginalizado como a prostituição, o caderno pode despertar a curiosidade e o interesse do público. Isso porque os perfis provocam reflexões sobre os campos objetivos e subjetivos comuns à existência.

Apesar da menor durabilidade (se comparados a biografias em livros), Vilas Boas (2003) acrescenta que os perfis têm grande importância como gênero jornalístico, mesmo que anos ou meses após a publicação do texto personagem tenha mudado suas opiniões ou atitudes. Vilas Boas (2003) cita Barret ao afirmar que o que os autores buscam num pequeno espaço é tão ambicioso quanto uma biografia se propõe a ser nas amplas páginas de um livro.

O ponto central do perfil, portanto, é o personagem perfilado, a persona. Dentro do perfil jornalístico, o registro de detalhes que compõem cenas e destacam a aparência do personagem tem uma importância muito significativa. Nesse gênero, os trechos

descritivos são mais presentes. Para Vilas Boas (2003), o perfil se vale mais que qualquer outro gênero da aguçada percepção e observação do repórter e de sua capacidade de transformar esses elementos não verbais em textos, a fim de explorar da melhor forma toda a subjetividade expressa pelo perfilado:

> O fato de os atos e as reações de uma personagem deixarem transparecer, ainda que de maneira fluida, as suas características, tem uma enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela faz e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos. São recursos consideráveis (VILAS BOAS, 2003, p. 29).

Os perfis atuam como biografias suspensas em processo: sintetizam os dados da vida, focalizando em episódios específicos, congelando somente uma fração do tempo. "O que importa, na verdade, assim como no cotidiano, é o momento, o instante. Ou seja, como ele [o perfil] lê a sua vida a partir do atual" (SILVA, 2010, p. 411).

Ao considerar tais conceituações, concluímos que o caderno *Hildas de Hoje* é uma grande reportagem que aborda o universo da prostituição. Os nove textos que serão analisados fazem parte dessa grande reportagem e tratam-se de perfis, uma vez que abordam a vida de prostitutas e, mesmo que de forma breve, apresentam-nas como personagens principais ao narrar parte da história de vida de cada uma delas. Ainda que sejam textos construídos em torno de um tema específico - a prostituição -, são as prostitutas as personagens principais que recebem foco nos perfis. Então o caderno versa sobre a prostituição e a vida de prostitutas ao perfilá-las.

1.3 Apresentação e contextualização do material de análise

A popularização das mídias digitais na última década não extinguiu o uso da mídia impressa, que ainda constitui um importante difusor de informações. O jornal impresso, por exemplo, que teve sua ascensão no Brasil a partir da chegada da corte portuguesa no século 18, segue ainda hoje exercendo seu papel social de fazer ver os mais variados assuntos, mesmo com o advento das novas tecnologias da informação. A modernização e mudança sociais certamente afetam a demanda da agenda midiática que, por sua vez, se adapta às novas necessidades que surgem com o passar do tempo. Segundo Chaparro (2000), a bibliografia tradicional reza que o jornalismo é entendido como um processo de mediação entre a sociedade e os acontecimentos sociais, relatando ou comentando os fatos eleitos para a divulgação. No entanto, o autor pontua que essa simples mediação sofreu

uma mudança, transformando-se em um ambiente para a legitimação de sujeitos que outrora não recebiam espaço, voz e visibilidade.

Sérgio Vilas Boas (2002) afirma que o jornalismo é um importante segmento da comunicação de massa e, com seus preceitos próprios, desempenha os deveres básicos de informar, explicar e orientar o público disperso e heterogêneo. O jornal impresso tem como função informar os seus leitores, podendo constituir, de maneira secundária, uma fonte de distração e entretenimento. Como suporte textual, o jornal é um veículo composto por diversos gêneros textuais do universo jornalístico. Entende-se suporte textual por meio da perspectiva de Marcuschi (2003) que afirma que um suporte de gêneros é

> um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto (MARCUSCHI, 2003, p. 11).

A organização do jornal impresso é feita por meio de seções que são destinadas a diferentes temas e assuntos, como, por exemplo, economia, cidade, cultura, ciência, esporte. Essas seções podem ser organizadas em cadernos que agrupam diferentes gêneros – artigos, notícias, entrevistas - que abordam um mesmo tema. Os cadernos, conforme o Manual da Redação da Funorte[20] (2016, p. 27), são conjuntos de folhas que somam no mínimo quatro páginas e que compõe o jornal. O caderno é criado e recriado com o objetivo de atender a demanda social de informação. O jornal impresso é composto por cadernos fixos, os que são publicados em todas as suas tiragens e cadernos especiais, que tratam de temas relevantes e de interesse social, mas que não precisam fazer parte, necessariamente, do corpo fixo do jornal. Desse modo, o caderno pode, também, ser uma publicação em uma seção especial de uma edição específica, ou pode transformar-se em um caderno de publicação diária ou semanal durante um período específico que seja suficiente para abordá-lo, sem tornar-se parte fixa do periódico[21].

O objeto desta pesquisa é parte de um caderno especial do jornal Estado de Minas. O caderno em questão é composto por oito páginas e compreende uma série vinte textos que abordam "a realidade e as fantasias das prostitutas da Guaicurus" (*Hildas de Hoje*,

[20] Faculdades Integradas do Norte de Minas.
[21] É importante lembrar que existem jornais impressos de menor alcance, em geral, oriundos de cidades do interior, e que são editados em apenas um caderno, mas que, embora menores, não deixam de exercer sua função.

capa), conforme consta no texto da capa. Este caderno não faz parte do corpo fixo do jornal; constitui a seção *Especial*, na qual o veículo publica reportagens especiais, com periodicidade não fixa. Dentre esses vinte textos, nove são perfis de prostitutas que vivem/trabalham em hotéis da rua Guaicurus em Belo Horizonte, Minas Gerais, famosa rua que abriga hotéis destinados à prostituição na capital mineira desde a sua inauguração, em 1987 (ANDRADE, TEIXEIRA, 2004).

É importante mencionar que o jornal Estado de Minas é um dos jornais de maior circulação no Brasil. Segundo a ANJ[22] – Associação Nacional de Jornais – o Estado de Minas, em 2015, ocupou o 15º lugar no ranking dos maiores jornais do país, com circulação média de 48.695 tiragens diárias no período de janeiro a dezembro de 2015. Esses números são válidos apenas para a versão impressa do jornal, que também possui versão digital. Esse foi o último resultado publicado pela ANJ. À presente pesquisa, esses números importam, pois ilustram o alcance tomado pelo objeto aqui contemplado, sobretudo se for considerado o alcance que uma voz marginalizada, a das prostitutas, pode atingir. Sendo assim, a mediação proporcionada pelo periódico transformou-se em um ambiente para a legitimação de sujeitos que outrora não recebiam espaço, voz e visibilidade.

O caderno *Hildas de Hoje* é uma edição da seção *Especial* do jornal *Estado de Minas*, em comemoração aos 25 anos de publicação da obra de Roberto Drummond, Hilda Furação, que narra a vida da personagem com mesmo nome, prostituta de sucesso na década de 1960. No livro, Drummond apresenta Hilda como um verdadeiro furacão que estremeceu as estruturas das famílias tradicionais da sociedade da capital mineira nos anos 60. O romance é baseado na história real de uma das grandes prostitutas do cenário brasileiro dos anos 1960: Hilda Valentim ou Hilda Furacão. No entanto, o romance hibridiza realidade e ficção, mostrando a criatividade de Drummond ao retratar a prostituta que "virou lenda, mito, boato e inspiração para as mulheres na Guaicurus" (*Hildas de Hoje*, p.7):

> "Um boato festivo, colorido, maravilhoso...", dizia Roberto Drummond, quando questionado sobre a existência, ou não, da mulher que mexeu com o imaginário nacional. Mestre em mesclar realidade e ficção em seus romances, o escritor dizia que a personagem existiu, mas foi mitificada e mistificada. [...] A verdadeira Hilda, de fato, deu vida à literatura sem ter vivido o que a imaginação do escritor mineiro eternizou. A Furacão

[22] Disponível em http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/. Acesso em 21/03/2018.

> existiu, mas não era rica, nem sequer chegou perto do Minas Tênis Clube. Aliás, morreu sem saber onde era o clube. (*Hildas de Hoje*, p.7 – texto de apoio)

Veiculado tanto em versão impressa, quanto em versão digital[23], o caderno foi publicado em uma edição de domingo, dia 16 de abril de 2016. Além dos nove perfis já mencionados, o especial apresenta textos de apoio que abordam a questão da prostituta e da prostituição. Os textos são assinados pelas jornalistas Luciane Evans e Flávia Ayer. Segundo a própria redação do *Especial,* "por dois meses, a reportagem frequentou os hotéis da zona boêmia" (*Hildas de Hoje*, capa).

Os demais textos que fazem parte do caderno se dividem em um texto de apresentação, oito textos de apoio que abordam: i) a questão da luta legal pela conquista de direitos trabalhistas das prostitutas; ii) como a economia afeta a prostituição; iii) a questão do preconceito contra prostitutas; iv) o "perfil da zona" por meio de um trecho de um artigo escrito por uma das nove prostitutas perfiladas; v) como o carnaval afeta a Guaicurus; vi) um trecho da obra *Hilda Furacão*; vii) o museu do sexo em Belo Horizonte e, por fim, viii) o encontro do filho de Roberto Drummond, Ivan Drummond, com Hilda Valentim, a Hilda Furacão. Há também um perfil de Hilda Furacão e outro sobre a rua Guaicurus, texto que encerra o *Especial*.

A organização gráfica dos textos e das páginas é apresentada da seguinte forma: todas as páginas, a partir da segunda página, possuem, em seu topo a data de publicação; o nome da seção, *Especial,* e o título do caderno, *Hildas de Hoje*, centralizado no alto da página sobre uma fotografia da personagem do texto principal da página – inclusive a Guaicurus –, conforme mostra a imagem a seguir:



Figura 9: topo da página 2 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

[23] Disponível em http://especiais.em.com.br/hildas-de-hoje. Acesso em 21/03/2018.

Salvo a primeira e a última, cada página do caderno compreende três textos: um perfil centralizado (texto principal), em tamanho maior acompanhado de antetítulo (acima do título), título, uma fotografia da personagem do texto principal centralizada e antes do início do perfil, um excerto do texto, que será conceituado como olho[24] e que se localiza abaixo da fotografia com letras destacadas com fonte maior e em cor vermelha. O texto centralizado é sempre assinado por sua autora. Além do texto centralizado, há dois textos que ocupam um espaço menor em colunas laterais.

Conforme Grandin (2000, p. 71), o antetítulo precede o título e deve ter menor destaque em corpo de letra e não deve ter extensão maior que uma linha. Ainda conforme a autora, o antetítulo completa o título, fornecendo informações que o complementem e contribuam para maior compreensão do texto. Além disso, cumpre uma função estética, conferindo quebra de monotonia e equilíbrio à página.

A fotografia, conforme o Manual de Redação (2010, p. 32-33), é mais que um mero complemento ao texto: a fotografia é imprescindível para conquistar a atenção do leitor e aguçar seu interesse pelo assunto. Vale lembrar que ela é um recurso utilizado pelo caderno que confere um tom de mistério e fantasia, característicos do tema e propostos pela capa. As fotografias utilizadas pela reportagem, em geral, apresentam coloração escura e/ou avermelhada, tons que representam o mistério em torno do assunto, além de sombras e nudez, que podem aguçar o imaginário sobre a prostituição. Além disso, das nove personagens, cinco optam por não mostrarem o rosto, o que dá a entender que há um sentimento de insegurança com relação ao preconceito que poderiam vir a sofrer, caso fossem reconhecidas. As quatro personagens que optaram por mostrarem o rosto, fomentam um encorajamento de mulheres que não têm vergonha do que fazem e que consideram seu trabalho tão digno quanto os trabalhos que não sofrem preconceito social.

Nas páginas 2, 3, 4 e 5, como será mostrado em figuras mais adiante, os textos das laterais direitas são perfis de prostitutas – não assinados pela autora – e que seguem a seguinte estrutura: título, olho destacado com letras vermelhas, o corpo do texto em menor dimensão, e uma pequena fotografia após o texto. Vale lembrar que o trecho que aqui é denominado como olho se trata de uma citação de um dito da prostituta perfilada. Os

[24] Segundo o Manual de Redação da Funorte - Faculdades Integradas do Norte de Minas (2016, p. 32), olho é uma frase destacada sob o título ou no conjunto da página.

textos das laterais esquerdas das páginas acima citadas são textos de apoio[25].

As páginas 6 e 7 apresentam uma pequena diferença: os textos das duas laterais são textos de apoio; o texto principal da página 7 é sobre Hilda Furacão e trecho em destaque com letras vermelhas e centralizado antes do texto não se trata de uma citação da personagem evidenciada pelo texto – Hilda Furacão.

A capa evidencia, com fonte diferenciada, em vermelho e preto – cores predominantes no caderno -, centralizado no alto da página, o título do *Especial*, *Hildas de Hoje,* além de um dizer de uma das prostitutas em tom vermelho*:* "Aqui, chamo o homem de lindo, meu amor, mesmo que não seja nada disso", o que já aproxima o leitor da voz das prostitutas. Na capa, também está o enunciado que aborda a motivação da produção do caderno: "A realidade e as fantasias das prostitutas da Guaicurus, 25 anos depois do lançamento do livro de Roberto Drummond".

Além disso, há o que parecem ser fragmentos de fotografias, em tons escuros, das mulheres entrevistadas, nudez e rostos disfarçados por ângulos e cortes, o que pode configurar um atrativo à reportagem, corroborando o conceito de mistério impresso pela apresentação do caderno. O texto de apresentação, também na capa, discorre brevemente sobre a motivação da reportagem – a comemoração de 25 anos de publicação da obra Hilda Furacão de Roberto Drummond -, sobre a inspiração – Hilda Furacão –, sobre a rua Guaicurus, e é finalizado com a frase: "O mistério permanece", mantendo o tom enigmático já proporcionado pela diagramação das fotos e dos dizeres que tomam a maior parte da página:

[25] Os textos de apoio, conforme o Manual de Redação da Folha (2010, p. 23) são adendos que podem consistir em uma memória histórica de fatos, mapas, gráficos, explicações didáticas, demonstrações visuais de acontecimentos, entre outros recursos. É uma espécie de texto complementar. No *Hildas de Hoje*, os textos de apoio se configuram sem uma estrutura padronizada, diferente dos perfis. Ora apresentam título e um trecho introdutório em destaque antes do texto, ora apresentam apenas título e texto; ora apresentam título e texto escrito em tópicos.

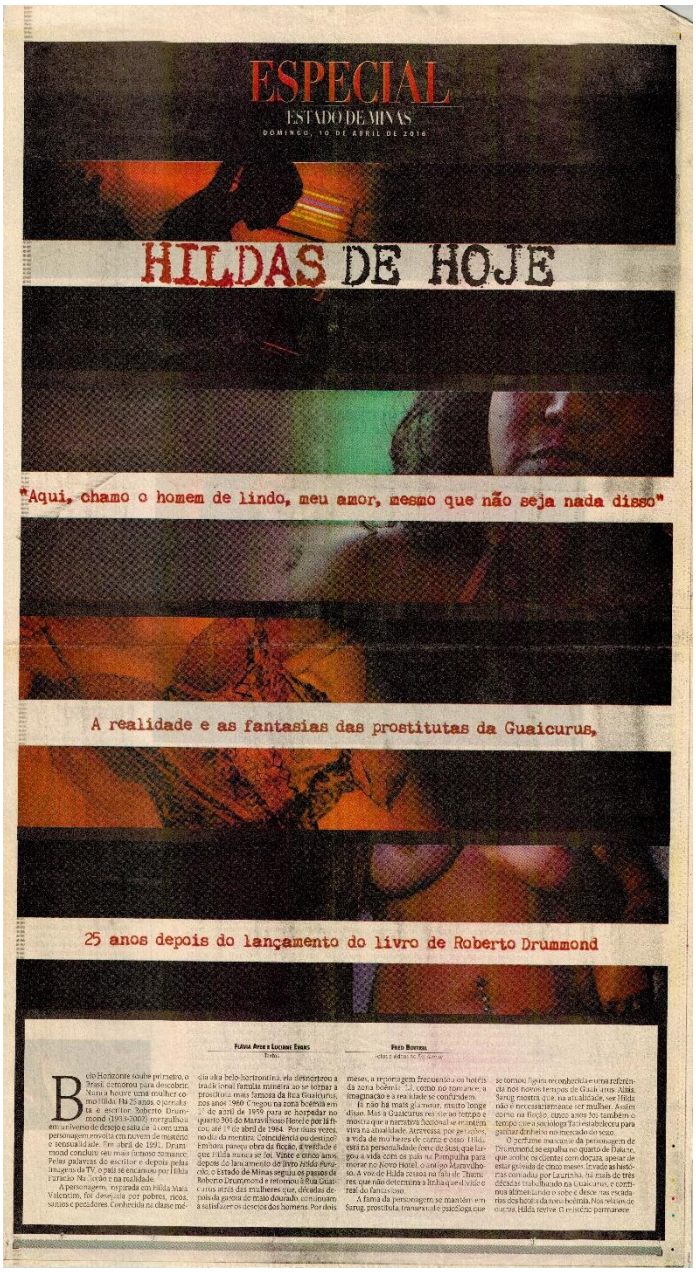


Figura 10: capa do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

A última página, página 8 (figura 11), discorre sobre a Rua Guaicurus, em um texto localizado abaixo de duas fotografias que representam um comparativo da rua entre os anos 1963 e 2016. As fotografias ocupam toda a distância da largura da página, estão abaixo de um antetítulo e possuem legendas. Abaixo das legendas das fotografias, está o título. No fim da página, há o expediente, que apresenta a equipe de reportagem:



ESTADO DE MINAS • DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 2016 8

ESPECIAL

HILDAS DE HOJE

NA GUAICURUS DE ONTEM E DE HOJE, LUTA PELOS DIREITOS DAS PROSTITUTAS CONTINUA

1963

RUA DESTINADA A ABECADISTAS POR ESTAR PRÓXIMA À ESTAÇÃO DE TREM E AO MERCADO, PROJETADOS NA CONSTRUÇÃO DE BH, TINHA AR-ES DE REGIÃO PORTUÁRIA, O QUE CONTRIBUIU PARA A FAMA DE ZONA BOÊMIA

2016

GLAMOUR DOS TEMPOS EM QUE ERA FREQUENTADA PELOS BARÕES DO CAFÉ DEU ESPAÇO A PRÉDIOS DEGRADADOS QUE ABRIGAM HOTÉIS DE PROSTITUIÇÃO E LOJAS DESTINADAS AO COMÉRCIO POPULAR

ESQUINA DE GERAÇÕES

EXPEDIENTE

REPORTAGEM Flávia Ayer, Fred Bottrel e Luciani Evangelista • EDIÇÃO DE TEXTOS Rafael Alves • EDIÇÃO DE ARTE Kiko Moreira • EDITORA-EXECUTIVA Renata Neves • DIRETOR DE REDAÇÃO Carlos Marcelo Carvalho • Confira edição ampliada no em.com.br

Figura 11: página 8 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

A segunda página tem como texto central o perfil de *Susi* (perfil 1 – figura 12), uma das prostitutas entrevistadas. Chamada pela edição da reportagem de "novinha do Novo Hotel", mesma forma com que a prostituta é conhecida na Guaicurus, *Susi* é considerada sensação no hotel onde atua, o mesmo em que *Hilda Furacão* fez sucesso na década de 1960. Filha de uma família de classe média, como *Hilda Furacão*, a garota diz ter iniciado essa carreira porque quis e não pretende largar. Na mesma página, há na lateral direita a história de *Karla* (perfil 2 – figura 12). O texto, que é menor, apresenta a prostituta que está há seis anos na profissão e é casada com um de seus primeiros clientes. *Karla* que, paralelamente, tem um negócio no setor de alimentação, diz adorar se prostituir. Ainda na mesma página, à esquerda, há um texto de apoio cujo título é *"Luta*

legal" (figura 12) e que discorre sobre o projeto de lei que corre para legalizar a prostituição, que é ainda ilegal no Brasil.



2 ESTADO DE MINAS • DOMINGO, 19 DE ABRIL DE 2015

ESPECIAL

HILDAS DE HOJE

A 'NOVINHA DO NOVO HOTEL' É A SENSAÇÃO DO ANTIGO LAR DA MUSA DE DRUMMOND

SUSI

"NÃO DOU LIBERDADE. FAÇO ELES SOFREREM"

LUTA LEGAL

KARLA

"É FÁCIL, É DIFÍCIL, É GOSTOSO"

Figura 12: página 2 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

Thamires (perfil 3 – figura 13) é a personagem do perfil seguinte, na página 3. Enrolada numa toalha, a prostituta mostra seu rosto com um sorriso estampado. O antetítulo a apresenta: "Experiência de ser rainha do próprio corpo dentro de um templo de fantasias". *Thamires* é veterana na prostituição, tem três filhos e uma casa fora da Guaicurus, onde assume outra identidade. Além de *Thamires*, a página 3 do caderno *Hildas de Hoje* apresenta *Bruna Carioca* (perfil 4 – figura 13), cuja fotografia não mostra

seu rosto, apenas o contorno dele. *Bruna* relata agressões vividas por prostitutas. Na lateral esquerda da mesma página, há o texto *"Crise no quarto"* (figura 13), que apresenta um trecho do livro *Hilda Furacão* e discorre sobre questões econômicas que afetam a prostituição.



ESTADO DE MINAS · DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 2016 3

ESPECIAL

HILDAS DE HOJE

EXPERIÊNCIA DE SER RAINHA DO PRÓPRIO CORPO DENTRO DE UM TEMPLO DE FANTASIAS

THAMIRES

CRISE NO QUARTO

"É A CRISE DO BRASIL SOBE AS ESCADAS DO MARAVILHOSO HOTEL E BATE NA PORTA DO QUARTO 304? (...) – É NO QUARTO 304 QUE A CRISE ENTRA ANTES DE QUALQUER OUTRO LUGAR, E AGORA ELA ENTRA DUAS VEZES: ENTRA POR CAUSA DA INFLAÇÃO DO JANGO E ENTRA PORQUE OS CORONÉIS DO INTERIOR SUMIRAM, E ELES É QUE FAZEM A FESTA DO 304."

Hilda Furacão, de Roberto Drummond

"A GENTE É UM CONTO DE FADAS PARA ELES"

BRUNA CARIOCA

"HÁ MAIS SOFRIMENTO DO QUE GLAMOUR"

Figura 13: página 3 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

Na página seguinte, o antetítulo do texto principal identifica *Daiane* (perfil 5 – figura 14): "Grávida de 5 meses, jovem de 20 anos sustenta a família e sonha ser empresária". A fotografia, logo abaixo do título *Daiane* mostra a silhueta da prostituta que afirma "Meu marido trabalha para mim". *Daiane* já tem uma filha e conta que enquanto ela se prostitui para prover a família, o namorado cuida do lar e da menina. A

página 4 apresenta, também, o perfil de *Manu* (perfil 6 – figura 14). À direita da página, o olho do texto, logo abaixo do título denuncia: “O dinheiro vale a pena. O serviço, não”. *Manu* aponta o desemprego como a causa para ter entrado na prostituição aos 19 anos. À esquerda, um pequeno texto discorre sobre a *“Putafobia”* (termo que também é o título do texto), o preconceito contra prostitutas (figura 14).


4 ESTADO DE MINAS

ESPECIAL

HILDAS DE HOJE

GRÁVIDA DE 5 MESES, JOVEM DE 20 ANOS SUSTENTA A FAMÍLIA E SONHA SER EMPRESÁRIA

DAIANE

“MEU MARIDO TRABALHA PARA MIM”

PUTAFOBIA

MANU

“O DINHEIRO VALE A PENA. O SERVIÇO, NÃO”

Figura 14: página 4 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

A página seguinte traz os perfis de *Tatiana* (perfil 7 – figura 15) e de *Laura* (perfil 8 – figura 15). O antetítulo do texto principal adianta que *Tatiana* é socióloga e pretende deixar a prostituição. Ela aparece numa fotografia logo abaixo do título (Tatiana), no banheiro de seu apartamento, vestida de maiô branco. O olho “Quero deixar um legado para a sociedade” é um vestígio do trabalho acadêmico da prostituta que, além de

prostituta, é professora, tem um mestrado não concluído, e demonstra vontade de sair do trabalho sexual para ascender numa profissão que se relacione com sua formação acadêmica. A página 5 traz ainda o perfil de *Laura*. À direita da página, o olho logo abaixo do título "Não precisa beleza, nem idade" revela que a prostituta é veterana, tem 58 anos. O texto mostra que *Laura* construiu a vida, criou a filha com o dinheiro da prostituição e sente orgulho do que faz. Na coluna da esquerda, há um trecho de um artigo escrito por *Tatiana*, socióloga e prostituta, e pela antropóloga Marina França que discorre sobre o *"Perfil da Zona"* (figura 15).


ESTADO DE MINAS • DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 2016 5

ESPECIAL

HILDAS DE HOJE

ASSIM COMO A PERSONAGEM, A SOCIÓLOGA FIXOU PRAZO PARA DEIXAR A GUAICURUS

TATIANA

"QUERO DEIXAR UM LEGADO PARA A SOCIEDADE"

PERFIL DA ZONA

LAURA

"NÃO PRECISA BELEZA NEM IDADE"

Figura 15: página 5 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

A página 6 apresenta o perfil de *Sarug* (perfil 9 – figura 16). O antetítulo "Transexual divide a cama e a vida acadêmica entre prostituição e psicologia" faz uma síntese de quem é a perfilada. *Sarug* é casada com um antigo cliente, é doutoranda e pesquisa os efeitos terapêuticos da prostituição. Na página 6, como já mencionamos, o texto da direita não apresenta uma prostituta entrevistada, mas como *Hilda Furacão* é vista pela ótica de Roberto Drummond, em um resumo da caracterização que o autor fez de sua personagem. O texto da esquerda segue a linha das outras páginas e no texto *"Carnaval"* (figura 16) apresenta um trecho do livro *Hilda Furacão* e um parágrafo sobre o carnaval na Guaicurus.


ESTADO DE MINAS

ESPECIAL

HILDAS DE HOJE

TRANSEXUAL DIVIDE A CAMA E A VIDA ACADÊMICA ENTRE PROSTITUIÇÃO E PSICOLOGIA

SARUG

"A GRANDE PÉROLA DA PROSTITUTA É ACOLHER E ESCUTAR"

CARNAVAL

HILDA POR DRUMMOND

Figura 16: página 6 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

A penúltima página, a 7, apresenta como texto central a inspiração para a criação do caderno, *Hilda Furacão* (figura 17). O texto segue a diagramação dos demais com antetítulo, título, fotografia e olho, que nesse caso não é uma citação da personagem em foco. O texto conta como foi o fim da vida de *Hilda*, que aparece na fotografia já idosa. À direita, o texto cujo título é "Como encontrei Hilda Valentim" (figura 17), traz o relato de Ivan Drummond sobre como localizou *Hilda* na Argentina. O texto da esquerda discorre sobre o *"Museu do Sexo em BH"* (figura 17).



ESTADO DE MINAS

ESPECIAL

HILDAS DE HOJE

O MITO QUE VIVEU NO GLAMOUR DOS ANOS 1950 MORREU NA SOLIDÃO DE UM ASILO

HILDA FURACÃO

A REALIDADE DENTRO DA FICÇÃO

COMO ENCONTREI HILDA VALENTIM

IVAN DRUMMOND

MUSEU DO SEXO EM BH

Figura 17: página 7 do caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas.

Como se pode notar, o material que será objeto de análise aborda nove mulheres, sendo uma delas transexual. Entre as nove mulheres, duas são acadêmicas (Tatiana e

Sarug), três são casadas ou tem um relacionamento (Karla, Daiane e Sarug), três são veteranas, ou seja, estão há muitos anos na profissão (Thamires, Bruna e Laura). A maior parte delas aparenta estar bem resolvida com a escolha profissional que fizeram, embora algumas relatem algumas das mazelas desse universo.

Os nove perfis sobre as prostitutas apresentam uma fotografia, no entanto, nem todas apresentam o rosto: Susi, Karla, Bruna, Daiane e Manu ocultam seus rostos nas fotos. Já Thamires, Tatiana, Laura e Sarug apresentam seus rostos ao contar parte de suas vidas para a sociedade.

CAPÍTULO 2 - A IMAGEM DAS PROSTITUTAS

Neste capítulo, analisaremos as imagens que o EUe[26] constrói das prostitutas perfiladas no caderno *Hildas de Hoje*. A proposta é identificar e analisar os mecanismos linguístico-discursivos utilizados na construção da imagem dessas mulheres.

Consideramos imagem uma construção produzida a partir de um conjunto de descrições, qualificações e ações que o EUe enuncia sobre as prostitutas perfiladas. Nicola Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia (2007, p. 537), define imagem como "semelhança ou sinal das coisas, que pode conservar-se independentemente das coisas". O autor menciona Aristóteles ao afirmar que imagens são como as coisas sensíveis, porém sem matéria. Nesse sentido, para Abbagnano (2007), imagem é um produto da imaginação. Para Ruth Amossy (2016, p. 9), "todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si", imagem que é mentalmente construída. A partir da concepção de imagem como produto da imaginação e da concepção de Amossy (2016), consideramos que, quando o EUe toma a palavra para discorrer sobre as prostitutas descrevendo-as e qualificando-as, ele constrói uma imagem das perfiladas.

É necessário diferenciar imagem de imaginário. Imaginário é por nós definido como uma forma de apreensão do mundo que, segundo Charaudeau (2017), constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. São verdades construídas coletivamente e que circulam pela sociedade. Para o autor, o imaginário é

> resultado da atividade de representação que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos (...). Logo, os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2017, 579).

O conceito de estigma parte da perspectiva de Goffman (2004), que considera ser o estigma um atributo depreciativo, uma quebra de expectativa de um grupo com relação

[26] EUe (Eu enunciador), sujeito de fala localizado no circuito interno do ato de linguagem, representa o traço de intencionalidade do EUc (Eu comunicante – circuito externo do ato de linguagem). O EUe é responsável por um certo efeito de discurso produzido sobre o interpretante.

a identidade de um ser. Para o autor, a sociedade estabelece formas de categorizar os indivíduos por meio de atributos considerados comuns aos membros de cada categoria, de modo que os ambientes sociais definem as categorias de pessoas que tem a probabilidade de serem neles encontrados. Inconscientemente, essas categorias tornam-se exigências, que criam a expectativa com relação à identidade dos seres. Assim, se essa expectativa não é satisfeita, a tendência é que se constitua o estigma.

Para construir a análise, utilizaremos as categorias propostas por Charaudeau (2016) no âmbito da Teoria Semiolinguística que ele desenvolve, sobretudo ao discorrer sobre os modos de organização do discurso. À medida que tais categorias se fizerem presentes no material de análise, elas serão apresentadas e seus efeitos de sentido explicitados.

2.1 Características gerais dos perfis

Os perfis que analisaremos são construídos por discurso relatado, uma vez que, conforme já mencionamos na seção 1.2 do capítulo 1, o gênero perfil, em geral, é produzido a partir da realização de entrevistas. Discurso relatado é, na perspectiva de Charaudeau (2007), o ato de enunciação pelo qual um locutor relator relata o que foi dito por um locutor de origem, dirigindo-se a um interlocutor que, em princípio, não é o interlocutor de origem. O discurso relatado é, então, caracterizado pelo "encaixe de um dito num outro dito" (CHARAUDEAU, 2007, p. 162). Assim, ao menos uma parte do que é dito deve ser atribuída ao locutor de origem.

Charaudeau (2007, p. 163) considera que o discurso relatado pode caracterizar diferentes "tipos de prova": de autenticidade do dito de origem, de responsabilidade daquele que disse, de verdade do que foi dito, "verdade que vem sustentar e mesmo justificar ou fundamentar os *propósitos* do locutor-relator" (CHARAUDEAU, 2007, p 163 – realce do autor).

Por serem construídos em discurso relatado, os perfis podem alternar o dizer do EUe com o dizer do sujeito que é perfilado. Por essa razão, um elemento comum ao gênero perfil e que ocorre em todos os perfis que analisaremos é a incorporação de citações diretas, que reproduzem o dizer das prostitutas e oferecem maior credibilidade ao EUe. A citação, que é uma forma de discurso relatado, consiste, conforme Charaudeau (2016, p. 240) "em referir-se o mais fielmente possível (...) às emissões escritas ou orais de um outro locutor, diferente daquele que cita".

Além disso, Charaudeau (2016) propõe que a citação faz parte de um fazer argumentativo, na medida em que se revela como "uma fonte de verdade, testemunho de um dizer, de uma experiência, de um saber" (CHARAUDEAU, 2016, p. 240), o que produz um efeito de autenticidade. Desse modo, citar um dizer, além de contribuir para a descrição, prova a veracidade do que é relatado. Nos perfis, consideraremos as citações como parte da construção das imagens e, além disso, como um possível mecanismo utilizado pelo EUe para alcançar a adesão do leitor.

Considerando que a construção dos perfis acontece por meio de discurso relatado, é importante mencionar que esse tipo de discurso faz parte de um dos componentes da construção enunciativa do modo de organização do discurso enunciativo proposto por Charaudeau (2016). Ao discorrer sobre o modo enunciativo, Charaudeau (2016) aponta que sua finalidade é identificar a posição que os sujeitos falantes adotam no ato linguageiro e busca mostrar o ponto de vista que o enunciador tem em relação ao que diz, ao que o outro diz e com relação ao seu interlocutor. Assim, o modo enunciativo é organizado em três componentes da construção enunciativa: a alocutiva, a elocutiva e a delocutiva, que se referem a três relações de influência (CHARAUDEAU, 2016).

O alocutivo, conforme Charaudeau (2016), visa a analisar a relação de influência do locutor sobre o interlocutor. O sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, com seu dizer, o implica e lhe impõe um comportamento. Ou seja, o sujeito falante, na instância de sua enunciação, atribui "papéis linguageiros" a si e ao interlocutor. Esses papéis podem ser: de superioridade em relação ao interlocutor, que impõe a si papéis que impõem ao interlocutor o cumprimento de uma ação – fazer fazer / fazer dizer - ou inferioridade em relação ao interlocutor e assume papéis nos quais necessita do saber ou do poder fazer do interlocutor.

No elocutivo, Charaudeau (2016) aponta que o enunciador modaliza seu ponto de vista sobre o mundo sem implicar o interlocutor em sua tomada de posição. Esse posicionamento, segundo o autor, pode ser especificado como i) um ponto de vista do modo de saber, que mostra como o locutor tem conhecimento de um propósito; como ii) um ponto de vista avaliativo, que mostra como o locutor julga o propósito enunciado; iii) um ponto de vista de motivação, que mostra o motivo pelo qual o sujeito realiza o conteúdo do propósito referencial; iv) um ponto de vista de engajamento, que mostra o grau de adesão ao propósito e v) um ponto de vista de decisão, que especifica o estatuto do sujeito diante da decisão.

Nos perfis em análise, predomina o delocutivo, no qual, segundo Charaudeau

(2016), há um apagamento do locutor e do interlocutor. O sujeito falante, nesse componente, se comporta como um observador da forma pela qual os discursos do mundo se impõem a ele. Isso resulta em uma enunciação que aparenta ser objetiva e que retoma textos e propósitos não pertencentes ao locutor, como se o locutor não exprimisse sua opinião e estivesse retratando o mundo como ele de fato o é. No entanto, para Charaudeau (2016), é importante ressaltar que essa objetividade aparente se trata de um efeito causado por estratégias linguísticas e discursivas formuladas pelo locutor. No delocutivo, "o propósito *existe em si* e *se impõe* aos interlocutores em seu modo de dizer: 'Asserção' ou 'Discurso relatado'" (CHARAUDEAU, 2016, p. 100 – realce do autor).

A modalidade de asserção é, para Charaudeau (2016, p. 100), a maneira de apresentar uma verdade, é um "modo de dizer". Na modalidade de discurso relatado, conforme o autor, o locutor relator relata o que o locutor de origem disse e como disse, o que resulta em diferentes maneiras de relatar. Charaudeau (2016) enumera quatro maneiras de relatar o discurso de origem, que pode ser i) citado, o qual reproduz o enunciado que retoma; ii) integrado, em que o discurso de origem é parcialmente integrado ao discurso do relator, conhecido também como citação indireta (proposições como *ele disse que x*, por exemplo); iii) narrativizado, em que o discurso de origem se integra totalmente ao discurso relatado (proposições como *ele confessou x*, por exemplo) ou iv) evocado, em que o discurso de origem é evocado pelo discurso relatado (proposições como *como ele diz,* por exemplo). Em nossa análise, daremos maior atenção à modalidade de citação, pois este é um elemento comum a todos os perfis que analisaremos e acreditamos que sua ocorrência contribui para a construção da imagem das perfiladas.

O delocutivo, como já mencionado, pode resultar, conforme Charaudeau (2016, p. 83), em uma enunciação "aparentemente objetiva (no sentido de 'desvinculada da subjetividade do locutor')". Assim, é possível considerar que o EUe, ao reproduzir o dizer das prostitutas pela modalidade delocutiva de citação, pode produzir o efeito de não estar vinculado ao que é enunciado, uma forma de expressar um dizer sem imputar a si a autoria e a responsabilidade de sua significação. No entanto, embora o EUe dê a entender que deseja se afastar de um dizer trazendo ao texto uma citação, acreditamos que seja inegável que tal citação incorporada ao texto não expresse sua subjetividade.

Conforme Sukiennik (2016),

> (...) o simples fato de escolher tal ou tal fragmento de um enunciado para relatá-lo constitui já uma operação com implicações consideráveis. Pois tal escolha constitui uma intervenção do locutor que não é neutro, mesmo se este tenta apresentá-la como uma supressão enunciativa (...). a escolha ou omissão de uma parte do enunciado pode resultar de considerações pessoais, ideológicas, afetivas etc. O enunciador pode negar a responsabilidade das conversações, pois pode sempre afirmar que apenas cita, mas o fato de escolher citar tal personagem e tais dizeres pode ser considerado em si como uma tomada de posição. Ele pode não assumir as conversações citadas, mas não pode negar a responsabilidade de sua escolha (SUKIENNIK, 2016, p. 186).

Desse modo, ao escolher proposições a serem colocadas como citações diretas na modalidade delocutiva, como será verificado, tem-se o efeito de que o EUe tenta se afastar do que é enunciado. Entretanto é possível considerar que tais elementos também apresentam um ponto de vista do EUe. Assim, tais enunciados são considerados parte da construção que o EUe faz da imagem das perfiladas.

Todos os perfis que serão analisados apresentam como categoria linguística essencial para identificação das personagens o procedimento de denominação específica, por meio da atribuição de nome próprio. Segundo Charaudeau (2016), o procedimento de denominação faz parte do modo de organização do discurso descritivo e é um dos procedimentos linguísticos para nomear.

Ao discorrer sobre o modo de organização do discurso descritivo, Charaudeau (2016, p. 112) propõe três componentes descritivos que são, para o autor, os mesmos elementos que "constituem a base da identidade civil". Os componentes são: i) nomear; ii) localizar-situar e iii) qualificar que são empreendidos no discurso por meio de procedimentos discursivos de identificação (componente nomear), de construção objetiva do mundo (componente localizar-situar) e de construção ora objetiva, ora subjetiva do mundo (componente qualificar).

O processo de nomear, conforme Charaudeau (2016), consiste em dar existência a um ser por meio de uma dupla operação: perceber uma diferença e relacionar essa diferença a uma semelhança, a fim de constituir um princípio de classificação. À luz dessa perspectiva, Charaudeau (2016) afirma que é o sujeito que constrói e estrutura a visão do mundo. Nesse sentido, nomear representa o resultado de uma operação que consiste em fazer existir seres significantes no mundo, ao classificá-los. Nessa ótica, descrever significa identificar os seres do mundo cuja existência se verifica por meio de um consenso social. Essa identificação, entretanto, é cerceada pela situação de comunicação na qual se inscreve, tornando-se relativa pela decisão do sujeito descritor.

Os procedimentos discursivos que possibilitam a nomeação são os de

identificação, que fazem com que um "ser seja", nomeando-o. Entre os procedimentos linguísticos utilizados pela identificação, está, conforme Charaudeau (2016), a denominação, que tem a finalidade de identificar os seres de um ponto de vista geral, denominado classe de pertinência ou identificação genérica por meio de nomes comuns, ou particular, chamado de especificidade ou identificação específica, por meio de nomes próprios.

A identificação por nome próprio está presente em todos perfis, sendo substituída algumas vezes por um pronome ou por algum substantivo que faça referência à perfilada (o quadro abaixo apresenta os nomes que são utilizados para identificar as perfiladas). Para Charaudeau (2016), um nome próprio, mais que para rotular, serve para singularizar o ser.

Conforme Ferreira e Galindo (documento sem data[27])

> O nome civil é trazido no ordenamento jurídico brasileiro como emanação direta dos Direitos Personalíssimos, que precedem a formação da personalidade de um cidadão. O nome, especificamente, tem previsão expressa nos artigos 16 a 19 do Código Civil, garantindo o direito a todos de ter um nome (assim compreendido o prenome e o sobrenome) e, ainda dando proteção a ele caso seja molestado (Arts. 17 e 18). O referido diploma protege até o pseudônimo pelo qual certa pessoa é conhecida (Art. 19). A importância desse instituto é patente, já que se trata da principal forma de distinção e principalmente individualização de um ser humano no meio em que vive, seja familiar, seja comunitário (FERREIRA, GALINDO, s/d, p. 1).

As prostitutas são identificadas nos perfis pelos seus nomes, sejam eles nomes de registro, ou nome de trabalho:

Perfil	Nome de identificação	Sobrenome	Apelido
1	Susi		
2	Karla		
3	Thamires (nome profissional)		
4	Bruna Carioca		
5	Daiane		
6	Manu		
7	Tatiana	Vieira	Tati (nome profissional)
8	Laura		
9	Sarug	Dagir	

Com exceção do perfil 3, os perfis não indicam explicitamente se o nome utilizado para identificar a perfilada é nome de registro ou nome que utilizam profissionalmente.

[27] De agora em diante, utilizaremos a sigla s/d para indicar documentos sem data especificada.

Entretanto, os perfis 7 e 9 apresentam nome e sobrenome, permitindo considerar que são nomes de registro. O perfil 7 apresenta nome e sobrenome, mas indica que a perfilada utiliza apelido no ambiente de trabalho, diferente da perfilada do perfil 6, que é identificada apenas pelo apelido.

A identificação por nome e sobrenome, além de distinguir as prostitutas, conforme Ferreira e Galindo (s/d), demonstra a família à qual pertencem e demonstra sua origem, o que cria o efeito de que elas assumem a prostituição.

Por outro lado, Barros (2005) mostra que a prostituta, muitas vezes, se despe de seu nome e atribui a si um "nome de guerra"[28], a fim de esconder sua atividade profissional, tendo em vista o preconceito que existe contra a profissão. Manter outra identidade cria o efeito de que a prostituta está buscando aceitação social, é uma forma de criar um espaço que garanta a sociabilidade de forma igual.

Passemos agora para a análise de cada perfil, a fim de identificar como os elementos se configuram na construção de cada texto, suas particularidades de forma a indicar como se dá a construção da imagem das nove prostitutas produzidas pelo locutor.

[28] Nome utilizado na prostituição.

2.3 – Susi



A 'NOVINHA DO NOVO HOTEL' É A SENSAÇÃO DO ANTIGO LAR DA MUSA DE DRUMMOND

SUSI

"NÃO DOU LIBERDADE. FAÇO ELES SOFREREM"

Homens de todas as classes sociais sobem as escadas do Novo Hotel. Espremem-se pelo corredor, chegam ao terceiro andar e param à porta do segundo quarto à direita, onde a moradora diz ser completamente profissional, o que inclui aí uma restrição: não se apaixona. Susi, de 21 anos, tem longos cabelos pretos, corpo esguio e definido, olhos amendoados, rosto juvenil e personalidade forte que aflorou depois dos seus estudos em escola militar. "Não dou liberdade. Se um cliente me irritar, sai do meu quarto sem roupa", avisa.

Furacão? Já ouviu falar da "tal moça" que virou minissérie na TV, mas não tem interesse algum nessa história. Tampouco reconhece ter algo em comum com Hilda. Mas a primeira coincidência entre elas é que a personagem de Roberto Drummond trabalhou no Maravilhoso Hotel, que há uma década virou Novo Hotel, no Hipercentro de BH. E é justamente no terceiro andar, onde Hilda levava os homens à loucura, que Susi hoje é "a novinha", assim chamada pelos clientes.

Numa tarde de sexta-feira chuvosa, ela, vestida de short e camiseta preta básica, abriu a porta do quarto do hotel somente às 17h, ainda com a cara de sono – ressaca da balada na noite anterior. Correu para um bar na Rua Guaicurus, comprou uma marmita com macarrão na chapa. No corredor do hotel, retirou um refrigerante em lata da máquina de venda. Entrou para o quarto e fechou a porta. Sem maquiagem ou lingerie, cruzou as pernas sobre a cama, e, entre uma garfada e outra de macarrão, respondia às mensagens de clientes e amigos no WhatsApp. "O que querem saber?", indaga à reportagem do Estado de Minas.

E, ali, havia o mistério que Roberto Drummond tentou, sem sucesso, desvendar de seu personagem. A dúvida é a mesma quando se trata de Susi: o que levou a garota de classe média a largar a vida com os pais na Pampulha e os estudos no Colégio Tiradentes?. A bela, filha de um advogado e militar e de uma empresária, ambos da igreja evangélica, não tem resposta única. Dá voltas. Ora faz entender que foi em busca da independência financeira, ora fala sobre antigo relacionamento que não deu certo. Mas não justifica a situação para a escolha. Revela que foi estuprada aos 5 anos e aos 12 por um parente que frequentava a casa dos seus pais. Guarda no peito o ódio pelos homens. "Faço eles sofrerem. Só vou ficar satisfeita quando 'ele' morrer."

SEM MIMIMI É aí que a personagem e a realidade se confundem. Apesar de a dama de Drummond dizer amar os "deserdados do mundo" e Susi afirmar não ter "esse mimimi de carinho", ambas nunca sentiram prazer nas relações. Em conversa com Drummond, Furacão chegou a mencionar que fingia tudo. "Nunca senti nada, eu fingia, beijos fingidos, orgasmos fingidos, alegria fingida." Susi diz o mesmo e vai além. "Sou profissional, praticamente um robô. É tudo automático."

No amor, as duas se encontram novamente. Hilda teve uma paixão proibida por um frei que lhe deixou marcas. Susi guarda na memória o ex-namorado, o único que amou e, que, agora, quer vê-lo pagar pelo seu sofrimento. Traz na perna uma tatuagem com as iniciais do jovem. "Mas ele vai sofrer", promete, rancorosa, sem dar detalhes sobre o fim da relação.

Susi trabalhou desde os 15 anos como cabeleireira em BH e, aos 18, diz ter perdido o emprego. Na época, morava com o namorado e, em casa, assistindo à TV, viu uma reportagem sobre a Miss Prostituta na Guaicurus, o que mudou sua vida. "Falei com ele (ex-namorado): estou indo. Ele não acreditou. Mas no meu primeiro dia, cheguei em casa com R$ 700 no bolso", orgulha-se. O primeiro caminho foi em casa de massagem com garotas de programa de alto luxo.

SEM VOLTA Ficou lá por dois anos, engravidou – assunto que deixa como mistério. Depois, foi para a Guaicurus. "Eu vim porque quis. Ninguém me trouxe, não conhecia ninguém que era garota de programa. Vim por intuito mesmo. Depois disso, não consigo parar de trabalhar aqui", conta. Susi mora no quarto do Novo Hotel, mesmo depois de ter comprado uma boa casa na capital. Trabalha de segunda a segunda, das 8h à meia-noite. Como cabeleireira, ganhava cerca de R$ 1,2 mil por mês. Hoje, fatura em torno de R$ 1 mil por dia e paga R$ 220 pela diária do quarto onde mora. Seus pais sabem da sua escolha, não aprovam e pedem à filha para parar. Não se falam. Mas Susi decidiu: "Não quero largar". *(Luciane Evans)*

Figura 18: Perfil 1 – Susi – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

Como se pode ver, este perfil é iniciado por um antetítulo que alude ao que será relatado sobre a personagem:

> Susi/ excerto 1: A ‘novinha do Novo Hotel’ é a sensação do antigo lar da musa de Drummond.

O EUe, no excerto Susi/ 1, utiliza a expressão “novinha do Novo Hotel” entre aspas, o que se repetirá no desenvolvimento do texto do perfil:

> Susi/ excerto 2: E é justamente no terceiro andar, onde Hilda levava os homens à loucura, que Susi hoje é “a novinha”, assim chamada pelos clientes.

Quanto ao emprego de aspas, Maingueneau (2004) afirma que há o emprego autonímico, “quando o signo se refere a si mesmo”, como um uso metalinguístico e há o emprego em modalização autonímica que “se caracteriza por não limitar às palavras colocadas entre aspas, mas por englobar o conjunto dos procedimentos por meio dos quais o enunciador desdobra, de uma certa maneira, seu discurso para comentar sua fala enquanto está sendo produzida” (MAINGUENEAU, 2004, p.158). Dessa forma, o enunciador informa explicitamente que o enunciado que está citando pertence a outro enunciador.

Maingueneau (2004) enumera quatro formas de modalização autonímica com base na perspectiva de Authier-Revuz: i) a não-coincidência interlocutiva, quando as modalizações autonímicas indicam a distância que existe entre os coenunciadores (expressões como *desculpe a expressão*, por exemplo); ii) a não-coincidência do discurso consigo mesmo, quando alude a um outro discurso dentro de seu próprio discurso (expressões como *como as palavras de x*, por exemplo); iii) a não-coincidência entre as palavras e as coisas, quando se indica que as palavras empregadas não correspondem à realidade que deveriam designar (expressões como *poderíamos dizer x*, por exemplo) e iv) a não-coincidência das palavras consigo mesmas, quando o enunciador assinala que o sentido da palavra pode ser ambíguo (expressões como *no sentido primeiro da palavra*, por exemplo). No entanto, Maingueneau (2004) afirma que a forma de modalização autonímica mais frequente e mais discreta em textos escritos se dá pelo uso de aspas.

Consideraremos, para a análise dos excertos Susi/ 1 e Susi/ 2, o emprego de aspas como modalização autonímica que incide sobre o termo “novinha”. O termo em questão é constituído pelo radical do adjetivo nova (nov) com o acréscimo do sufixo “inha”, que indica diminutivo do termo.Conforme Evanildo Bechara (2009), o emprego dos diminutivos pode associar-se a expressões carinhosas. Assim, quando utilizado como

adjetivo, o termo “novinha” se refere carinhosamente a uma criança ou a uma mulher jovem. No perfil, a palavra foi substantivada ao ser definida pelo artigo “a” e foi citada como uma forma de identificar Susi. Substantivado, o vocábulo é utilizado para caracterizar mulheres jovens e, ao mencioná-lo entre aspas, o EUe sugere uma valorização que a perfilada recebe e, também, recupera o imaginário de que a mulher mais jovem é objeto de desejo para a prática do ato sexual, sobretudo porque alguns segmentos de nossa sociedade ainda valorizam a virgindade. Esse imaginário pode ser observado pela letra da música “Oh, novinha” de Mc Don Juan, funk lançado em 2016 (ano de publicação do caderno *Hildas de Hoje*), em que a “novinha” é considerada um objeto de desejo sexual:

> Oh, Novinha – Mc Don Juan[29]
>
> Oh novinha, eu quero te ver contente
> Não abandona o piru da gente
> Que no Helipa, confesso, tu tem moral
> Vinha aqui na favela
> Pra sen-, pra sen-, pra sentar no pau
> Pra sen-, pra sen-, pra sentar no pau
>
> Oh novinha, eu quero te ver contente
> Não abandona o piru da gente
> Que no Helipa, confesso, tu tem moral
> Vinha aqui na favela pra sentar no pau
> Vinha aqui na favela pra sentar no pau
>
> Então tu pega o telefone, desbloqueia a tela
> Vai no seu contato e procura o número dela
> Pra ligar pra ela, pra ligar pra ela
> Hoje deu uma vontade de comer a xereca dela
> Pra ligar pra ela, pra ligar pra ela
> Hoje deu uma vontade de comer a xereca dela
>
> Que no Helipa, confesso, tu tem moral
> Que no Helipa, confesso, tu tem moral
> Vinha aqui na favela pra senta no pau
> Vinha aqui na favela pra senta no pau

A modalidade delocutiva de citação é utilizada pelo EUe logo após o título, quando apresenta o olho (trecho em destaque) do texto:

[29] Disponível em https://www.letras.mus.br/mc-don-juan/nao-abandona/

Susi / excerto 3: “Não dou liberdade. Faço eles sofrerem”

No excerto Susi/ 3, o EUe evoca uma menção entre aspas (citação). Outra função para o emprego de aspas, conforme Maingueneau (2004), é indicar que o enunciador está fazendo uma menção a um enunciado de outro enunciador, quando as coloca (as aspas) ao início e ao fim do enunciado citado[30]. De agora em diante, utilizaremos o conceito de Charaudeau (2016) de modalidade delocutiva de citação para indicar os enunciados das prostitutas mencionados pelo EUe que forem selecionados para análise. A modalidade delocutiva de citação trazida pelo EUe deixa entender que a perfilada se mostra como uma actante retribuidora, pois oferece um castigo a um outro actante (seus clientes): o castigo de fazer os homens “sofrerem”, permitindo entrever características como frieza, rancor e ódio. Charaudeau (2016) considera, ao apresentar o modo de organização do discurso narrativo, que os actantes são categorias discursivas que compõem a lógica narrativa.

A organização da lógica narrativa trata da construção lógica de uma sucessão de ações que vai constituir a trama de uma história. Além dos actantes, também são componentes da lógica narrativa os processos que unem os actantes e as sequências que integram processos e actantes numa finalidade narrativa e que localizam os actantes no tempo e no espaço. Para Charaudeau (2016), como os actantes são categorias discursivas, ou seja, não são expressos na materialidade linguística, suas ações são interpretáveis discursivamente (CHARAUDEAU, 2016). Charaudeau (2016, p. 160) atribui aos actantes papéis que estão “relacionados à ação da qual dependem”. Conforme o autor, o actante pratica a ação ou sofre a ação.

O actante que pratica a ação, segundo Charaudeau (2016), pode ser categorizado em cinco formas: i) actante agressor, que comete um malefício a outro actante; ii) actante benfeitor, que transmite um benefício a outro actante; iii) actante aliado, que se associa a outro actante a fim de defendê-lo ou auxiliá-lo; iv) actante oponente, que contraria as ações de outro actante; e v) actante retribuidor, que recompensa ou castiga outro actante. Essa ação pode ocorrer de forma voluntária (o actante é consciente de sua ação), involuntária (o actante não apresenta intenção na ação), direta (o actante enfrenta diretamente a ação) e indireta (o actante age por fingimento ou como intermediário).

Conforme Charaudeau (2016), se o actante sofre a ação ele pode ser considerado

[30] As aspas estão presentes na modalidade delocutiva de citação.

vítima, quando é afetado negativamente pela ação de outro actante, ou beneficiário, quando é afetado positivamente. Se o actante vítima reage, a reação pode ocorrer por fuga (o actante evita o afrontamento), por resposta (o actante age contra seu agressor) ou por negociação (o actante tenta neutralizar a agressão). Se o actante beneficiário reage, a reação pode acontecer por retribuição ou pela recusa do benefício.

Considerando esses papéis, analisaremos quais deles podem ser interpretados em relação ao que é relatado sobre as perfiladas pelo EUe, a fim de verificar como eles podem contribuir para a construção das imagens das prostitutas.

Adiante, o EUe, por meio dos procedimentos descritivos localizar-situar e de acumulação de detalhes e precisões, descreve o espaço.

> Susi/ excerto 4: Homens de todas as classes sociais sobem as escadas do Novo Hotel. Espremem-se pelo corredor, chegam ao terceiro andar e param à porta do segundo quarto à direita, onde a moradora diz ser completamente profissional, o que inclui aí uma restrição: não se apaixona.

Os procedimentos localizar-situar e acumulação de detalhes e precisões são parte do modo de organização do discurso descritivo. Charaudeau (2016) propõe que o processo de localizar-situar consiste em definir um lugar no espaço e no tempo para um ser. Além disso, pode atribuir características a esse ser por meio da localização espaço-temporal. Esse componente aponta para um recorte objetivo do mundo, mas Charaudeau (2016) realça que esse recorte depende da visão que um grupo cultural idealiza sobre esse mundo.

Os procedimentos de localizar-situar, segundo Charaudeau (2016), consistem em construir uma visão de uma verdade sobre o mundo, o que Charaudeau (2016, p. 121) considera um imaginário social, que "constrói o mundo segundo o que crê ser a verdade, e que é apenas uma ilusão de verdade", qualificando os seres por meio de traços que podem ser verificados por qualquer outro sujeito além do sujeito falante. Os procedimentos linguísticos utilizados pelo componente localizar-situar consistem na utilização de categorias de língua que fornecem ao relato uma localização espaço-temporal, aplicando precisões, detalhes, a identificação dos lugares e da época, ou, ao contrário, a utilização de categorias de língua que indefinem o lugar e o tempo.

O acúmulo de detalhes e precisões, na perspectiva de Charaudeau (2016), é um procedimento linguístico do processo para qualificar, que consiste em atribuir aos seres (ou lugares) classificações, da mesma forma que o componente nomear. No entanto, a

qualificação classifica os seres de forma mais singular, pois os especifica de maneira objetiva ou subjetiva. De forma objetiva, o sujeito descreve elementos verificáveis por outro sujeito, que não o descritor; de forma subjetiva, descreve não somente com base na racionalidade, mas em sentimentos e apreciações pessoais, baseadas em sua visão de mundo particular. O universo é, então, construído em relação ao imaginário pessoal do sujeito (CHARAUDEAU, 2016).

Os procedimentos descritivos para localizar-situar e acúmulo de detalhes utilizados no excerto Susi/ 4 atribuem um efeito de saber ao descritor e de realidade ao relato, comprovando sua veracidade, de modo que dão a entender que são uma estratégia do EUe para obter credibilidade e adesão de seu discurso (esses efeitos também fazem parte do modo descritivo e são resultantes do emprego dos procedimentos linguísticos já mencionados).

Seguindo o texto, o EUe identifica a perfilada por denominação específica e a qualifica com um acúmulo de detalhes e precisões:

> Susi/ excerto 5: Susi, de 21 anos, tem longos cabelos pretos, corpo esguio e definido, olhos amendoados, rosto juvenil e personalidade forte que aflorou depois dos seus estudos em escola militar. “Não dou liberdade. Se um cliente me irritar, sai do meu quarto sem roupa”, avisa.

O procedimento descritivo de qualificação por acúmulo de detalhes e precisões no excerto Susi/ 5 é construído com parte objetiva, parte subjetiva. As características físicas da prostituta (qualificação objetiva) são elementos passíveis de verificação. A fotografia de Susi, posicionada abaixo do título do perfil permite observar parte dessas qualificações.

A fotografia da perfilada, que é escura, mostra sua sombra com um celular na mão. Seu rosto não é nítido, o que preserva a identidade de Susi; o anonimato pode ser algo caro a ela, levando em conta o preconceito.

Considerando que “tanto o retrato pictórico, quanto o fotográfico apreendem *A identidade* do sujeito ou alguma das possíveis que ele possa estar performatizando” (COSTA, 2017, p 74 – realce do autor), a fotografia escura e que não mostra o rosto da perfilada dá a entender que a imagem que será discursivamente construída é de alguém que aparenta não querer se mostrar além das palavras. Ou seja, embora a perfilada abra sua vida e fale de si, mostrar o rosto é mostrar sua identidade que pode ser associada a estigmas. E, por isso, ela não o mostra.

Ainda assim, a fotografia se configura como uma qualificação objetiva feita pelo

EUe, que permite, desse modo, que o texto verbal e o não verbal se completem, como forma de, novamente, trazer credibilidade a seu discurso e comprovar a veracidade do que enuncia sobre a perfilada, inclusive sobre o que não é passível de verificação: a fotografia é uma forma de dizer que Susi existe e cria o efeito de que sua história é real.

A qualificação subjetiva do excerto Susi/ 5 é feita pela caracterização de um traço de personalidade ("personalidade forte"). Para criar o efeito de personalidade forte que atribui à prostituta, o EUe recupera o imaginário do rigor de instituições militares ao relacionar o traço de personalidade marcante com os estudos em colégio militar.

Consideremos o excerto seguinte:

> Susi/ excerto 6: (...) e Susi afirmar não ter "esse mimimi de carinho" (...) Susi diz o mesmo e vai além. "Sou profissional, praticamente um robô. É tudo automático."

Pela modalidade delocutiva de discurso citado, o EUe indica o profissionalismo de Susi ("Sou profissional, praticamente um robô. É tudo automático"). A ideia de profissionalismo da perfilada é reforçada pelo seu não envolvimento afetivo com clientes e pela sua frieza, como se pode notar pelos termos "robô" e "automático". Além disso, o EUe utiliza aspas também no trecho "esse mimimi[31] de carinho", em que o autor cita e usa a expressão (modalização autonímica), reproduzindo mais um dizer da perfilada, que aparenta se distanciar de afetividades.

O EUe utiliza o procedimento descritivo de denominação por classe de pertinência:

> Susi/ Excerto 7: A dúvida é a mesma quando se trata de Susi: o que levou a garota de classe média a largar a vida com os pais na Pampulha e os estudos no Colégio Tiradentes?. A bela, filha de um advogado e militar e de uma empresária, ambos da igreja evangélica, não tem resposta única.

No excerto Susi/ 7, o EUe utiliza a denominação por classe de pertinência que é uma forma de identificação genérica do procedimento nomear do modo descritivo e indica uma classe à qual o ser pertence, conforme Charaudeau (2016). Assim, o EUe inscreve a perfilada em uma classe de pertinência, a classe social, e utiliza, também, o procedimento localizar-situar, que indica a região em que ela foi criada e na qual a família vive, o que deixa entender que foi introduzido para reforçar a classe social da perfilada. Indicar a

[31]Mimimi é um termo utilizado na comunicação informal para designar reclamação ou frescura.

classe média sugere que a família da perfilada tem uma boa condição econômica e mencionar a profissão dos pais indica que é boa a condição financeira da família de Susi. O EUe sugere, então, que essa seja uma razão para que a prostituição não seja uma opção de vida para alguém.

Além disso, a classe de pertinência de religião atribuída aos pais de Susi ("ambos da igreja evangélica") também cria o efeito de que Susi escapou a uma expectativa que poderia ser atribuída a ela, uma vez que religiões cristãs são avessas à prostituição e qualificam a atividade como um pecado grave. Desse modo, é construída a ideia de que Susi é uma transgressora, que foge do que se espera de alguém de classe média pertencente a uma religião cristã.

O EUe apresenta por um procedimento alocutivo através do enunciado em forma interrogativa ("o que levou a garota de classe média a largar a vida com os pais na Pampulha e os estudos no Colégio Tiradentes?") que interpela o leitor, fazendo-o, possivelmente, se identificar como alvo do questionamento e a refletir sobre a condição social de Susi, o que pode ser compreendido como uma estratégia para conquistar adesão do leitor. A interpelação é uma modalidade alocutiva do modo enunciativo que espera que o interlocutor se reconheça como alvo do enunciado, ao ser interpelado pelo locutor.

Os procedimentos utilizados nesse excerto (Susi/ 7) apresentam Susi como um actante-voluntário (papel narrativo), consciente da escolha que fez e permitem perceber que a prostituição pode ser uma opção de vida.

O EUe apresenta razões possíveis para o ingresso de Susi na prostituição:

> Susi/ excerto 8: Ora faz entender que foi em busca da independência financeira, ora fala sobre antigo relacionamento que não deu certo. Mas não justifica a situação para a escolha. Revela que foi estuprada aos 5 anos e aos 12 por um parente que frequentava a casa dos seus pais. Guarda no peito o ódio pelos homens.

No excerto Susi/ 8, o dizer cria efeito de que a perfilada é ora actante-beneficiária (papel narrativo) de sua própria ação, ora é uma actante-vítima (papel narrativo) da ação de outros actantes (o ex-namorado e o agressor). No processo narrativo, sua ação (ingressar na prostituição) recai sobre ela mesma em função de um melhoramento do estado inicial por transgressão de uma regra (religião e pais possivelmente conservadores) e por vingança (autorreparação), como mostra o excerto seguinte:

> Susi/ excerto 9: Susi guarda na memória o ex-namorado, o único que amou e, que, agora, quer vê-lo pagar pelo seu sofrimento. Traz na perna uma tatuagem com as inicias do jovem. “Mas ele vai sofrer”, promete, rancorosa, sem dar detalhes sobre o fim da relação.

Ao discorrer sobre a construção da lógica narrativa (modo de organização do discurso narrativo), além dos actantes, Charaudeau (2016) considera processos narrativos como componentes dessa lógica. Os processos narrativos “podem ser considerados como a semantização das ações em relação com a sua função narrativa” (CHARAUDEAU, 2016, p. 163). Assim, os processos funcionam como uma forma de qualificar a ação dos actantes. O processo é uma unidade de ação que ao ser relacionado com outras ações se transforma em função narrativa. Para Charaudeau (2016), as funções narrativas estão em estreita relação com os papéis actanciais, que se determinam reciprocamente. Assim, as funções podem ser determinadas pelos seguintes elementos do processo: i) a verificação sobre quem recai a realização de um ato (sobre o próprio agente ou sobre outro); ii) verificação da função que a realização do ato tem. Se o ato recai sobre o próprio agente, pode apresentar a função de i) melhoramento de um estado inicial por eliminação de uma ameaça, pela resolução de um problema, pela transgressão de uma regra, entre outras formas; de ii) conservação do estado inicial por eliminação de uma ameaça, por prevenção de um conflito, entre outras formas; ou de iii) degradação de um estado inicial por submissão ao poder do outro, por sacrifício ou por transgressão de uma lei (CHARAUDEAU, 2016).

Se a ação recai sobre outro actante também apresenta essas mesmas funções, mas, segundo Charaudeau (2016), ocorrem de forma diferente. A função de i) melhoramento de um estado inicial ocorre por eliminação de uma ameaça, intervenção e negociação em favor do outro ou por retribuição positiva; a função de ii) conservação de um estado inicial ocorre por eliminação de ameaça, intervenção em prol do outro ou neutralização de uma ameaça; e a iii) degradação de um estado inicial ocorre pela realização de um malefício sobre o outro, eliminação do adversário, traição, vingança, retribuição de um castigo ou intervenção contra o outro.

Ainda no excerto Susi/ 9, a perfilada é apresentada como actante-retribuidor (papel narrativo), que deseja aplicar uma punição a outro actante (seu ex-namorado e seu agressor) quando o EUe introduz a modalidade delocutiva de discurso citado (“Mas ele vai sofrer”, promete, rancorosa, sem dar detalhes sobre o fim da relação). O EUe dá entender que os clientes simbolizam os homens que a perfilada considera os vilões de sua

vida (seu ex-namorado e seu agressor) e não expressar afetividade a eles é uma forma de vingança. O verbo *dicendi* "promete" e a qualificação "rancorosa" que acompanham a modalidade delocutiva de discurso citado dão ênfase ao papel actancial acima verificado.

Acreditamos, assim como Maingueneau (1997), que não se deve ignorar os verbos destinados a introduzir o discurso relatado, os verbos *dicendi*. O autor propõe que em função do verbo escolhido, toda a interpretação do enunciado pode ser afetada. A partir da perspectiva de M. Charolles, Maingueneau (1997) mostra que excetuando o verbo dizer, considerado neutro, os demais possibilitam as mais variadas interpretações. Algumas interpretações propostas pelo autor são: a incidência i) sobre o valor de verdade do enunciado citado, ii) sobre a posição cronológica, iii) sobre o ponto de vista atribuído ao enunciador, face ao que diz e iv) uma hierarquia. Consideramos que seja importante mencionar que é o EUe quem traduz os propósitos do enunciador do discurso de origem. Isto equivale a dizer que é ele quem atribui ao enunciador do discurso citado uma intenção, e por isso consideraremos a incidência de alguns verbos *dicendi* durante a análise dos perfis.

A imagem construída de Susi é de vítima de situações que a encorajaram a se tornar prostituta, e que a prostituição não configura uma alternativa única. Entre tantas possíveis, Susi escolheu a prostituição, de uma forma consciente e da qual não aparenta não se envergonhar:

> Susi/ excerto 10: Depois, foi para a Guaicurus. "Eu vim porque quis. Ninguém me trouxe, não conhecia ninguém que era garota de programa. Vim por intuito mesmo. Depois disso, não consigo parar de trabalhar aqui", conta.

Susi é apresentada, no excerto Susi/ 10 como actante-voluntária (papel narrativo) de um ato intencional, nada se impôs a ela.

Assim, o texto se encerra:

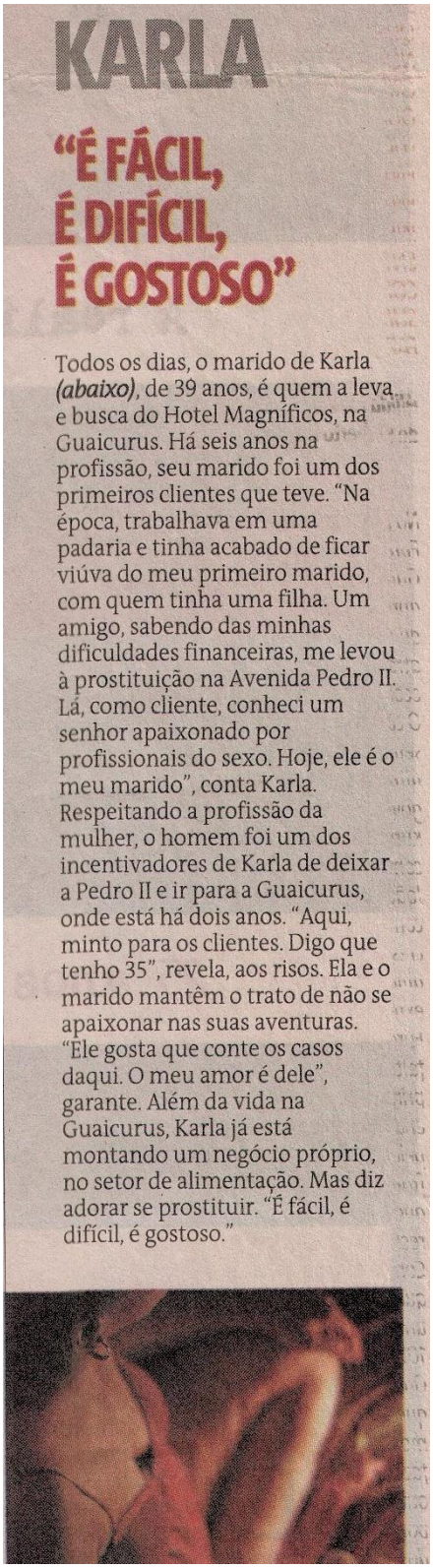
> Susi/ excerto 11: Seus pais sabem da sua escolha, não aprovam e pedem à filha para parar. Não se falam. Mas Susi decidiu: "Não quero largar".

Ao deixar entender que Susi é uma mulher profissional, o EUe permite entrever a relação que a perfilada tem com sua atividade: o trabalho é como qualquer outra profissão. Além disso, aparenta ser uma mulher decidida, que ingressou na prostituição de forma

consciente porque o quis fazer. E não parece se envergonhar do que faz e nem desejar deixar a profissão, o que causa um efeito de satisfação com o que exerce. O verbo *dicendi* utilizado no excerto Susi/ 11 “decidiu” orienta a leitura para o efeito de mulher decidida, que não teve sua imagem atrelada a um vitimismo.

A imagem que o EUe constrói de Susi gradativamente mostra sua personalidade, a razão de sua escolha, como a perfilada lida com a profissão e permite suscitar um questionamento sobre ideia de que prostitutas são seres passivos, vítimas de uma situação que as deixa sem outra alternativa e de que a situação financeira seja a única forte razão para se optar pela prostituição, mas essa escolha pode ser deliberada e consciente. Assim, a imagem construída de Susi é de protagonista de sua vida e decidida.

2.3 Karla



KARLA

"É FÁCIL, É DIFÍCIL, É GOSTOSO"

Todos os dias, o marido de Karla *(abaixo)*, de 39 anos, é quem a leva e busca do Hotel Magníficos, na Guaicurus. Há seis anos na profissão, seu marido foi um dos primeiros clientes que teve. "Na época, trabalhava em uma padaria e tinha acabado de ficar viúva do meu primeiro marido, com quem tinha uma filha. Um amigo, sabendo das minhas dificuldades financeiras, me levou à prostituição na Avenida Pedro II. Lá, como cliente, conheci um senhor apaixonado por profissionais do sexo. Hoje, ele é o meu marido", conta Karla. Respeitando a profissão da mulher, o homem foi um dos incentivadores de Karla de deixar a Pedro II e ir para a Guaicurus, onde está há dois anos. "Aqui, minto para os clientes. Digo que tenho 35", revela, aos risos. Ela e o marido mantêm o trato de não se apaixonar nas suas aventuras. "Ele gosta que conte os casos daqui. O meu amor é dele", garante. Além da vida na Guaicurus, Karla já está montando um negócio próprio, no setor de alimentação. Mas diz adorar se prostituir. "É fácil, é difícil, é gostoso."

Figura 19: Perfil 2 – Karla – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

Como se pode notar, o olho (trecho em destaque) do perfil 2, de Karla, é construído por um procedimento delocutivo. O EUe introduz uma modalidade delocutiva de discurso

citado que apresenta um posicionamento da perfilada sobre a profissão:

> Karla/ excerto 1: “É fácil, é difícil, é gostoso”

Esse enunciado mostra uma tensão entre o bom e o ruim.

Consideremos o excerto seguinte:

> Karla/ excerto 2: Todos os dias, o marido de Karla (abaixo), de 39 anos, é quem a leva e busca do Hotel Magníficos, na Guaicurus.

Nesse excerto, há um movimento narrativo que apresenta a rotina de Karla, dando a entender que ela é uma mulher comum[32]. Há também o procedimento descritivo de denominação por classe de pertinência. Ao mencionar “o marido de Karla”, o EUe indica que a prostituta é casada e desempenha, além do papel de prostituta, o de esposa (classe de pertinência – estado civil), o que cria também um efeito de mulher comum, contrariando uma possível ideia de que isso não seja praticável.

Diferente de Susi, o que levou Karla à prostituição foi a questão financeira. O EUe apresenta essa informação por uma modalidade delocutiva de discurso citado:

> Karla/ excerto 3: “Na época, trabalhava em uma padaria e tinha acabado de ficar viúva do meu primeiro marido, com quem tinha uma filha. Um amigo, sabendo das minhas dificuldades financeiras, me levou à prostituição na Avenida Pedro II. Lá, como cliente, conheci um senhor apaixonado por profissionais do sexo. Hoje, ele é o meu marido”, conta Karla.

Na citação apresentada pelo EUe, Karla aparece como uma actante-vítima (papel narrativo) de uma situação (procedimento narrativo), pois passou por dificuldades financeiras. Isso a fez optar pela prostituição, que conheceu por um amigo, um actante-aliado (papel narrativo), que tenta auxiliar Karla na situação que ela que vive. Essa ação visa a um melhoramento da situação inicial por resolução do problema financeiro (processo narrativo).

O EUe dá a entender que a viuvez a deixou com problemas financeiros para se sustentar e também sustentar a filha. Portanto o ingresso na profissão foi por necessidade.

---

[32] Entre os significados atribuídos ao termo comum pelo Mini Aurélio (2010) está o conceito de normal, habitual. É este o conceito que desejamos imprimir por meio do termo.

Adiante, mais uma característica de Karla é apresentada: a de fidelidade ao marido:

> Karla/ excerto 3: Ela [Karla] e o marido mantêm o trato de não se apaixonar nas suas aventuras. “Ele gosta que conte os casos daqui. O meu amor é dele”, garante.

O EUe atribui à prostituição e aos clientes a condição de aventura[33]. Assim, o contato entre Karla, uma mulher casada, com outros homens é considerado passageiro, casual, sem chance de um envolvimento afetivo. Desse modo, o EUe remete ao imaginário de fidelidade e dá a entender que Karla é uma mulher fiel, dentro das possibilidades que a profissão oferece a ela. Além disso, a modalidade delocutiva de citação argumenta em prol dessa ideia, pois dá a entender que Karla é honesta e conta tudo o que vive na prostituição para o marido. O imaginário de fidelidade é reforçado pela proposição “Meu amor é dele” e pelo verbo *dicendi* “garante”, que ratifica a ideia de esposa e fiel. Mencionar a fidelidade cria o efeito de relacionamento conjugal comum.

Assim, o EUe cria a ideia de uma mulher que, como tantas outras mulheres da modernidade, é casada, é mãe, e tem uma profissão na qual atua. A prostituta viveria uma vida comum.

Para encerrar o texto, o EUe indica que Karla é empreendedora, tem outro projeto, e que gosta de se prostituir:

> Karla/ excerto 5: Além da vida na Guaicurus, Karla já está montando um negócio próprio, no setor de alimentação. Mas diz adorar se prostituir. “É fácil, é difícil, é gostoso.”

O EUe utiliza a modalidade delocutiva de discurso narrativizado por meio da proposição “diz adorar se prostituir”. Assim, o EUe dá a entender que a permanência da perfilada na prostituição (bem como seu ingresso) é uma escolha consciente, apresentando-a como actante-voluntária (papel narrativo). Além disso, cria um efeito de satisfação profissional na prostituta. O trecho mostra também que Karla aposta em um negócio próprio, o que pode indicar que ela busca alternativas para manter sua estabilidade financeira.

Na fotografia, posicionada após o fim do texto, Karla não mostra seu rosto, preservando sua identidade.

---

[33] Para o dicionário Mini Aurélio (2010), um dos significados para o termo aventura é relacionamento amoroso passageiro.

O EUe constrói, então, a imagem de uma mulher que aparenta ser bem resolvida[34] com a profissão e de uma mulher comum, que parece ter uma vida comum, contrariando a ideia de que prostitutas são marginalizadas e rejeitadas para uma relação conjugal.

[34] A expressão bem-resolvida, conforme o Mini Aurélio (2010), tem valor adjetivo e pode ser conceituada de duas maneiras: 1 – que alcançou realização pessoal ou financeira; 2 – Sem traumas ou medos. Acreditamos que o segundo conceito é adequado para expressar o que desejamos.

2.4 Thamires

EXPERIÊNCIA DE SER RAINHA DO PRÓPRIO CORPO DENTRO DE UM TEMPLO DE FANTASIAS

THAMIRES



"A GENTE É UM CONTO DE FADAS PARA ELES"

São 15h de quinta-feira. O comércio no Baixo Centro está movimentado. Passageiros aguardam seus ônibus nos pontos e ambulantes oferecem pendrives e correntinhas aos pedestres. O sobe e desce incessante na escadaria do Hotel São Paulo, quase esquina com Guaicurus, aponta que, enquanto a vida corre, o mercado do sexo não pode parar. Há jovens, idosos, maltrapilhos e bem vestidos. No último quarto à direita do corredor amarelo e azul, a toalha pendurada na porta indica: "Thamires Loira R$ 20,00."

"Nua, sentada na cama, os seios empinados, um meio sorriso prometendo não apenas loucuras, mas muito mais: prometia a felicidade." Thamires se apresenta exatamente como o escritor Roberto Drummond descreveu Hilda Furacão na foto que mais fazia sucesso entre os clientes da lendária prostituta dos anos 1960. "Como querem me entrevistar?", pergunta. Enrolada numa toalha branca e sem descer do salto de 18 centímetros, ela está pronta para falar.

Ao fundo, as caixas de som do hotel ecoam *Evidências*, sucesso de Chitãozinho & Xororó. "Quanto eu digo que deixei de te amar / É porque eu te amo." Foi a separação do marido que a levou para a prostituição. Começou a atender clientes por telefone, depois trabalhou no ABC Paulista até ir para a Espanha, onde ficou por sete anos. "Nunca ganhei tanto dinheiro", diz. Entre idas e vindas, são mais de duas décadas como profissional do sexo. Há seis anos, começou a trabalhar na Guaicurus e, desde 2012, mora no Hotel São Paulo.

Com voz suave característica das damas, Thamires acolhe clientes dia e noite a R$ 30 o programa de até 15 minutos – o preço escrito na toalha pendurada na porta está desatualizado. Atualmente, fatura R$ 600 por dia – sem descontar a diária de R$ 130 do quarto. O trabalho pesado está distante do glamour com que Hilda Furacão recebia coronéis e homens da sociedade no Maravilhoso Hotel. Mas, aos 46 anos, Thamires se impõe no quarto como uma rainha. Não abre mão de alguns luxos, como um sabonete de qualidade, a roupa de cama trocada a cada três clientes, odorizador para perfumar o ambiente (artigo que considera estratégico em programas com homens malcheirosos) e cremes hidratantes.

No quarto de luz azulada, com cama de alvenaria e banheiro cujas paredes não chegam ao teto, divide sentimentos antagônicos. Ora sente-se um "objeto", ora alguém "muito importante". "Às vezes, me sinto uma máquina. Mas aqui tem muita carência e você faz bem às pessoas. Ninguém é obrigado a vir", diz. A música continua. "Mas para que viver fingindo/ Se eu não posso enganar meu coração." O coração dela está fechado. Namorou o gerente do hotel, largou a prostituição para trabalhar como faxineira, mas o romance não foi pra frente. Depois disso, nunca mais se apaixonou. "A vida na prostituição te faz deixar de confiar no ser humano", comenta.

Ela tem pressa na entrevista, um cliente antigo mandou mensagem avisando que está vindo. "Aqui chega de tudo e sempre trato bem. Tem aquele homem, por exemplo, que acabou de sair da cadeia. A gente é um conto de fadas para eles", afirma. Aos poucos, vai revelando que, tal qual Hilda Furacão, é também protagonista de uma fantasia. "A Thamires nasceu de uma personagem. É como Alice no País das Maravilhas", diz.

Fora da Guaicurus, Thamires tem outro nome, que não revela por nada. Da sua vida real a loira conta pouco. Os três filhos – um menino de 27, outro de 25 e uma menina de 22 – sabem da atividade da mãe. A filha sente orgulho. Um ou dois dias na semana, Thamires dorme no apartamento que comprou em Venda Nova, em BH. Conversa pouco com os vizinhos e prefere descansar em meio aos mais de 300 vidros de perfume e 400 pares de sapato. "Esse dinheiro da prostituição vai embora fácil".

TRABALHO E FÉ Na Guaicurus, mantém uma rotina disciplinada. Começa a trabalhar de manhã, depois de ler a *Bíblia*. Nos programas, deixa a silhueta corpulenta e tatuada à mostra e só não se despe da imagem de São Jorge Guerreiro e Nossa Senhora pendurados na correntinha. "Aqui eu chamo o homem de lindo, meu amor, mesmo que não seja nada disso", afirma, reforçando a nuvem de fantasia que paira sobre a Guaicurus.

Os casados são frequentes em seus lençóis. "E o que é preciso fazer para que os maridos não venham?", pergunta a repórter. "Me liga que eu te dou umas dicas", disse Thamires. Dias depois, no WhatsApp, ela informou que estava ocupada trabalhando. O telefone tocou várias vezes até cair na caixa postal, que tinha como música de fundo a balada romântica do sertanejo Zé Felipe. "Você mente quando diz que está em outra e não quer mais voltar / Você mente que não sente mais saudade deixou de me amar". *(Flávia Ayer)*

Figura 20: Perfil 3 – Thamires – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Hildas de Hoje

O perfil 3, como se pode ver, é iniciado pelo antetítulo que sintetiza o enredo que será desenvolvido sobre a perfilada:

> Thamires/ excerto 1: A experiência de ser rainha do próprio corpo dentro de um templo de fantasias.

No excerto Thamires/ 1, o procedimento linguístico de qualificação (“rainha do próprio corpo”), sugere que Thamires é uma prostituta experiente e segura.

Os procedimentos descritivos localizar-situar e qualificar por acúmulo de detalhes e precisões iniciam o texto do perfil:

> Thamires/ excerto 2: São 15h de quinta-feira. O comércio no Baixo Centro está movimentado. Passageiros aguardam seus ônibus nos pontos e ambulantes oferecem pendrives e correntinhas aos pedestres. O sobe e desce incessante na escadaria do Hotel São Paulo, quase esquina com Guaicurus, aponta que, enquanto a vida corre, o mercado do sexo não pode parar. Há jovens, idosos, maltrapilhos e bem vestidos. No último quarto à direita do corredor amarelo e azul, a toalha pendurada na porta indica: “Thamires Loira R$ 20,00.”

A acumulação de detalhes e precisões sobre o ambiente no início do texto atribui ao EUe um efeito de saber e ao relato um efeito de realidade, o que pode funcionar como uma prova de que o relato é sobre algo real. Os efeitos de saber e realidade podem envolver o leitor e também buscar sua adesão.

Consideremos o seguinte excerto:

> Thamires/ excerto 3: “Nua, sentada na cama, os seios empinados, um meio sorriso prometendo não apenas loucuras, mas muito mais: prometia a felicidade.” Thamires se apresenta exatamente como o escritor Roberto Drummond descreveu Hilda Furacão na foto que mais fazia sucesso entre os clientes da lendária prostituta dos anos 1960. “Como querem me entrevistar?”, pergunta. Enrolada numa toalha branca e sem descer do salto de 18 centímetros, ela está pronta para falar.

No excerto Thamires/ 3, o EUe insere um acúmulo de detalhes e precisões por meio de modalidade delocutiva de discurso citado, no qual cita Roberto Drummond, autor do livro Hilda Furacão. A citação sugere que Thamires é uma mulher segura de si e do que faz. No mesmo trecho, os novos detalhes sobre ela constroem uma descrição objetiva (“Enrolada numa toalha branca e sem descer do salto de 18 centímetros, ela está pronta para falar”) que pode ser verificada pela fotografia de Thamires, a qual acompanha o texto. Na fotografia de tons claros, abaixo do título, Thamires, enrolada em uma toalha, mostra o rosto, revelando sua identidade, o que sugere que ela é bem resolvida com a profissão.

O EUe apresenta a razão para o ingresso de Thamires na prostituição:

> Thamires/ excerto 4: Foi a separação do marido que a levou para a prostituição.

O EUe no excerto Thamires/ 4 mostra a perfilada como actante-vítima (papel narrativo) de uma situação que a levou para a prostituição, dando a entender que Thamires é alguém passivo. Esse efeito criado pela justificativa presente no excerto Thamires/ 4 pode ser utilizado como uma forma de buscar a complacência do leitor. É comum que mulheres recém separadas passem por dificuldades financeiras, tendo em vista a organização social baseada no patriarcalismo, que por muito tempo ofereceu à mulher a responsabilidade de cuidar do lar e dos filhos.

Embora o patriarcalismo tenha dado à mulher o papel de cuidar do lar e dos filhos, Saffioti (1976) propõe que a mulher nunca esteve alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares, a mulher contribuiu e contribui para a subsistência da família. Nas economias pré-capitalistas,

> a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizada outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental (SAFFIOTI, 1976, p. 32).

Contudo, conforme Saffioti (1976), trabalhando ou não, a mulher sempre foi considerada inferior e incapaz, sendo subordinada a um homem, fosse seu marido, ou não. O casamento, segundo a autora, era condição essencial para a felicidade pessoal da mulher, pois, somente através do casamento a mulher poderia garantir uma posição social e estabilidade econômica.

O estabelecimento do capitalismo, ainda na ótica de Saffioti (1976), marginalizou as mulheres do "trabalho de produção". No entanto, essa marginalização aconteceu apenas entre as mulheres esposas dos burgueses; as mulheres das camadas empobrecidas continuaram trabalhando, inclusive em condições desiguais de trabalho em indústrias, sobretudo porque eram reconhecidas como mão de obra barata, visto as incapacidades que eram atribuídas às mulheres.

Embora a mulher não tenha sido totalmente apartada do trabalho, a organização social patriarcal que normatizou a família burguesa na estrutura pai, mãe e filhos, conferiu ao homem o status de provedor econômico e à mãe, de provedora afetiva (GOMES

SZYMANSKI, 1994). Saffioti (2004) apresenta o patriarcado como a superioridade do homem sobre a mulher; o domínio do masculino sobre o feminino. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as mulheres estão diretamente subordinadas ao homem (NARVAZ, KOOLER, 2006):

> A posição da mulher, na família e na sociedade em geral, desde a colonização até hoje, demonstra que a família patriarcal foi uma das matrizes de nossa organização social. As mulheres brasileiras, nas primeiras décadas do século XX, não haviam conquistado os direitos civis garantidos ao homem. Precisavam exigir seus direitos de cidadã e aumentar sua participação na vida pública. Em 1916, foi criado o Código Civil Brasileiro, patriarcal e paternalista, no qual constava que a mulher casada só poderia trabalhar com a *autorização* do seu marido. (...). Somente em 1962 é que o Código Civil Brasileiro sofreu alterações, permitindo que mulheres casadas pudessem trabalhar sem a autorização de seus maridos (NARVAZ, KOOLER, 2006, p. 51 – realce das autoras).

Não se pode negar que, na sociedade atual, a organização patriarcal sobrevive, apesar da luta pela emancipação feminina, que teve início na década de 1970. A dependência financeira das mulheres ainda existe, mesmo da mulher que trabalha, sobretudo porque ainda existe diferença salarial entre homens e mulheres. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – as mulheres ganham, em média, 75% do que os homens ganham [35]. É comum, portanto, que ainda hoje mulheres sejam subordinadas financeiramente ao marido/companheiro. Nesse contexto, Thamires encontrou na prostituição uma alternativa para se sustentar após o divórcio. Justificar o ingresso na prostituição pode ser considerado como uma estratégia utilizada pelo EUe que pode gerar um efeito de compreensão no leitor, que passa a conhecer a razão para a opção da perfilada e ter uma imagem positiva.

O EUe mostra que a permanência de Thamires na prostituição tem longa durabilidade:

> Thamires/ excerto 5: Entre idas e vindas, são mais de duas décadas como profissional do sexo.

Por meio do procedimento descritivo de quantificação, o EUe mostra que Thamires tem uma carreira longa, é uma veterana. Esse procedimento é, conforme Charaudeau (2016), um dos procedimentos linguísticos para nomear e consiste no uso de quantificadores que

[35] Disponível em http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham-menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior

permitem produzir efeitos de subjetividade ou objetividade nos enunciados.

O excerto Thamires/ 5 mostra que, ainda que tenha tentado sair da profissão, a perfilada optou por voltar. A prostituição é, muitas vezes, uma alternativa rentável, o que dificulta o abandono da prática. No perfil de Thamires, inclusive, há uma citação em que a perfilada diz que em determinado momento de sua carreira, ganhou dinheiro como nunca: "(...) trabalhou no ABC Paulista até ir para a Espanha, onde ficou por sete anos. 'Nunca ganhei tanto dinheiro', diz".

Há prostitutas que, inclusive, não encontram alternativas fora da prostituição, pois, por questões como a falta de escolaridade, por exemplo, não conseguem empregos que sejam mais rentáveis:

> A estrutura econômica e sociocultural vigente as excluem [as prostitutas] do mercado de trabalho, afinal são desqualificadas, possuem pouca escolaridade e estão longe da estética ocidental. E, pode-se ir mais longe, a exclusão, à qual estão submetidas, toca os imperativos de sociabilidade, pois se trata de um grupo que não encontra meios de tecer relações sociais sólidas e duradouras. (SILVA, 2005, p. 17).

Cabe lembrar que não estamos generalizando a questão, estamos tratando de possibilidades existentes.

Muitas vezes, a prostituta opta por usar um nome que não seja o seu nome civil como uma forma de camuflar a sua identidade:

> Thamires/ excerto 6: Fora da Guaicurus, Thamires tem outro nome, que não revela por nada. Da sua vida real a loira conta pouco. Os três filhos – um menino de 27, outro de 25 e uma menina de 22 – sabem da atividade da mãe. A filha sente orgulho. Um ou dois dias na semana, Thamires dorme no apartamento que comprou em Venda Nova, em BH.

O excerto Thamires/ 6 comprova essa asserção. O EUe dá a entender que Thamires busca mascarar a vida na prostituição, embora ela tenha revelado seu rosto (sua identidade) na fotografia. Pelo procedimento descritivo localizar-situar, o EUe aponta para uma outra vida fora da Guaicurus, a qual ele chama de "vida real", estabelecendo um limite entre duas identidades: Thamires e a outra que ela não revela.

O EUe mostra, também no excerto Thamires/ 6, que a perfilada não esconde dos filhos a vida na prostituição, o que permite entrever que é bem resolvida com a profissão e cria o efeito de honestidade em relação aos filhos.

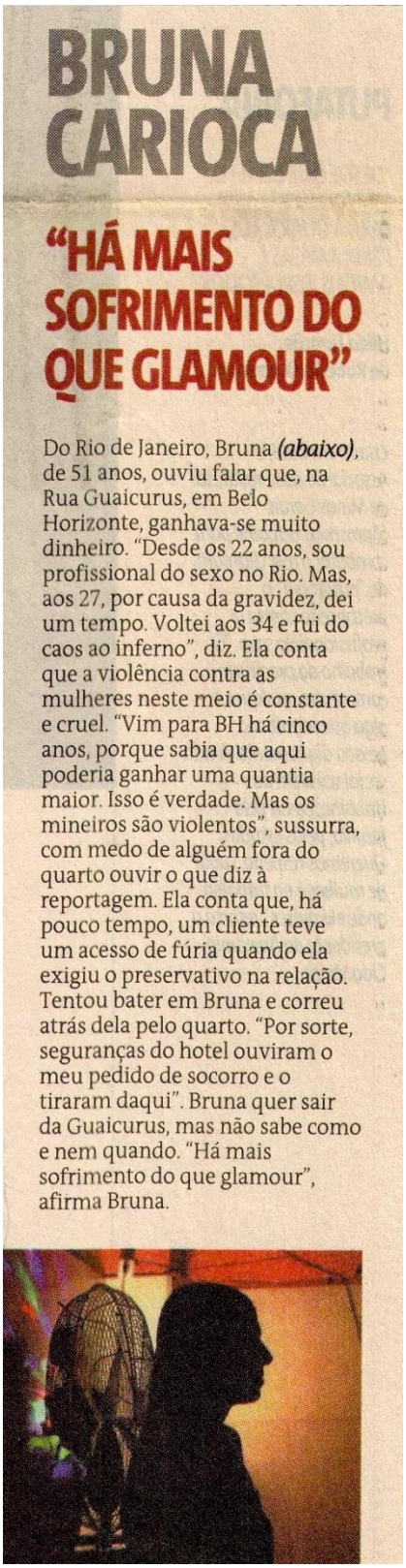
Ao mencionar a fé de Thamires, o EUe mostra que é uma mulher religiosa:

> Thamires/ excerto 7: TRABALHO E FÉ Na Guaicurus, mantém uma rotina disciplinada. Começa a trabalhar de manhã, depois de ler a Bíblia. Nos programas, deixa a silhueta corpulenta e tatuada à mostra e só não se despe da imagem de São Jorge Guerreiro e Nossa Senhora pendurados na correntinha.

Pelo procedimento descritivo de qualificar por acumulação de detalhes, o EUe descreve a rotina e os hábitos da perfilada. Assim, o EUe caracteriza Thamires como uma mulher religiosa e disciplinada.

O EUe mostra, no perfil 3, que a perfilada é uma mulher que aparenta lidar bem com sua profissão, pois tem coragem de mostrar seu rosto. Parece ser segura de si e segura do que faz, corroborando essa característica com a aceitação dos filhos. O EUe não a vitimiza, e constrói uma imagem de protagonista de sua vida e de mulher/prostituta bem resolvida, sobretudo porque a prostituição foi uma escolha com a qual a perfilada parece estar satisfeita.

2.5 Bruna Carioca



BRUNA CARIOCA

"HÁ MAIS SOFRIMENTO DO QUE GLAMOUR"

Do Rio de Janeiro, Bruna ***(abaixo)***, de 51 anos, ouviu falar que, na Rua Guaicurus, em Belo Horizonte, ganhava-se muito dinheiro. "Desde os 22 anos, sou profissional do sexo no Rio. Mas, aos 27, por causa da gravidez, dei um tempo. Voltei aos 34 e fui do caos ao inferno", diz. Ela conta que a violência contra as mulheres neste meio é constante e cruel. "Vim para BH há cinco anos, porque sabia que aqui poderia ganhar uma quantia maior. Isso é verdade. Mas os mineiros são violentos", sussurra, com medo de alguém fora do quarto ouvir o que diz à reportagem. Ela conta que, há pouco tempo, um cliente teve um acesso de fúria quando ela exigiu o preservativo na relação. Tentou bater em Bruna e correu atrás dela pelo quarto. "Por sorte, seguranças do hotel ouviram o meu pedido de socorro e o tiraram daqui". Bruna quer sair da Guaicurus, mas não sabe como e nem quando. "Há mais sofrimento do que glamour", afirma Bruna.

Figura 21: Perfil 4 – Bruna Carioca – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

No perfil 4, de Bruna Carioca, o olho (trecho em destaque) apresenta a modalidade delocutiva de relato citado que mostra um posicionamento da perfilada sobre a profissão:

> Bruna/ excerto 1: “Há mais sofrimento do que glamour”

O excerto Bruna/ 1 coloca a perfilada como actante-vítima (papel narrativo) por relatar o sofrimento que a profissão oferece.

Em

> Bruna / excerto 2: Do Rio de Janeiro, Bruna (abaixo) de 51 anos, ouviu falar que, na Rua Guaicurus, em Belo Horizonte, ganhava-se muito dinheiro. “Desde os 22 anos, sou profissional do sexo no Rio. Mas aos 27, por causa da gravidez, dei um tempo. Voltei aos 34 e fui do caos ao inferno”, diz.

tem-se o motivo da escolha pela prostituição. Bruna mostra em seu depoimento a face sombria e violenta da prostituição:

> Bruna/ excerto 3: Ela conta que a violência contra as mulheres neste meio é constante e cruel. “Vim para BH há cinco anos, porque sabia que aqui poderia ganhar uma quantia maior. Isso é verdade. Mas os mineiros são violentos”, sussurra, com medo de alguém fora do quarto ouvir o que diz à reportagem. Ela conta que, há pouco tempo, um cliente teve um acesso de fúria quando ela exigiu o preservativo na relação. Tentou bater em Bruna e correu atrás dela pelo quarto.

No excerto Bruna/ 3, tem-se a imagem de actante-vítima (papel narrativo) de Bruna, que sofreu agressões no trabalho. Segundo Saffioti (2004), a sociedade considera natural homens maltratarem as mulheres. Isso acontece pela ideia de posse de homens sobre as suas mulheres, legitimada pelo patriarcalismo. Conforme Russo (2007), a prostituição é uma atividade comercial, pois consiste na troca de serviço por dinheiro. Dessa forma, a mulher prostituta se torna um objeto de consumo (RUSSO, 2007), do qual o homem se sente possuidor e, assim, pode fazer o que quiser, inclusive praticar atos violentos.

E a violência não se limita à física:

> A violência sofrida por parceiros é constante. Não digo apenas a violência física que, ao contrário do que pensa o senso comum, é de menor importância, mas a violência escamoteada, “simbólica”, oriunda de duras falas, formas de olhar e de certos comportamentos que beiram espancamentos e atos de pura violência física. As prostitutas sentem a violência quando são comparadas a outras mulheres ou animais. Não poucas vezes são obrigadas à inferioridade e submissão a práticas sexuais e comparações indevidas. (...) Da polícia surge o medo da discriminação, da revista sem respeito e da prisão indevida. As

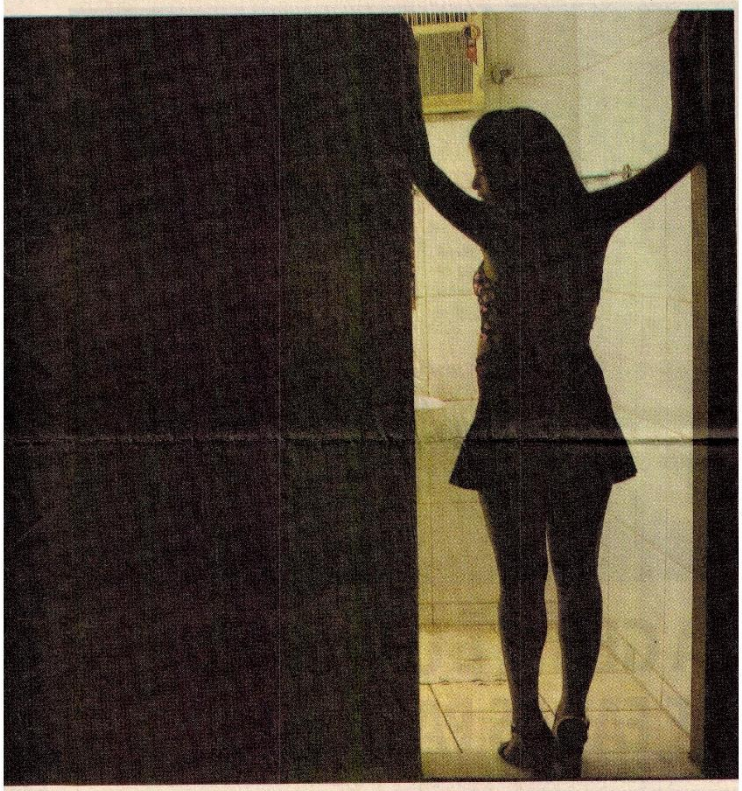
> prostitutas acreditam que a própria situação em que se encontram, as coloquem em posição desfavorável diante da força repressora do Estado e, por conseguinte, da justiça. As prostitutas não têm ciência dos mínimos direitos garantidos aos seres humanos. Pelo contrário, entendem que são seres inferiores, seres humanos sem direitos e excluídos da sociedade. (BARROS, 2005, p. 19).

Portanto, parece que Bruna se prostitui, apesar de não encontrar satisfação na profissão. Ela aparenta sofrimento. E aparenta também medo, efeito criado pela utilização do verbo *dicendi* "sussurra" após a citação em que Bruna afirma que os "mineiros são violentos" (Bruna/ excerto 3). A imagem que o EUe constrói de Bruna é de vítima e de descontentamento. A fotografia, ao final do texto, é escura e mostra apenas o contorno da prostituta, que está de perfil, permitindo entrever que ela deseja manter sua identidade em sigilo.

2.6 Daiane

GRÁVIDA DE 5 MESES, JOVEM DE 20 ANOS SUSTENTA A FAMÍLIA E SONHA SER EMPRESÁRIA

DAIANE



"MEU MARIDO TRABALHA PARA MIM"

"Já no corredor sentia-se o cheiro adocicado do perfume preferido por Hilda Furacão: o Murguet du Bonheur", descreveu Roberto Drummond. Vinte cinco anos depois da obra do escritor chegar às mãos dos leitores, ainda há perfumes doces que invadem os corredores do Novo Hotel (antigo Maravilhoso Hotel). Desta vez, vêm do quarto de Daiane, de 20 anos. Sentada sobre a cama, ela se abana com o leque preto de renda à espera de clientes, com o frescor de quem saiu do banho. Usa saia rodada vermelha, sapato alto da mesma cor, top colorido e maquiagem nos olhos que dá mais maturidade ao rosto juvenil. Carrega, sem esconder, uma particularidade: está grávida de cinco meses. "Os clientes não reclamam. É normal", garante.

A jovem de voz mansa está na Guaicurus desde os 18 anos, quando teve uma filha. Agora, ela e o namorado resolveram ter mais um bebê. "Ele era um cliente meu e nos apaixonamos. Moramos juntos há um ano e meio", conta, feliz. O fato de estar grávida de um menino (ela ainda não sabe o nome que dará à criança) não incomoda Daiane. Aliás, a única coisa que a irrita é justamente cheiros. Como o seu quarto é o mais perfumado do hotel, ela não permite que homens com odores fortes sejam seus clientes e pede, gentilmente, para que se retirem de lá. "A Guaicurus é uma 'zona organizada'", explica.

Apesar de expulsar do seu antro aqueles que não estão cheirosos, ela tem um carinho especial por cada cliente. Daiane mostra doçura quando se refere aos homens que a procuram. "Tem aqueles que são fixos e voltam todos os dias", diz, orgulhosa. Ela diz que sente prazer em algumas relações, apesar de nunca ter confessado isso ao namorado. Em respeito a ele, a jovem diz nunca fazer sexo com os clientes sem proteção e jamais permite lhe beijarem. "Nem por R$ 1 milhão", enfatiza.

PROVEDORA Enquanto ela trabalha, ganhando por dia até R$ 1,5 mil, o namorado é o "dono de casa". É ele quem cuida da outra filha de Daiane, faz as compras e resolve todas as pendências do dia. Para a jovem, foi melhor assim: "Meu marido trabalha para mim. Antes, eu tinha que pagar os outros para olhar a minha menina. Hoje ele é o 'dono de casa' e eu sou a provedora." Durante muito tempo, Daiane passou a gastar tudo que ganhava e, quando precisava adquirir algum bem, trabalhava mais tempo na Guaicurus. "Minha família sabe dessa minha escolha e já até me pediu dinheiro emprestado. Hoje tenho uma vida boa", afirma.

Quando criança, Daiane pensava em ser dançarina de boate. Hoje, cuida do corpo em aulas de pole dance e musculação. Frequenta rave e já levou todos os amigos à festa baiana chamada Universo Paralelo. "Gastei R$ 200 mil. Sempre tive muito disso, de bancar as pessoas. Não faço isso mais." Ela pretende um dia largar a profissão e montar lojas de roupas na capital. Por enquanto, sabe que terá de deixar o quarto vago por uns dias para a licença-maternidade. "Ficarei dois meses fora e depois volto", avisa, sorrindo. Quando questionada sobre o livro de Drummond, ela responde: "Hilda Furacão? Sei sim. É uma boate que tem na BR-040?. Fui lá um dia, mas não gosto." Ao saber da famosa personagem da literatura e do passado da Guaicurus, Daiane diz nunca ter ouvido falar da mulher para quem o perfume marcou a vida de muitos. ***(Luciane Evans)***

Figura 22 – Perfil 5 – Daiane – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

O antetítulo do perfil 5 – Daiane, como se pode ver, sintetiza o que será apresentado sobre a perfilada pelo uso do procedimento descritivo de denominação por classe de pertinência, indicando que a perfilada é mãe, é e provedora do lar:

> Daiane/ excerto 1: Grávida de 5 meses, jovem de 20 anos sustenta a família e sonha ser empresária.

Daiane é mostrada como uma actante-benfeitora (papel narrativo) que transmite um benefício, o de sustentar a família, criando um efeito de bondade. Daiane é uma mulher emancipada, independente, e exerce comando no lar. No olho do texto, o EUe evidencia essa ideia:

> Daiane/ excerto 2: “Meu marido trabalha para mim”

No excerto Daiane/ 2, o EUe utiliza a modalidade delocutiva de citação que mostra uma inversão de papéis e estabelece uma relação de poder entre Daiane e o marido, criando um efeito de que Daiane tem um papel de comando.

A fotografia da perfilada é escura e mostra apenas sua silhueta, poupando seu rosto. Conforme já mencionamos anteriormente, optar por não mostrar o rosto pode indicar que a perfilada não deseja revelar sua identidade. O texto, então, cria uma espécie de fotografia verbal:

> Daiane/ excerto 3: Desta vez, vêm do quarto de Daiane, de 20 anos. Sentada sobre a cama, ela se abana com o leque preto de renda à espera de clientes, com o frescor de quem saiu do banho. Usa saia rodada vermelha, sapato alto da mesma cor, top colorido e maquiagem nos olhos que dá mais maturidade ao rosto juvenil. Carrega, sem esconder, uma particularidade: está grávida de cinco meses. “Os clientes não reclamam. É normal”, garante.

O procedimento descritivo de qualificação por acumulação de detalhes e precisões, formula uma descrição objetiva que, junto da fotografia, cria um efeito de verdade, o que dá credibilidade ao EUe.

Daiane é mostrada como provedora do lar:

> Daiane/ excerto 4: PROVEDORA [subtítulo] Enquanto ela trabalha, ganhando por dia até R$ 1,5 mil, o namorado é o “dono de casa”. É ele quem cuida da outra filha de Daiane, faz as compras e resolve todas as pendências do dia. Para a jovem, foi

> melhor assim: “Meu marido trabalha para mim. Antes, eu tinha que pagar os outros para olhar a minha menina. Hoje ele é o 'dono de casa' e eu sou a provedora.”

No excerto Daiane/ 4, o EUe por meio do subtítulo “provedora” mostra Daiane como actante-benfeitora (papel narrativo) e, em oposição à expressão adaptada “dono de casa”, o EUe evidencia uma inversão de papéis. A palavra provedora se origina do verbo prover que, conforme o Mini Aurélio (2010) significa, entre outros conceitos, fornecer, abastecer. Assim, provedor é quem abastece o lar (materialmente). Gomes Szymanski (1994) denomina como “família nuclear” a estrutura pai, mãe e filhos. Conforme a autora, a família nuclear vive sob uma hierarquia proposta pelo patriarcado em que o pai é a autoridade e o provedor material, a mãe é a provedora afetiva e os filhos são os alvos principais de cuidados. Contrariando essa lógica, o EUe dá a entender que, hierarquicamente, a autoridade na família de Daiane é exercida por ela, bem como o papel de provedora material, criando o efeito de mulher independente e empoderada.

O empoderamento feminino, para Magdalena León (2013), relaciona-se, entre outras coisas, a tomar decisões e fazer escolhas: escolhas como com quem quer se casar, se terá filhos e quantos, se deve deixar uma relação abusiva e não conveniente, buscar uma atividade que gere rendimentos, entre outras. Esse é um tipo de empoderamento, que León (2013) denomina empoderamento econômico, o qual a autora afirma ser um empoderamento que permite às mulheres, sobretudo as que têm um companheiro/marido, a escolher se querem, ou não, exercer uma função profissional, o que é importante para o bem-estar das mulheres.

O termo empoderamento se desenvolve a partir da perspectiva de poder. Para a autora, há duas formas de poder: o poder “suma-cero” ou “poder sobre” e o poder “suma-positivo”, ou “poder para”/ “poder de dentro”, nos termos da autora. O poder “suma-cero” é aquele em que um ser exerce domínio sobre o outro, em geral do homem sobre a mulher; o poder “suma-positivo” seria uma espécie de poder colaborativo, que permite compartilhar o poder e favorece o apoio mútuo (LEÓN, 2001, p 101-102). A segunda concepção de poder, conforme León (2001) é a mais adequada ao conceito de empoderamento. Para a autora, “os processos de empoderamento são, para as mulheres, um desafio à ideologia patriarcal com vistas a transformar as estruturas que reforçam a discriminação de gênero e a desigualdade social” (LEÓN, 2001, p. 104 – tradução nossa). Assim, León (2001) define empoderamento como um processo de superação da desigualdade de gênero.

León (2001) propõe, ainda, que o empoderamento feminino representa também o empoderamento masculino

> um empoderamento que vai pelo o lado do poder 'suma-positivo', pelo lado do poder solidário, um empoderamento que lhes tire [dos homens] o duro fardo que a sociedade tem lhes dado de únicos *ganapanes*[36] e provedores, como os únicos que têm a obrigação de sustentar a família (LEÓN, 2001, p. 105 – tradução nossa)

Daiane é novamente identificada pela sua condição de mãe e pelo seu estado civil (classes de pertinência), ao utilizar termos do mesmo campo semântico:

> Daiane/ excerto 5: A jovem de voz mansa está na Guaicurus desde os 18 anos, quando teve uma filha. Agora, ela e o namorado resolveram ter mais um bebê. "Ele era um cliente meu e nos apaixonamos. Moramos juntos há um ano e meio", conta, feliz.

O EUe apresenta que a decisão de ter mais um filho aparenta ser consciente e voluntária de Daiane e o namorado/marido, classificando-os como actantes-voluntários (papel narrativo) na constituição de uma família. Isso dá a entender que Daiane vive uma vida comum como mulher casada, mãe e profissional. A expressão "moramos juntos há um ano e meio" dá a ideia de estabilidade na relação, o que é reforçado pelo adjetivo "feliz" junto ao verbo *dicendi* "conta". Além disso, cria a ideia de que Daiane é bem resolvida com sua escolha, e que seu namorado também o é.

No seguinte excerto, O EUe dá a entender que Daiane se sente bem na profissão:

> Daiane/ excerto 5: Daiane mostra doçura quando se refere aos homens que a procuram. "Tem aqueles que são fixos e voltam todos os dias", diz, orgulhosa.

O EUe, ao mencionar que Daiane "mostra doçura" por seus clientes, sugere que a prostituta tem carinho pelo que faz e a apresenta como uma actante-benfeitora (papel narrativo) que transmite um benefício aos clientes (o carinho – além do serviço). O procedimento delocutivo de citação acompanhado do adjetivo que a qualifica "orgulhosa" junto a um verbo *dicendi* "diz" permite entrever que a prostituta está satisfeita com a profissão.

---

[36] O equivalente em língua portuguesa para o termo espanhol *ganapanes* é ganha-pão.

O EUe mostra a postura profissional de Daiane:

> Daiane/ excerto 7: Em respeito a ele [o namorado], a jovem diz nunca fazer sexo com os clientes sem proteção e jamais permite lhe beijarem. “Nem por R$ 1 milhão”, enfatiza.

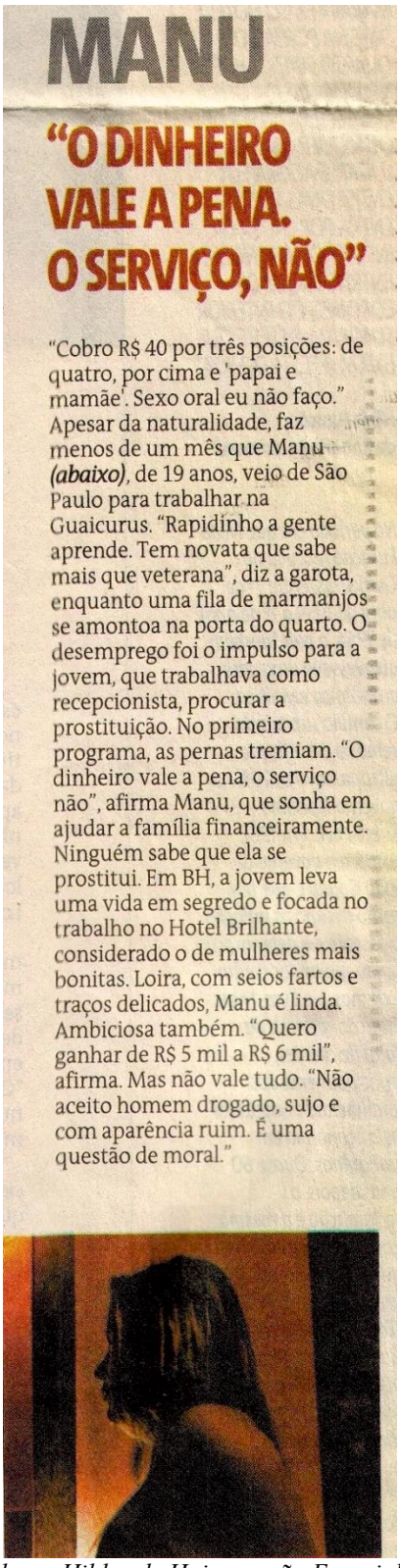
Por meio da modalidade delocutiva de relato por narrativização, o EUe revela que o uso de proteção é mencionado como forma de respeito ao namorado, não como forma de prevenção de doenças e gravidez. Não beijar os clientes é uma forma de expressar fidelidade e de não envolvimento adetivo. O beijo simboliza carinho, amor, paixão, um contato considerado mais íntimo que o próprio sexo. A modalidade delocutiva de relato citado é utilizada como prova do que o EUe relata. Além da citação, o EUe utiliza o verbo *dicendi* “enfatiza”, o que dá ideia de que Daiane chama atenção para a fidelidade que aparenta dedicar ao companheiro, dentro de suas possibilidades.

Mais adiante, o EUe mais uma vez sugere que Daiane lida bem com a profissão:

> Daiane/ Excerto 8: “Minha família sabe dessa minha escolha e já até me pediu dinheiro emprestado. Hoje tenho uma vida boa”, afirma.

O EUe , por meio da modalidade delocutiva de relato citado, a aceitação da família quanto a profissão de Daiane. A prostituição ainda pode ser considerada um tabu em alguns meios, como os meios em que há pessoas religiosas, por exemplo, além de ainda ser uma profissão envolta em preconceitos. Em vista disso, a relação aberta e aparentemente honesta de Daiane com a família dá a entender que ela é bem aceita. Por fim, a construção da imagem de Daiane produzida pelo EUe é de uma mulher independente e empoderada.

2.7 Manu



MANU

"O DINHEIRO VALE A PENA. O SERVIÇO, NÃO"

"Cobro R$ 40 por três posições: de quatro, por cima e 'papai e mamãe'. Sexo oral eu não faço." Apesar da naturalidade, faz menos de um mês que Manu *(abaixo)*, de 19 anos, veio de São Paulo para trabalhar na Guaicurus. "Rapidinho a gente aprende. Tem novata que sabe mais que veterana", diz a garota, enquanto uma fila de marmanjos se amontoa na porta do quarto. O desemprego foi o impulso para a jovem, que trabalhava como recepcionista, procurar a prostituição. No primeiro programa, as pernas tremiam. "O dinheiro vale a pena, o serviço não", afirma Manu, que sonha em ajudar a família financeiramente. Ninguém sabe que ela se prostitui. Em BH, a jovem leva uma vida em segredo e focada no trabalho no Hotel Brilhante, considerado o de mulheres mais bonitas. Loira, com seios fartos e traços delicados, Manu é linda. Ambiciosa também. "Quero ganhar de R$ 5 mil a R$ 6 mil", afirma. Mas não vale tudo. "Não aceito homem drogado, sujo e com aparência ruim. É uma questão de moral."

Figura 23 – Perfil 6 – Manu – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

O perfil 6, Manu, é iniciado pelo olho (trecho em evidência):

> Manu/ excerto 1: “O dinheiro vale a pena. O serviço não”.

A modalidade delocutiva de relato citado permite entrever que Manu escolheu a profissão por motivos financeiros. Em

> Manu/ excerto 2: Apesar da naturalidade, faz menos de um mês que Manu, de 19 anos, veio de São Paulo para trabalhar na Guaicurus. “Rapidinho a gente aprende. Tem novata que sabe mais que veterana”, diz a garota, enquanto uma fila de marmanjos se amontoa na porta do quarto.

o procedimento descritivo de quantificação mostra o quão jovem é a prostituta, tanto na profissão (“menos de um mês na profissão”) quanto na vida (“19 anos”). O EUe, por meio da modalidade delocutiva de relato citado (“Rapidinho a gente aprende. Tem novata que sabe mais que veterana”) dá a entender que Manu é uma prostituta segura, embora seja nova na profissão. O EUe sugere que Manu têm certo prestígio no hotel por meio procedimento descritivo de qualificação, que dá precisão sobre o ambiente (“uma fila de marmanjos se amontoa na porta do quarto”). Tal qualificação oferece ao relato efeito de realidade e ao locutor o efeito de saber, trazendo credibilidade ao relato.

Em seguida, o EUe mostra a razão do ingresso de Manu na prostituição:

> Manu/ excerto 3: O desemprego foi o impulso para a jovem, que trabalhava como recepcionista, procurar a prostituição. No primeiro programa, as pernas tremiam. “O dinheiro vale a pena, o serviço não”, afirma Manu, que sonha em ajudar a família financeiramente.

No excerto Manu/ 3, a prostituta é apresentada como actante-vítima (papel narrativo): o desemprego foi o motivo para que ela buscasse a prostituição. E apresentada, também, como actante-voluntária (papel narrativo), que procurou a prostituição em busca de melhoramento do estado inicial por resolução de um problema (processo narrativo). Conforme Gaspar (1985, p. 80) “uma situação econômica precária, marcada pela difícil colocação no mercado de trabalho por baixos rendimentos (...) é uma forte justificativa para o fato de a mulher se dedicar à prostituição”.

Manu aparece também como actante-benfeitora (papel narrativo), pelo desejo de ajudar a família financeiramente que aparenta sentir (“afirma Manu, que sonha em ajudar a família financeiramente”). Desse modo, o EUe cria o efeito de bondade em relação ao que deseja fazer pela família.

A perfilada aparenta não desejar revelar sua identidade, o que é justificado pelo

EUe:

> Manu/ excerto 4: Ninguém sabe que ela se prostitui. Em BH, a jovem leva uma vida em segredo e focada no trabalho no Hotel Brilhante considerado o de mulheres mais bonitas. Loira, com seios fartos e traços delicados, Manu é linda. Ambiciosa também. “Quero ganhar de R$ 5 mil a R$ 6 mil”, afirma.

Sua identidade é preservada pela fotografia em tons escuros, ela se apresenta de perfil, com o rosto meio escondido pelos cabelos. A descrição objetiva, pela qualificação, permite que se crie uma fotografia verbal da prostituta, ou seja, um conjunto de traços físicos. O EUe caracteriza a prostituta como ambiciosa, dando a entender que Manu tem um objetivo a ser alcançado com a prostituição: “Quero ganhar de R$5 mil a R$6 mil”.

Manu é apresentada, então, como uma mulher que, por razões financeiras, busca na prostituição uma forma de ascensão.

2.8 Tatiana



ASSIM COMO A PERSONAGEM, A SOCIÓLOGA FIXOU PRAZO PARA DEIXAR A GUAICURUS

TATIANA

"QUERO DEIXAR UM LEGADO PARA A SOCIEDADE"

O maiô não é dourado como aquele que Hilda Furacão usava à beira da piscina do Minas Tênis Clube antes de se tornar a prostituta mais famosa da capital mineira no livro de Roberto Drummond. A peça de cor branca e transparência valoriza mais a pele morena de Tatiana Vieira, de 27 anos. Ela solta os cabelos cacheados, tira a calça jeans, põe brincos dourados, sobe nas sandálias de salto fino e, aos poucos, vai deixando do lado de fora do quarto da Rua Guaicurus a aparência da socióloga e professora da rede estadual de educação. Na zona boêmia de BH, a jovem é apenas Tati.

Em suas próprias palavras, Tati é mulher "com jeito de garota". Seios pequenos, corpo mignon, 1,50m de altura, coxas grossas. A sensualidade esconde a intelectual formada em sociologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e com mestrado não concluído na mesma instituição. Como grande parte das mulheres que trabalham ali, Tati não é mineira. Nasceu no Pará e cresceu em família de classe média, mãe filósofa e pai técnico de pavimentação de estradas. "Eu era uma patricinha", comenta.

Depois de crise de estresse no mestrado, aceitou o convite de uma amiga e, em 2013, mudou-se para BH para espairecer. A temporada mineira trouxe novas experiências profissionais. Primeiro, o telemarketing, depois, aulas de sociologia em escolas públicas. E, no meio disso, a prostituição. "Briguei com a minha amiga e fui morar sozinha. Teve um dia que o dinheiro não dava. Fiz anúncio em site de encontros casuais e, em uma semana, fiz R$ 1 mil", lembra. A descoberta da Guaicurus ocorreu este ano, como opção mais segura em relação à prostituição pela internet.

A mãe e os quatro irmãos continuam no Norte do país. O pai, seu melhor amigo, faleceu em fevereiro. A morte dele mexeu com a garota. E, diferentemente da Hilda Furacão das páginas do escritor Roberto Drummond, Tati não quer mais ser um mistério. Pelas lentes do **Estado de Minas**, ela mostra o rosto pela primeira vez, se despe do medo da rejeição e assume para a família e a sociedade a atuação profissional no mercado do sexo.

"Estou usando meu corpo como meu instrumento de trabalho. Assim como uso meu intelecto na atividade acadêmica. O que tenho é um foco: pegar o dinheiro e investir na minha carreira", afirma. A feminista, que não via com bons olhos o sexo pago, desvestiu-se também dos preconceitos. "Há muitas mulheres guerreiras aqui, que têm filho, casa e não querem ser sustentadas por marido", diz Tati, que preza por sua independência, acima de tudo. "Não é glamour nem vitimização da mulher. Para mim, é trabalho", ressalta.

LIBERAL Apesar do jeito aparentemente contido, ela sempre gostou de transar e nunca foi de reprimir desejos. Nem por isso topa tudo. A camisinha, inclusive, é artigo obrigatório e, preocupada, faz exames periódicos contra Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. "Já barrei homens, mas não dá para escolher muito", diz a jovem, que concilia a Guaicurus com as aulas numa escola estadual e a especialização no ensino da língua inglesa. "O salário de R$ 1,4 mil de professora não dá para pagar aluguel, as contas e a especialização", reforça. Sem falar na musculação e ioga para manter a forma.

Embora bem resolvida com as escolhas da vida, Tati não nega uma certa frustração. "É muita batalha do meu pai, da minha mãe, são muitas horas de estudo para eu não conseguir por meus méritos uma vida digna dentro da profissão de socióloga", diz. Mas ela nunca deixa a pesquisadora de lado. "Você tem o livro *Hilda Furacão* para me emprestar?", pergunta Tati à repórter do EM. Ela está assistindo a documentários e lendo livros para desvendar sua profissão.

Um trabalho que tem prazo de validade: cinco anos. Coincidência ou não, Hilda também estabeleceu que se prostituiria por cinco anos e nem mais um dia. Para Tati, é o tempo suficiente para juntar mais dinheiro. Dali em diante, não alimenta sonho de casamento ou filhos. Também não pensa em voltar para o Pará, onde vive um rapaz que faz seu coração bater forte. "Quero escrever, quero publicar, quero deixar um legado para a sociedade. Quero ajudar a construir uma sociedade não preconceituosa. E isso tem que começar por nós." ***(Flávia Ayer)***

Figura 24: Perfil 7 – Tatiana – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

No início do perfil 7, Tatiana, o EUe utiliza o procedimento descritivo de qualificação por acúmulo de detalhes e precisões para descrever a perfilada:

> Tatiana/ excerto 1: A peça de cor branca e transparência valoriza mais a pele morena de Tatiana Vieira, de 27 anos. Ela solta os cabelos cacheados, tira a calça jeans, põe brincos dourados, sobe nas sandálias de salto fino e, aos poucos, vai deixando do lado de fora do quarto da Rua Guaicurus a aparência da socióloga e professora da rede estadual de educação. Na zona boêmia de BH, a jovem é apenas Tati.

Por meio desse procedimento, o EUe constrói uma descrição objetiva de Tatiana e cria um efeito de saber, dando credibilidade a si e um efeito de verdade ao relato, como uma possível estratégia para buscar a adesão do leitor. Essa descrição pode ser verificada pela fotografia da perfilada, na qual ela mostra seu rosto. Por meio do procedimento descritivo localizar-situar, o EUe sugere que a perfilada assume a identidade de prostituta e, também, a identidade de professora e socióloga. Segundo Gaspar (1985), a prostituta divide o mundo em praticamente duas esferas de atuação e representação: o profissional e o não profissional, manipulando suas identidades de acordo com as situações. Assim, o EUe utiliza o procedimento de denominação por identificação específica para indicar que há identificações distintas para identidades de Tatiana: Tatiana/Tatiana Vieira é utilizado "fora do quarto da Guaicurus" e Tati é utilizado na prostituição, dando um efeito de delimitação das duas esferas de vida da prostituta.

O EUe cria esse efeito de limite entre as identidades, descrevendo a perfilada:

> Tatiana/ excerto 2: Seios pequenos, corpo mignon, 1,50m de altura, coxas grossas. A sensualidade esconde a intelectual formada em sociologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e com mestrado não concluído na mesma instituição.

No excerto Tatiana/ 2, o EUe utiliza o procedimento descritivo de qualificação por acúmulo de detalhes para descrever a aparência de Tatiana, caracterizada de duas formas: i) sensual, para a identidade de prostituta; ii) intelectual, para a identidade de professora e socióloga, o que pode recuperar imaginários que gerem familiaridade no leitor.

Ao declarar-se prostituta, ao mostrar seu rosto, Tatiana assume as duas identidades:

> Tatiana/ excerto 3: E, diferentemente da Hilda Furacão das páginas do escritor Roberto Drummond, Tati não quer mais ser um mistério. Pelas lentes do **Estado de Minas**, ela mostra o rosto pela primeira vez, se despe do medo da rejeição e assume para a família e a sociedade a atuação profissional no mercado do sexo. (realce do texto original)

Conforme já mencionamos, o rosto é uma importante marca da identidade. O EUe apresenta Tatiana como uma actante-voluntária (papel narrativo), pois mostra seu rosto, revela sua identidade, o que dá a entender que a perfilada não se envergonha do que faz.

O EUe atribui à perfilada uma nova classe de pertinência (classe social):

> Tatiana/ excerto 4: Nasceu no Pará e cresceu em família de classe média, mãe filósofa e pai técnico de pavimentação de estradas. “Eu era uma patricinha”, comenta.

O procedimento descritivo de denominação por classe de pertinência mostra que Tatiana e sua família pertencem à classe média, o que sugere que a família tem uma boa condição econômica. Além disso, mencionar a profissão dos pais pressupõe uma boa condição financeira, o que é sugerido pelo que Tatiana afirma sobre si “Eu era uma patricinha”. Atribuir à Tatiana essa classe de pertinência dá a entender que, pela situação econômica e financeira sugeridas, entre outras alternativas que poderiam existir, a perfilada optou pela prostituição.

Em seguida, o EUe explica a razão para o ingresso de Tatiana na prostituição:

> Tatiana/ excerto 5: Depois de crise de estresse no mestrado, aceitou o convite de uma amiga e, em 2013, mudou-se para BH para espairecer. A temporada mineira trouxe novas experiências profissionais. Primeiro, o telemarketing, depois, aulas de sociologia em escolas públicas. E, no meio disso, a prostituição. “Briguei com a minha amiga e fui morar sozinha. Teve um dia que o dinheiro não dava. Fiz anúncio em site de encontros casuais e, em uma semana, fiz R$ 1 mil”, lembra.

Pelo procedimento descritivo de acúmulo de detalhes e precisões, o EUe mostra o caminho de Tatiana até a prostituição. Em seguida, por meio da modalidade delocutiva de relato citado, o EUe mostra Tatiana como uma actante-voluntária (papel narrativo) quando menciona que a perfilada fez um anúncio oferecendo seus serviços. Fica subentendido que a perfilada visa a melhoraria do estado em que se encontra por resolução de um problema e acaba por se beneficiar dessa ação (processo narrativo), como o EUe mostra pelo procedimento descritivo de quantificação (R$1 mil em uma semana).

O EUe, por meio da modalidade delocutiva de relato citado apresenta a relação que a prostituta estabelece com a profissão:

> Tatiana/ excerto 6: “Estou usando meu corpo como meu instrumento de trabalho. Assim como uso meu intelecto na

> atividade acadêmica. O que tenho é um foco: pegar o dinheiro e investir na minha carreira", afirma.

Tatiana vê na prostituição um trabalho como qualquer outro.

O EUe segue com essa afirmação:

> Tatiana/ excerto 7: A feminista, que não via com bons olhos o sexo pago, desvestiu-se também dos preconceitos. "Há muitas mulheres guerreiras aqui, que têm filho, casa e não querem ser sustentadas por marido", diz Tati, que preza por sua independência, acima de tudo. "Não é glamour nem vitimização da mulher. Para mim, é trabalho", ressalta.

Por meio da proposição "A feminista, que não via com bons olhos o sexo pago, desvestiu-se também dos preconceitos", o EUe insere Tatiana em uma outra classe de pertinência (feminista) e cria o efeito de que Tatiana é militante pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas especialmente, pelo respeito à prostituição como profissão.

Em seguida, ainda no excerto Tatiana/ 7, o EUe insere uma nova modalidade delocutiva de relato citado ("Não é glamour nem vitimização da mulher. Para mim, é trabalho") em que Tatiana dá a entender que não é uma vítima da situação que vive, mas uma protagonista.

O EUe apresenta uma concessão:

> Tatiana/ excerto 8: Embora bem resolvida com as escolhas da vida, Tati não nega uma certa frustração. "É muita batalha do meu pai, da minha mãe, são muitas horas de estudo para eu não conseguir por meus méritos uma vida digna dentro da profissão de socióloga", diz.

Através da modalidade delocutiva de relato citado, o EUe mostra que Tatiana se sente frustrada por não o atuar em sua área de formação. Isso sugere de que a prostituta deseja seguir pela vida acadêmica, o que o EUe mostra no excerto seguinte:

> Tatiana/ excerto 9: Um trabalho que tem prazo de validade: cinco anos. [...] Para Tati, é o tempo suficiente para juntar mais dinheiro. [...] "Quero escrever, quero publicar, quero deixar um legado para a sociedade. Quero ajudar a construir uma sociedade não preconceituosa. E isso tem que começar por nós."

Tatiana fixou um prazo para deixar a vida na prostituição, e dá a entender que a profissão é para a perfilada uma forma de buscar estabilidade financeira. Pela modalidade

delocutiva de relato citado, o EUe dá a entender que a prostituta tem planos em relação à vida acadêmica, mas que não pretende deixar o tema da prostituição de lado. Quando menciona que a construção de uma sociedade menos preconceituosa deve começar pelas próprias prostitutas, Tatiana reverbera o discurso de Gabriela Leite, prostituta e importante ativista brasileira, que buscou "enfrentar o estigma e combater a discriminação e a violação de direitos" das prostitutas (LENZ, s/d, p. 229).

No perfil 7, o EUe dá a ideia de que Tatiana lida bem com sua opção. Tatiana, filha da classe média, não é apresentada como uma vítima, mas como alguém que, devido às circunstâncias, optou pela prostituição de forma consciente, com o propósito de alcançar estabilidade financeira. A imagem que o EUe constrói de Tatiana é de feminista e militante, que aceita e assume a profissão.

2.9 Laura



LAURA

"NÃO PRECISA BELEZA NEM IDADE"

Uma mulher comum. É assim que Laurinha *(abaixo)*, de 58 anos, se define. Há mais de três décadas trabalhando na Rua Guaicurus, conta que foi parar na profissão por amor à filha. Natural do interior de Minas, engravidou ainda nova e sua família não aceitava uma gravidez sem casamento. O pai da criança não assumiu a filha, e, entre ficar com a menina ou ter o respeito da sociedade, se agarrou à primeira opção e encontrou na prostituição a felicidade. Educou a filha, que mora na Europa; amou e foi amada; e foge da solidão quando se dispõe a dar carinho aos homens, como ela mesma diz. Laurinha é a soma das várias Hildas. Passou pela fase em que foi sucesso, com direito a pedido de casamento de um canadense. Hoje, diz que envelhecer na profissão não tem mistério. "Tem que ter persistência, não é fácil deitar com um, com outro. Mas, valeu a pena", afirma, orgulhosa. "Aqui você não precisa ter beleza nem idade. Tem que ter talento", explica Laurinha.

Figura 25: Perfil 8 – Laura – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

No início do perfil 9, Laura, o EUe utiliza a modalidade delocutiva de relato narrativizado para caracterizar Laura como uma mulher comum:

> Laura/ excerto 1: Uma mulher comum. É assim que Laurinha, de 58 anos, se define. Há mais de três décadas trabalhando na Rua Guaicurus, conta que foi parar na profissão por amor à filha.

No excerto Laura/ 1, o procedimento descritivo de quantificação mostra que Laura é uma veterana na profissão. Pelo procedimento descritivo de denominação por classe de pertinência, o EUe atribui à Laura a condição de mãe. Em seguida, o EUe apresenta a perfilada como uma actante-benfeitora (papel narrativo), que optou pela prostituição para beneficiar outro actante, a filha.

O EUe continua explicitando a justificativa para que Laura tenha optado pela prostituição:

> Laura/ excerto 2: Natural do interior de Minas, engravidou ainda nova e sua família não aceitava uma gravidez sem casamento. O pai da criança não assumiu a filha, e, entre ficar com a menina ou ter o respeito da sociedade, se agarrou à primeira opção e encontrou na prostituição a felicidade.

No excerto Laura/ 2, Laura é então apresentada como actante-vítima (papel narrativo) de outros dois actantes: i) sua família, que não a aceitou em casa quando descobriu a gravidez, e ii) o então namorado, pai de sua filha, que a abandonou. Conforme Barros (2005), a gravidez indesejada é uma das causas para que mulheres optem pela prostituição.

No mesmo excerto (Laura/ 2), o EUe apresenta a perfilada como actante-benfeitora (papel narrativo), que, ao escolher a prostituição, opta pela vida da filha. Dessa forma, o EUe pode recuperar o imaginário de mãe-leoa. A expressão "mãe leoa" é uma metáfora que significa mãe que faz tudo por seus filhos, que os protege, cuida e ensina. Metáfora, conforme Bechara (2009), é uma das formas de alterar o sentido das palavras.

Apresentar a razão para que Laura tenha optado pela prostituição pode amenizar um possível julgamento negativo do leitor. Dessa forma, fica subentendido que Laura não poupou esforços para cuidar a filha, tornando-a uma actante-benfeitora em relação à filha.

O EUe mostra que Laura viveu uma vida comum:

> Laura/ excerto e: Educou a filha, que mora na Europa; amou e foi amada; e foge da solidão quando se dispõe a dar carinho aos homens, como ela mesma diz. Laurinha é a soma das várias Hildas.

A qualificação por de acúmulo de detalhes, sugere que a prostituição não impediu Laura de viver situações de uma vida comum. O EUe finaliza, afirmando que a perfilada é uma "soma das várias Hildas": é uma prostituta experiente e madura. Por fim, imagem que o EUe constrói de Laura é a de protagonista de sua história que saiu de um meio aparentemente conservador por decidir manter a gravidez sem o apoio da família e do pai da criança e buscou na prostituição uma forma de manter a vida da filha.

2.10 Sarug

TRANSEXUAL DIVIDE A CAMA E A VIDA ACADÊMICA ENTRE PROSTITUIÇÃO E PSICOLOGIA

SARUG



"A GRANDE PÉROLA DA PROSTITUTA É ACOLHER E ESCUTAR"

Deitada em lençóis brancos da grife M. Martan e encostada nos seis travesseiros, Sarug Dagir está toda nua. Com uma mão, envolve uma almofada roxa em frente ao colo. Com a outra, segura a apostila que reúne a obra *Inibição, sintoma e angústia*, de Sigmund Freud (1856-1939), criador da psicanálise. Como o movimento está fraco, ela adianta a leitura dos textos do doutorado. Sarug, com seu 1,80m e 38 anos, não cabe em definições simplistas. Transexual, psicóloga, mestre em literatura, doutoranda, casada, professora universitária e "puta", como gosta de ser chamada nas imediações da Rua Guaicurus.

Era nosso segundo encontro para esta reportagem e, assim que me viu, Sarug pediu que eu entrasse e fechasse a porta do quarto que aluga no Hotel São Paulo. Enquanto conversava, pôs um vestido comprado em loja de madame. "Em sua origem, a puta é a sacerdotisa dos templos sagrados. Tento buscar esses elementos com o lençol sempre branco, as flores, o abajur, faço um resgate da sacralização da prostituta", argumenta. Em frente à cama, uma mesinha rodeada por duas cadeiras, balas para os clientes e um armário de madeira de demolição.

Ali ela acolhe os deserdados do mundo, assim como a personagem de Drummond. "A grande pérola da prostituta é acolher e escutar. O cliente sai melhor do que entrou. Às vezes, ele vem só para conversar. Não estou atuando como psicóloga, mas procuro trazer mais humanidade ao atendimento. Quero ajudar as pessoas", diz Sarug, que estuda no doutorado em psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o efeito terapêutico da prostituição.

Tal qual Hilda, a baiana é filha da classe média alta. Mudou-se de Salvador para BH para estudar psicologia. Aplicada, aprendeu alemão para ler Freud e grego para ler Platão. Além de se aprofundar nos estudos, mergulhou dentro de si até reconhecer sua identidade. Foi quando "o Sarug", nome árabe que significa 'amigo', passou a ser "a Sarug" – não fez a cirurgia de mudança de sexo, pois quer preservar sua "singularidade". A prostituição veio na carona e, no século 21, ela mostra que ser Hilda não se traduz em ser mulher. Somente na Guaicurus, são três hotéis voltados somente para as trans. "Os travestis e transexuais estão enclausurados na prostituição", comenta Sarug, criticando a dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

DIÁRIO DE ALCOVA Logo depois de concluir o mestrado, já transexualizada, há cerca de 10 anos, Sarug perdeu os benefícios estudantis. "Comecei a passar fome. Um amigo antropólogo me sugeriu a prostituição. Tinha preconceito, mas passar fome não é brincadeira", conta. Ela foi para a rua e topava programas por R$ 5 ou R$ 10. "Cada dia ia a campo, chegava em casa e escrevia um diário etnográfico", diz, enquanto ajeita uma sacola. No diário, relata casos de clientes, fala de uma surra que levou dos travestis e da "cafetinagem" ainda existente.

A chegada à Guaicurus foi uma questão de tempo e a permanência, uma questão de gosto. "A gente tem de fazer o que gosta. Tem que gozar. A prostituição trouxe também méritos de me conhecer melhor", afirma. Hoje, ela concilia a atividade com as aulas em universidades e os estudos. Nos programas, conheceu também o amor. Há cerca de dois anos, Sarug se casou com um cliente. "Ele não conhecia o mar, roda-gigante. Fui me encantando pela sua ingenuidade", diz.

O marido trabalha como açougueiro e nunca havia transado com uma transexual. Apaixonou-se por ela, casou, mas não concorda que a mulher continue na zona. Sarug encontrou um meio-termo e, para agradar ao marido, fica na Guaicurus até as 15h. Já são quase 16h. "Tenho que me preparar para um seminário na universidade e daqui a pouco estou indo embora para fazer a janta para meu marido", diz, ansiosa. "As trans sofrem esse estigma de ser mulher na condição de passar, lavar, cozinhar", afirma. Daqui para frente, ela ainda não definiu o rumo da vida. Mas talvez transforme tudo isso em um livro. De onde estiver, Drummond agradece. *(Flávia Ayer)*

Figura 26: Perfil 9 – Sarug – caderno Hildas de Hoje – seção Especial do jornal Estado de Minas

Como se pode notar, o perfil 9, Sarug, é iniciado por um antetítulo que divide em duas áreas de atuação da perfilada:

> Sarug/ excerto 1: Transexual divide a cama e a vida acadêmica entre prostituição e psicologia

Adiante, as classes de pertinência da perfilada:

> Sarug/ excerto 2: Sarug, com seu 1,80m e 38 anos, não cabe em definições simplistas. Transexual, psicóloga, mestre em literatura, doutoranda, casada, professora universitária e "puta", como gosta de ser chamada nas imediações da Rua Guaicurus.

O procedimento descritivo de denominação por classe de pertinência enquadra Sarug em várias classes de pertinência: gênero transexual, estado civil casada, titulações acadêmicas mestre e doutoranda, profissões professora e prostituta. Como já mencionamos anteriormente, a prostituta pode atuar em diversas outras áreas.

O EUe apresenta a razão para a perfilada ter se inserido na prostituição:

> Sarug/ excerto 3: Tal qual Hilda, a baiana é filha da classe média alta. [...] Somente na Guaicurus, são três hotéis voltados somente para as trans. "Os travestis e transexuais estão enclausurados na prostituição", comenta Sarug, criticando a dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

Por meio do procedimento descritivo de denominação por classe de pertinência, o EUe atribui à Sarug uma classe social, classe média alta, dando a entender que a situação financeira, em princípio, não foi um motivo para que a prostituta escolhesse a profissão. O efeito é de que, entre outras alternativas possíveis, Sarug optou pela prostituição. Entretanto, no mesmo excerto, Sarug/ 3, o EUe apresenta a perfilada como actante-vítima (papel narrativo), pois ao descobrir-se transexual Sarug encontrou dificuldade de inserção no mercado de trabalho, o que justifica seu ingresso na prostituição. O Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017[37] realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA (2018) aponta que

> 90% da população de Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda, e possibilidade de subsistência, devido a dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e a deficiência na qualificação profissional causada pela exclusão social, familiar e escolar (ANTRA, 2018, p.18).

[37] Disponível em https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf. Acesso em 22/08/2018

O EUe continua a justificativa:

> Sarug/ excerto 4: Logo depois de concluir o mestrado, já transexualizada, há cerca de 10 anos, Sarug perdeu os benefícios estudantis. “Comecei a passar fome. Um amigo antropólogo me sugeriu a prostituição. Tinha preconceito, mas passar fome não é brincadeira”, conta.

O EUe utiliza a modalidade delocutiva de relato citado em que apresenta a prostituta como actante-vítima (papel narrativo) ao mostrar que a perfilada começou a “passar fome” antes de optar pela prostituição. Essa informação tem apelo emocional por mostrar a dificuldade de sobrevivência. O EUe dá a entender, também, que Sarug foi uma vítima de uma situação (perder os benefícios estudantis e começar a passar fome).

O EUe explora a identidade acadêmica de Sarug:

> Sarug/ excerto 5: “A grande pérola da prostituta é acolher e escutar. O cliente sai melhor do que entrou. Às vezes, ele vem só para conversar. Não estou atuando como psicóloga, mas procuro trazer mais humanidade ao atendimento. Quero ajudar as pessoas”, diz Sarug, que estuda no doutorado em psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o efeito terapêutico da prostituição.

Por meio da modalidade delocutiva de relato citado, o EUe atribui à perfilada o estatuto de actante-benfeitora (papel narrativo), que transmite um benefício a outro actante, no caso, seus clientes, baseando-se nos estudos do doutorado. Esse excerto (Sarug/ 5) apresenta uma relação entre atividades que Sarug exerce (acadêmica e profissional), e pressupõe que a perfilada aperfeiçoa sua prática por meio da atividade acadêmica. Assim, o EUe sugere a aproximação entre as identidades de intelectual e prostituta.

O marido não gosta da profissão de Sarug:

> Sarug/ excerto 6: O marido trabalha como açougueiro e nunca havia transado com uma transexual. Apaixonou-se por ela, casou, mas não concorda que a mulher continue na zona.

O EUe indica a razão para a permanência de Sarug na prostituição:

> Sarug/ excerto 7: A chegada à Guaicurus foi uma questão de tempo e a permanência, uma questão de gosto. “A gente tem de fazer o que gosta. Tem que gozar. A prostituição trouxe também méritos de me conhecer melhor”, afirma. Hoje, ela concilia a atividade com as aulas em universidades e os estudos.

O EUe, no excerto Sarug/ 6 indica que Sarug é uma mulher empoderada, pois exerce seu poder de escolha, não se submetendo à vontade do marido, que parece não aceitar sua profissão de Sarug. Como mencionamos no perfil 5, Daiane, o empoderamento econômico (LEÓN, 2013) permite que as mulheres, sobretudo as que têm um companheiro/marido, escolham se querem, ou não, exercer uma função profissional, o que é importante para o bem-estar da mulher e consequentemente de sua família.

No excerto Sarug/ 7, o relato citado mostra que a perfilada gosta do que faz. Assim, o EUe dá a entender que a perfilada se sente bem na prostituição e cria um efeito de que a prostituição pode ser tratada como qualquer outra profissão. Por fim, a imagem que o EUe cria de Sarug é de uma mulher empoderada porque exerce sua capacidade de tomar decisões: a decisão de assumir-se transexual e a de escolher e se manter na prostituição, mesmo contrariando o marido.

CAPÍTULO III – AS HILDAS

A prostituição é um fenômeno complexo e multifacetado, tem raízes amplamente relacionadas a fatores econômicos, sociais, culturais e também pessoais. É uma atividade que provoca debates diversos que caminham entre a vitimização da prostituta, sua passividade e sua capacidade agência. Contudo, no imaginário social, o que paira é a marginalização e a discriminação do segmento.

Entendemos agência a partir da perspectiva de León (2013). Para a autora, agência significa enumerar alternativas e decidir entre elas o que considerar mais conveniente. Portanto, é a capacidade de se fazer escolhas significativas (LEÓN, 2013).

No Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, conforme Andrade e Teixeira (2004), a prostituição era fortemente condenada, porém tolerada, pois satisfazia a suposta necessidade sexual dos homens. A desigualdade social também era um fator para que a prostituição se fizesse presente na sociedade, conforme Andrade e Teixeira (2004).

Para Margareth Rago (1990), o mundo da prostituição foi marcado por todo um aspecto de mistério, fascínio e atração. Muito porque a prostituição configura uma grande rede de sociabilidade: pessoas de todos os tipos se encontram nesse universo. A autora pontua que a "zona de meretrício" nasceu localizada no centro das cidades, com seu modo de funcionamento particular, opondo-se à cultura dominante, mas não se apartando dela.

Foi, também assim, que nasceu a Rua Guaicurus, cenário em que atuam as perfiladas desta pesquisa, localizada no hipercentro de Belo Horizonte, Minas Gerais. Andrade e Teixeira (2004) afirmam que em Belo Horizonte (BH), bem como nas cidades de todo o país, a prostituição se concentrava, em sua grande parte, em um local específico, conhecido, então, como zona. Essa organização servia como forma de regular e vigiar a atividade.

A Rua Guaicurus, que nasceu junto à inauguração de BH, passou por um período de destaque, o qual Andrade e Teixeira (2004) denominam como a segunda fase da prostituição belorizontina – entre 1930 e 1970 –, fase que compreende o período em que Hilda Furacão fez sucesso na famosa rua (década de 1960). E ainda há um grande movimento presente na Guaicurus. Conforme o *Hildas de Hoje*, em 2016, a Associação de Amigos da Rua Guaicurus contabilizou a frequência de cerca de 1 milhão de homens por mês nos estabelecimentos da rua:

> (Texto da última página/ excerto): É a boemia a guia mestra para entender o passado e o presente da Rua dos Guaicurus, no Hipercentro de Belo Horizonte. Ela está na origem, marca a história e alimenta o imaginário de quem a frequenta e até daqueles que nunca pisaram nos quatro quarteirões entre as ruas da Bahia e Curitiba. Os prédios de quatro andares em estilo art déco e eclético, ocupados por hotéis de prostituição, barbearias, lanchonetes e comércio popular, remetem ao início da ocupação da capital. E persistem nos tempos de hoje com visitação superlativa. Todo mês, mais de 1 milhão de homens frequentam os quartos, cinemas e cabines eróticas da Guaicurus. A estimativa é da Associação dos Amigos da Rua Guaicurus (AARG), que reúne donos de hotéis da região. (*Hildas de Hoje*, p.8)

Belo Horizonte é reconhecida, inclusive, como uma cidade em que se "ganha bem" no segmento da prostituição. Conforme Gabriela Leite (2009),

> A prostituição em Belo Horizonte é uma loucura, não tem nada que se compare no Brasil inteiro. Lá eu bati meu recorde. Quando a puta de São Paulo ou do Rio precisa levantar um dinheiro a mais, ela vai para Belo Horizonte, onde não falta vaga. A quantidade de homens é imensa (2009, documento sem paginação[38]).

Por isso, a Rua Guaicurus abriga mulheres de diversas partes do país. Em nosso material, algumas das perfiladas atestam esse fato:

> Perfil 3 – Thamires/ excerto: Começou a atender clientes por telefone, depois trabalhou no ABC Paulista até ir para a Espanha, onde ficou por sete anos. "Nunca ganhei tanto dinheiro", diz. Entre idas e vindas, são mais de duas décadas como profissional do sexo. Há seis anos, começou a trabalhar na Guaicurus (...).

> Perfil 4 – Bruna Carioca/ excerto: Do Rio de Janeiro, Bruna, de 51 anos, ouviu falar que, na Rua Guaicurus, em Belo Horizonte, ganhava-se muito dinheiro.

> Perfil 6 – Manu/ excerto: Apesar da naturalidade, faz menos de um mês que Manu, de 19 anos, veio de São Paulo para trabalhar na Guaicurus.

> Perfil 8 – Laura/ excerto: Há mais de três décadas trabalhando na Rua Guaicurus, conta que foi parar na profissão por amor à

[38] De agora em diante, utilizaremos a sigla s/p para indicar documentos sem página especificada.

filha. Natural do interior de Minas (...).[39]

Conforme o pensamento de Rago (1990), o processo de industrialização foi um grande propagador da prostituição, pois proporcionou mudanças substanciais na sociedade daquela época. Uma delas foi a inserção da mulher na vida pública. Rago (1990) afirma que à medida que a cidade se expandiu e o comércio se diversificou, multiplicaram-se os espaços públicos de sociabilidade com maior participação da mulher nesses ambientes e a comercialização do corpo feminino se caracterizou como prostituição. A figura da prostituta passou, a partir de então, a ser constituída como um parâmetro para limitar o comportamento feminino no espaço público:

> Se de um lado, valorizava-se a incorporação da mulher num amplo espaço social, por outro lado, procurava-se instaurar linhas de demarcação sexual definidoras dos papéis sociais bastante claras. No caso da mulher, que "honestas" e prostitutas não se confundissem. E que, acima de tudo, as mulheres na democratização da vida social se conscientizassem de que sua natureza primeira era a maternidade. A prostituta, por seu lado, passou a simbolizar tudo o que se considera condenável numa mulher. Nômade, "mulher pública", noturna, artificial, cheia de vícios, na representação que construíram vários setores, deveria aparecer como um alerta dos limites instransponíveis para a "moça de família" (RAGO, 1990, p. 28-29).

Ainda conforme Rago (1990, p. 9), os conceitos de "'rainha do lar' ou 'mulher da vida' foram as formas mais visíveis de enquadramento conceitual da mulher, quando esta se tornou objeto de estudos científicos". A historiadora afirma que ao estabelecer essa polarização nítida entre duas figuras femininas, a sociedade burguesa encontrou meios para se defender da figura da prostituta. Por mais que a "mulher honesta" fosse livre e independente, sua liberdade estaria limitada pela presença da prostituta e, assim, a figura da prostituta contribuiu para que mulheres evitassem ingressar em ambientes essencialmente masculinos (preservando a ordem patriarcal vigente):

> O homem no espaço público foi sempre percebido positivamente, através da imagem do trabalhador e do político, segundo o ideário liberal. A mulher fora do lar, sobretudo se desacompanhada, precisou prestar muita atenção aos seus gestos, aparência, roupas, para não ser confundida com a figura dissoluta ex-cêntrica (sic) da prostituta, "mulher pública" (RAGO, 1990, p. 53).

[39] Além de Thamires (perfil 3), Bruna (perfil 4), Manu (perfil 6) e Laura (perfil 8), Tatiana (perfil 7) e Sarug (perfil 9) também não são naturais de Belo Horizonte. No entanto, o que as levou para a cidade não foi a prostituição, e nem e Rua Guaicurus. Foi na "zona boemia" de BH que a Paraense e a Baiana se instalaram.

A prostituição era habitualmente apreciada a partir de uma perspectiva normativa e a prostituta era compreendida, conforme Rago (1990), de duas formas: como uma mulher vitimizada, que não viu outro caminho que não fosse a prostituição, ou como "mulher rebelde", que não conseguia lidar com a norma imposta ou, ainda, que não conseguia controlar sua sexualidade. A partir da década de 1970, essas formas foram contestadas. Segundo a historiadora, muitas mudanças ocorreram e as prostitutas começaram a organizar-se politicamente, reivindicar seus direitos, entender sua atividade, definir seu campo de atuação, conhecer sua história e desfazer mitologias tradicionais, no Brasil e internacionalmente – o que se estende aos dias atuais.

Começaram a nascer, então, as organizações e associações de prostitutas. Gabriela Leite, ex-prostituta e militante, foi uma das fundadoras do movimento de prostitutas no Brasil. Organizou, junto de sua amiga Lourdes Barreto, o 1º Encontro Nacional de Prostitutas e criou a ONG Davida[40] (LEITE, 2009) com a proposta de atuar pela defesa e reconhecimento dos direitos das prostitutas. Gabriela criou também a grife Daspu[41] a fim dar maior visibilidade ao movimento, além de conseguir arrecadação para mantê-lo. A militante lutou pela classe marginalizada, pela regulamentação da profissão e contra a ideia de tratar a prostituição como falta de opção para mulheres em situação de pobreza. Como uma das principais lideranças do movimento organizado da categoria, contribuiu para criar diversas organizações de prostitutas em todo o Brasil, incluindo a Rede Brasileira de Prostitutas (RBP)[42].

A RBP é constituída por grupos de prostitutas e entidades comprometidas com a defesa e a garantia de direitos humanos às profissionais do sexo. O GEMPAC[43], Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará, a CUTS[44], Central Única de Trabalhadoras e Trabalhadores sexuais o Blog das Esquinas[45] são outros exemplos de organização e ativismo/cyberativismo entre prostitutas no Brasil. Minas Gerais também tem uma associação que atua no estado: a Aprosmig[46], Associação de Prostitutas de Minas Gerais, que foi criada a fim de organizar e garantir direitos às prostitutas. A associação é mencionada no caderno, como uma organização que luta contra a "putafobia", o preconceito contra prostitutas:

---

[40] Coletivo que atua com pesquisa, intervenções culturais, arte e direitos humanos.
[41] http://daspu.com.br/
[42] http://www.redeprostitutas.org.br/
[43] https://www.facebook.com/gempacpa/
[44] https://www.facebook.com/CUTSBR/
[45] https://blogdasesquinas.wordpress.com/
[46] http://aprosmig.zip.net/

> Putafobia – (...) Criada em 2013, a Associação das Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig) trabalha para combater o que chamam de "putafobia", o preconceito contra a profissional do sexo. "O trabalho da prostituta é como outro qualquer, é algo que mantém a pessoa dignamente. A vida social vai além do trabalho, passa pela família, pelos estudos. Queremos respeito. Lugar de mulher é no trabalho onde ela quiser", reforça a presidente da Aprosmig, Cida Vieira. (*Hildas de Hoje*, p. 4 – texto de apoio)

Além dos coletivos e associações, a militância contra os preconceitos pode acontecer também de forma individual, como é possível observar em um dos perfis do material:

> Perfil 7: Tatiana/ excerto: "Quero escrever, quero publicar, quero deixar um legado para a sociedade. Quero ajudar a construir uma sociedade não preconceituosa. E isso tem que começar por nós."

Apesar da militância e dos movimentos, para Barros (2005, p. 5), "está longe o dia em que a venda do sexo não será entendida como um ato sujo, feio, profano, pecador, imoral, mundano e danoso à ordem social". Barros (2005) ainda aponta que as prostitutas são estigmatizadas, e isso pode acontecer de diversas formas. O autor elenca nomes que são comumente utilizados para identificar prostitutas, cuja existência (de muitos) revela o imaginário social que cerca o segmento e carregam o estigma direcionado às prostitutas:

> Dos mais conhecidos termos temos: prostituta, puta, meretriz, piranha, garota de programa, rapariga, vadia, libertina, mulher de vida fácil, vagabunda, mulher da vida, mulher de "vida alegre", mulher à toa, cortesã, camélia e quenga. Dentre os nomes menos conhecidos encontra-se marafona, boneca de trapos, mulher "horizontal", cocota, cocote, meretrícula, mariposa, dama da noite, "deusa" da noite, mulher de costumes fáceis, "decaída", que leva vida licenciosa, piranhuda, pistoleira, mundana, Maria Madalena, mulher pecadora, mulher manteúda, mulher teúda, mulher de vida silenciosa, marquesa das altas calçadas, damas de copas, boneca noturna, boneca vadia, concubina, gueixas, mulher desregrada, rameira, perra, barregã, bagaxa, rascoeira, cróias, bandarra, zabaneira, michelas, mulher livre, mulher tolerada, mulher da noite, mulher de paredão, imperatriz da alcova, deusa do asfalto, trabalhadoras e/ou profissionais do sexo (BARROS, 2005, p. 6).

Segundo Rago (1990, p.23), o conceito da prostituição possui diversas conotações extremamente moralistas e é constantemente "associado às imagens da sujeira, da podridão, do esgoto, em suma, de tudo aquilo que constitui uma dimensão rejeitável da e pela sociedade". Além disso, as violências física e simbólica também são comuns, tanto

por parte dos parceiros, quanto por parte de instituições de segurança, como a polícia:

> A violência sofrida por parceiros é constante. Não digo apenas a violência física que, ao contrário do que pensa o senso comum, é de menor importância, mas a violência escamoteada, "simbólica", oriunda de duras falas, formas de olhar e de certos comportamentos que beiram espancamentos e atos de pura violência física. As prostitutas sentem a violência quando são comparadas a outras mulheres ou animais. Não poucas vezes são obrigadas à inferioridade e submissão a práticas sexuais e comparações indevidas. (...) Da polícia surge o medo da discriminação, da revista sem respeito e da prisão indevida. As prostitutas acreditam que a própria situação em que se encontram, as coloquem em posição desfavorável diante da força repressora do Estado e, por conseguinte, da justiça. As prostitutas não têm ciência dos mínimos direitos garantidos aos seres humanos. Pelo contrário, entendem que são seres inferiores, seres humanos sem direitos e excluídos da sociedade. (BARROS, 2005, p. 19).

Em seu livro "Filha, mãe, avó e puta", Gabriela Leite (2009) relata a repressão policial sofrida pelas prostitutas:

> Durante o dia a situação também estava muito complicada. Os policiais entravam nos prédios, exigiam documentos dos clientes e baixavam a porrada sem nenhum motivo. Isso gerou uma crise. Que homem entraria num prédio de prostituição com dois carros de polícia parados na portaria? A situação foi se agravando, todo dia eles enchiam um camburão de gente. Tiravam o dinheiro das mulheres e das travestis e depois batiam muito nelas. As meninas entravam no camburão e quando apareciam de volta estavam em estado lastimável. (2009, s/p).

Um dos perfis do *Hildas de Hoje* mostra que a violência é comum, no exercício da prostituição. Bruna já foi agredida por um de seus clientes:

> Perfil 4: Bruna/ excerto: Ela conta que a violência contra as mulheres neste meio é constante e cruel. "Vim para BH há cinco anos, porque sabia que aqui poderia ganhar uma quantia maior. Isso é verdade. Mas os mineiros são violentos", sussurra, com medo de alguém fora do quarto ouvir o que diz à reportagem. Ela conta que, há pouco tempo, um cliente teve um acesso de fúria quando ela exigiu o preservativo na relação. Tentou bater em Bruna e correu atrás dela pelo quarto.

A cultura ocidental, patriarcal, reconhece como universal apenas a experiência masculina. Em geral, ao falar de mulheres, o discurso de gênero representa o que está ligado ao imaginário masculino, à dominação destes sobre as mulheres (PIRES, 1997). Nesse sentido, sob o aspecto de "sujeira" (RAGO, 1990), as prostitutas sofrem, então, um preconceito multiplicado: além de serem mulheres, são "sujeira". Além disso, muitas vezes, as prostitutas são reduzidas a apenas objeto do prazer do outro e a elas está

reservado um espaço de marginalização. A prostituição feminina seria, então, o ponto alto da objetificação da mulher:

> Perfil 3: Thamires/ excerto: No quarto de luz azulada, com cama de alvenaria e banheiro cujas paredes não chegam ao teto, divide sentimentos antagônicos. Ora sente-se um "objeto, ora alguém "muito importante".

Embora seja comum considerar a prostituta uma mulher livre para viver o prazer, o desejo, a sexualidade e o gozo, na prática, essa asserção nem sempre se concretiza. Gabriela Leite (2009, s/p) afirma que aprendeu com os clientes que a prostituta deve "sempre fingir orgasmo, porque é assim que eles querem. Gostam de acreditar que a mulher que eles estão comendo goza com eles, mesmo a prostituta". Susi (perfil 1) e Thamires (perfil 3) relatam essa experiência:

> Perfil 1 – Susi/ excerto: Em conversa com Drummond, Furacão chegou a mencionar que fingia tudo. "Nunca senti nada, eu fingia, beijos fingidos, orgasmos fingidos, alegria fingida." Susi diz o mesmo e vai além. "Sou profissional, praticamente um robô. É tudo automático.

> Perfil 3 – Thamires/ excerto: "Aqui eu chamo o homem de lindo, meu amor, mesmo que não seja nada disso", afirma, reforçando a nuvem de fantasia que paira sobre a Guaicurus.

A proposição disseminada pelo senso comum como "a profissão mais antiga do mundo", segundo Swain (2004), materializa a ideia da condição inferior das mulheres ao longo da história, despossuídas de seus corpos e de sua condição de sujeito, no social e no político. Simone de Beauvoir, que marcou o feminismo do século XX, apontou que "a prostituta não tem direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina" (DE BEAUVOIR, 1960, p. 324).

Uma das discussões mais problemáticas que se faz sobre a prostituição diz respeito aos motivos que podem levar a mulher a vender o sexo. Conforme Barros (2005), como qualquer trabalho, a prostituição é um meio eficaz de garantia da sobrevivência diante de um mercado de trabalho que não oferece oportunidades justas e dignas para todos. Muitas justificativas para a entrada na prostituição, conforme a pesquisa do autor, são:

> a gravidez indesejada, a falta de oportunidades devido aos poucos anos de estudo, desorganização familiar, violência doméstica, sedução e corrupção oriunda de familiares, desestruturação matrimonial, separação ou viuvez, incesto, arrimo de família, baixos salários na ocupação anterior, necessidade de criar o próprio filho, afinal a maioria[47] é mãe solteira e por fim, imigrações sociais que trouxeram mulheres de longas distâncias que, sem oportunidades, partiram para a prostituição. (BARROS, 2005, p. 21-22).

Algumas dessas razões são encontradas em nosso material[48]:

> Perfil 1 - Susi/ excerto: Ora faz entender que foi em busca da independência financeira, ora fala sobre antigo relacionamento que não deu certo. Mas não justifica a situação para a escolha. Revela que foi estuprada aos 5 anos e aos 12 por um parente que frequentava a casa dos seus pais.
>
> Perfil 2 – Karla/ excerto: "Na época, trabalhava em uma padaria e tinha acabado de ficar viúva do meu primeiro marido, com quem tinha uma filha. Um amigo, sabendo das minhas dificuldades financeiras, me levou à prostituição na Avenida Pedro II. Lá, como cliente, conheci um senhor apaixonado por profissionais do sexo. Hoje, ele é o meu marido", conta Karla.
>
> Perfil 3 – Thamires/ excerto: Foi a separação do marido que a levou para a prostituição.
>
> Perfil 5 – Daiane/ excerto: A jovem de voz mansa está na Guaicurus desde os 18 anos, quando teve uma filha.
>
> Perfil 6 – Manu/ excerto: O desemprego foi o impulso para a jovem, que trabalhava como recepcionista, procurar a prostituição.
>
> Perfil 7 – Tatiana/ excerto: A temporada mineira trouxe novas experiências profissionais. Primeiro, o telemarketing, depois, aulas de sociologia em escolas públicas. E, no meio disso, a prostituição. "Briguei com a minha amiga e fui morar sozinha. Teve um dia que o dinheiro não dava. Fiz anúncio em site de encontros casuais e, em uma se mana, fiz R$ 1 mil", lembra.
>
> Perfil 8 – Laura/ excerto: Natural do interior de Minas, engravidou ainda nova e sua família não aceitava uma gravidez sem casamento. O pai da criança não assumiu a filha, e, entre ficar com a menina ou ter o respeito da sociedade, se agarrou à

[47] Essa maioria diz respeito aos dados da pesquisa do autor.
[48] O perfil 4 – Bruna Carioca não faz menção à razão pela qual a perfilada optou pela prostituição.

> primeira opção e encontrou na prostituição a felicidade.

> Perfil 9 – Sarug/ excerto: Logo depois de concluir o mestrado [vivendo fora da casa dos pais e em outra cidade], já transexualizada, há cerca de 10 anos, Sarug perdeu os benefícios estudantis. “Comecei a passar fome. Um ami go antropólogo me sugeriu a prostituição. Tinha pre conceito, mas passar fome não é brincadeira”, conta

Entretanto, atribuir a permanência nessa prática por essas questões é um argumento redutor, pois nega, mais uma vez, o direito à mulher de escolher livremente como quer viver sua sexualidade. Ou seja, nega a possibilidade de se posicionar como sujeito desejante e histórico, não permitindo que a prostituição seja uma escolha como qualquer outra (cf. CECARELLI, 2008). Em alguns dos perfis, as prostitutas assumem gostar do que fazem, e, embora tenham apresentado condições aparentemente favoráveis para que fizessem outra escolha (classe social), optaram pela prostituição como forma de garantir sua independência financeira e não pretendem deixar a profissão:

> Perfil 1 - Susi/ excerto: Mas Susi decidiu: “Não quero largar”.

> Perfil 2 - Karla/ excerto: Mas diz adorar se prostituir. “É fácil, é difícil, é gostoso.

> Perfil 9 - Sarug/ excerto: Tal qual Hilda, a baiana é filha da classe média alta.

Pode-se concluir que a inserção e/ou permanência na profissão não deixa de ser uma escolha diante da possibilidade de outras, e essa perspectiva torna a prostituta um sujeito ativo, agente social. No entanto, é preciso lidar com as consequências dessa escolha.

A violência e o preconceito relacionados à prostituição dificultam a possibilidade de que prostitutas vivam sua feminilidade, sejam mães, esposas, definam sua identidade e sejam aceitas socialmente sem a marca do estigma que a profissão carrega. Contudo, em nosso material, é possível notar que as prostitutas exercem a maternidade e vivem o casamento. O peso do preconceito, no entanto, ainda faz parte da vida de algumas dessas nove mulheres, o que se pode concluir pela opção de não mostrarem o rosto na fotografia que acompanha o perfil – entre as nove, cinco optaram por manter seu rosto em sigilo.

O estigma relacionado à prostituição aciona outras formas de discriminação e

ainda que tenha apenas a conduta sexual como referência, transfere-se para outros papéis da vida da prostituta, o que justifica a necessidade de preservarem sua identidade. A mulher prostituta atua em diferentes esferas da vida social, vive situações fora do mundo da prostituição. Portanto, divide, segundo Gaspar (1985), o mundo em praticamente duas esferas de atuação e representação: o profissional e o não profissional, manipulando suas identidades de acordo com as situações (GASPAR, 1985). Já observamos esse aspecto durante a análise, mas vale rever. O *Hildas de Hoje* mostra que é possível que prostitutas sejam mães, esposas, professoras, estudantes:

> Perfil 2 - Karla/ excerto: Todos os dias, o marido de Karla, de 39 anos, é quem a leva e busca do Hotel Magníficos, na Guaicurus. (...) Além da vida na Guaicurus, Karla já está montando um negócio próprio, no setor de alimentação.

> Perfil 3 - Thamires/ excerto: Fora da Guaicurus, Thamires tem outro nome, que não revela por nada. Da sua vida real a loira conta pouco. Os três filhos – um menino de 27, outro de 25 e uma menina de 22 – sabem da atividade da mãe.

> Perfil 5 - Daiane/ excerto: A jovem de voz mansa está na Guaicurus desde os 18 anos, quando teve uma filha. Agora, ela e o namorado resolveram ter mais um bebê.

> Perfil 6 - Manu/ excerto: (...) afirma Manu, que sonha em ajudar a família financeiramente. Ninguém sabe que ela se prostitui. Em BH, a jovem leva uma vida em segredo e focada no trabalho no Hotel Brilhante (...).

> Perfil 7 - Tatiana/ excerto: Ela solta os cabelos cacheados, tira a calça jeans, põe brincos dourados, sobe nas sandálias de salto fino e, aos poucos, vai deixando do lado de fora do quarto da Rua Guaicurus a aparência da socióloga e professora da rede estadual de educação. Na zona boêmia de BH, a jovem é apenas Tati.

> Perfil 9 - Sarug/ excerto: Sarug, com seu 1,80m e 38 anos, não cabe em definições simplistas. Transexual, psicóloga, mestre em literatura, doutoranda, casada, professora universitária e “puta”, como gosta de ser chamada nas imediações da Rua Guaicurus.

Por essa razão, Barros (2005) mostra que a prostituta, muitas vezes, se despe de

seu nome e atribui a si um "nome de guerra"[49], a fim de esconder sua atividade profissional. Thamires, perfil 3, possui um nome que usa em sua "vida real", o qual prefere manter em sigilo, o que demonstra que a manutenção de uma outra identidade funciona como um mecanismo de aceitação social, como um espaço que garante a sociabilidade de forma igual:

> Perfil 3 - Thamires/ excerto: Fora da Guaicurus, Thamires tem outro nome, que não revela por nada. Da sua vida real a loira conta pouco.

Não se pode deixar de mencionar a segmentação que existe dentro do próprio grupo – as conhecidas acompanhantes de luxo, as prostitutas de rua, as de hotéis, as mais velhas, as mais novas, entre outras. Essa segmentação afeta o número de clientes, os rendimentos, o tipo de cliente, o valor do programa e também pode ser um fator decisivo para a permanência de mulheres nessa atividade:

> PERFIL DA ZONA - A prostituição também reproduz hierarquias sociais. Na zona boêmia, hotéis mais caros, com melhor infraestrutura, são ocupados por mulheres jovens, de pele mais clara e dentro dos padrões estéticos socialmente valorizados, e têm maior frequência de estudantes universitárias. Mesmo assim, há neles diversidade de perfis socioeconômicos, 'raciais', educacionais e geracionais. Nos hotéis mais baratos, essa diversidade se acentua, com maior quantidade de mulheres acima de 40 anos, negras e com sobrepeso. Como aponta Wendy Chapkins (1997), diferenças de classe e status não apenas dividem os lugares ocupados pelas trabalhadoras no comércio do sexo, como criam distintas experiências, inclusive em relação ao valor e respeito com que são tratadas." Trecho de artigo escrito pela socióloga e prostituta Tatiana Vieira e pela antropóloga Marina França. (*Hildas de Hoje*, p. 5 – texto de apoio)

Conforme Gaspar (1985):

> (...) em outras parcelas da prostituição, que gozam de uma melhor situação econômica - segmentos das camadas médias, por exemplo -, a justificativa da "prostituição da pobreza" ou da falta de dinheiro não cabe como explicação convincente da conduta feminina. Em certo sentido, as mulheres das camadas médias podem fazer uma opção ao se dedicarem à prostituição e devem arcar com o peso da "perversa escolha". Coloca-se então como hipótese provável que, não existindo a priori a determinação econômica, elas gostem de se prostituir, e com isso ganha força a acusação de doença – ninfomania – como

[49] Nome utilizado para a batalha (batalha e o nome que se usa para denominar a atividade da prostituição)

justificativa da conduta (GASPAR, 1985, p 81).

Muitas mulheres não veem alternativas fora da prostituição, pois, por falta de escolaridade, entre outras questões, não conseguem empregos que sejam mais rentáveis que a prostituição[50]:

> A estrutura econômica e sociocultural vigente as excluem do mercado de trabalho, afinal são desqualificadas, possuem pouca escolaridade e estão longe da estética ocidental. E, pode-se ir mais longe, a exclusão, à qual estão submetidas, toca os imperativos de sociabilidade, pois se trata de um grupo que não encontra meios de tecer relações sociais sólidas e duradouras (SILVA, 2005, p. 17).

Thamires, perfil 3, decidiu deixar a prostituição quando começou a namorar o gerente do hotel onde trabalhava. Começou, por essa razão, a trabalhar como faxineira. Como o namoro não vingou, retornou à prostituição:

> Perfil 3 - Thamires/ excerto: Namorou o gerente do hotel, largou a prostituição para trabalhar como faxineira, mas o romance não foi pra (sic) frente.

Além disso, o fator idade atua diretamente nos rendimentos das prostitutas. As mais novas ganham mais dinheiro que as mais velhas, como se pode notar em nosso material:

> Perfil 1 – Susi/ excerto: Hoje, fatura em torno de R$ 1 mil por dia e paga R$ 220 pela diária do quarto onde mora. (21 anos)

> Perfil 3 – Thamires/ excerto: Atualmente, fatura R$ 600 por dia – sem descontar a diária de R$ 130 do quarto. (46 anos)

> Perfil 5 – Daiane/ excerto: Enquanto ela trabalha, ganhando por dia até R$ 1,5 mil, o namorado é o "dono de casa". (20 anos)

O debate sobre a legalização da prostituição tem sido discutido atualmente pelo Projeto de Lei (PL) 4.211/2012[51] do deputado Jean Willys que tem como objetivo

---

[50] Há, também, os casos de prostituição infantil, exploração e tráfico de pessoas com finalidade de prostituição, e seus desdobramentos.

[51] **Ementa:** Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo. **Indexação:** Regulamentação, atividade profissional, profissão, trabalhador, sexo, proibição, exploração sexual. _ Alteração, Código Penal, favorecimento, indução, pessoa, prostituição. Disponível em http://www.camara.gov.br /proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=551899, acesso em 21/06/2018.

regulamentar a atividade dos profissionais do sexo:

> LUTA LEGAL - A prostituição não é ilegal no Brasil. Porém, há mais de 10 anos essas mulheres estão na luta para tentar regulamentar a profissão. Atualmente, está na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 4.211/2012, denominado "Lei Gabriela Leite" e proposto pelo deputado Jean Willys (Psol/RJ), que pretende não só desmarginalizar a profissão, como também permitir aos profissionais do sexo o acesso à rede de saúde pública, aos benefícios trabalhistas, à segurança pública e à dignidade humana. Com isso, acredita-se que a regularização seria um instrumento no combate à exploração sexual, ao possibilitar a fiscalização e o controle do Estado sobre o serviço. (*Hildas de Hoje*, p. 2 – texto de apoio)

Para Souza (2013), um passo fundamental para a promoção dos direitos das prostitutas consiste justamente em considerá-las como interlocutoras válidas, isto é, aprender a ouvir o que suas organizações têm a dizer, sem deixar de considerar a heterogeneidade que caracteriza o movimento social de prostitutas.

Na perspectiva de Piscitelli (2005), as práticas de prostituição, tais como outra forma de mercantilização e consumo devem ser interpretadas de maneira mais complexa que apenas uma confirmação da dominação masculina: em determinadas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e subversão cultural (PISCITELLI, 2005), pois apresentam a mulher como dona do próprio corpo, sobre o qual toma decisões de maneira autônoma. Por essa razão, a autora considera que a posição da prostituta não pode ser reduzida a de um objeto passivo utilizado na prática sexual masculina, mas como um "espaço de agência" no qual se faz um uso ativo da ordem sexual existente.

Nesse sentido, a concepção de que a prostituição é uma profissão como qualquer outra é defendida por uma das perfiladas de nosso objeto de análise:

> Perfil 7 - Tatiana/ excerto: "Estou usando meu corpo como meu instrumento de trabalho. Assim como uso meu intelecto na atividade acadêmica" (...) "Não é glamour nem vitimização da mulher. Para mim, é trabalho" (...).

Vale lembrar que a prostituição foi incluída no Código Brasileiro de Ocupações (CBO). A categoria "profissional do sexo" foi inserida na CBO em 2002 (BRASIL, 2002) e designa toda pessoa que atua nessa categoria – não somente mulheres, como designa o termo prostituta[52].

[52] 5198: Profissionais do sexo

Conforme Dolores Juliano (2005), a forte discriminação social referente à prostituição se apoia nas especificações de gênero que imperam em nossa sociedade. Segundo a antropóloga social, os gêneros foram construídos para serem modelos de conduta para mulheres e homens, o que determina as expectativas sobre o comportamento dos indivíduos em sociedade.

Durante muito tempo, o conceito de gênero foi construído a partir do conceito de sexo sendo relacionado à sua anatomia. O movimento feminista das décadas de 1960 e 1970, embora seja o período que representa o início do processo de emancipação feminina, relacionava o gênero ao aspecto cultural/social e o sexo à natureza, ao biológico, reforçando o binarismo feminino/masculino. Desse modo, o corpo era tido como a-histórico, como um recipiente passivo, pronto para receber significação (BUTLER, 2016).

Butler (2016) defende que a anatomia não dita mais o gênero, e que as ações significam o sexo, bem como significam o gênero. Para a filósofa (2016), o conceito de gênero como construto social legitima a ordem vigente. Por sempre ser o homem considerado como sujeito e a mulher condicionada a ele, o discurso de poder se pauta em um comportamento heteronormativo e os hábitos devem seguir essa imposição. A repetição de atos, desse modo, reforça a construção de corpos femininos e masculinos, tais como são concebidos pela heteronormatividade.

Seguindo a lógica foucaultiana, Butler (2016) aponta que não é possível viver fora da norma: o gênero é limitado pelas estruturas de poder e não há possibilidade de escolha realmente livre. Há, porém, a possibilidade de subversão, ou seja, da criação de espaços de potência e enfrentamento. Não sendo possível se livrar das estruturas de poder (pois toda relação social é constituída a partir das mesmas), é possível, ainda que de forma restrita, interpretar a realidade de modo a burlar as expectativas de gênero (BUTLER, 2016).

Nesse quadro, Butler (2016) desenvolve a noção de performatividade: o gênero não é, o gênero faz; é uma sequência de atos, e esses atos são intencionais, não são repetidos por imposição. A performatividade é a ação que produz significados intencionalmente, é o campo de possibilidade de variação da repetição, de escape da norma. Ou seja, o gênero é culturalmente construído, ensinado às pessoas desde de sua

---

Títulos 5198-05 - Profissional do sexo: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo. Disponível em http://www.mtecbo.gov.br>. Acesso em: 29/04/2018.

mais tenra idade; a performatividade é uma forma própria de viver o gênero, é um espaço de agência, de liberdade. Ela é, então, uma forma de subversão, é uma alternativa para escapar da expectativa do gênero.

Para Juliano (2005), pode-se partir do pressuposto de que as pressões socioculturais exercidas sobre as mulheres continuam a incentivar as mulheres consideradas "corretas", "direitas", a limitar suas escolhas àquilo que se espera delas: boas filhas, esposas, mães e donas de casa. As mulheres que se apartam desses modelos impostos são desvalorizadas. Conforme Guimarães e Merchán-Hamann (2005), a prostituição confere à identidade social da mulher prostituta a condição de transgressora das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade. Nesse sentido, a prostituição subverte o exercício controlado, rompe a expectativa do ser mulher, de modo que a prostituta se torna, então, um ser subversivo.

Gabriela Leite (2009, s/p) reconhece que a prostituta "é, desde todos os tempos, o ralo da sociedade, e não há nada que se possa fazer para mudar isso" e cita sua amiga, Vera: "Estou na vida porque gosto de sexo e também não conseguiria o que consegui tendo outra atividade, mas sei que para a sociedade sou apenas uma mulher que não presta. Pensar diferente disso é lutar contra os moinhos como Dom Quixote." (LEITE, 2009, s/p). No entanto, mostrou-se uma mulher empoderada e atuou como uma das peças principais da luta pela garantia dos direitos das prostitutas e pelo fim do preconceito contra a prostituição. E é importante que isso parta das próprias prostitutas com o apoio de setores de grande alcance social, articulando o individual e o coletivo.

Conforme León (2013), o empoderamento pode ser considerado na esfera individual e na coletiva. O empoderamento individual, para a autora, é ilusório se desconsidera o coletivo: "Por isso é importante vincular o nível individual da ação coletiva para [ao menos tentar] alterar os processos e estruturas que reproduzem a posição subordinada da mulher como gênero" (LEÓN, 2013, s/p – tradução nossa).

O discurso sobre prostitutas veiculado em um caderno especial de jornal de grande circulação, como o material analisado, pode proporcionar certa visibilidade a esse segmento; e reverbera a voz de um grupo historicamente marginalizado, contestando estruturas de poder que as colocam em posição inferiorizada.

Esperamos que essa pesquisa tenha proporcionado uma reflexão sobre a questão da prostituição. Sabemos que o tema é muito mais amplo, no entanto, buscamos, a partir de nosso material, apresentar uma das possibilidades de compreender como a profissão se configura a partir da voz das próprias prostitutas. Elas têm voz e estão em luta para que

essa voz seja cada vez mais presente. Conforme mencionado na introdução, "a prostituta está deixando de ser apenas uma sombra na esquina e passa a escrever a própria história, dispensando intermediários, contestando narrativas", no entender de Monique Prada (2017) e no nosso também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo I, fizemos considerações sobre a TS de Charaudeau (2016), e assim abordamos o objeto a partir de uma perspectiva discursiva, a fim de descreve suas condições de produção e de recepção. Constatamos que o ato de linguagem é, nos termos de Charaudeau (2016), uma aposta, ou seja, é uma tentativa sem certezas e que há um desdobramento entre os sujeitos da comunicação em duas instâncias: a instância social (circuito externo) e a instância de fala (circuito interno). São quatro os sujeitos que participam do ato linguageiro, dois na instância de produção e dois na instância de recepção: Eu comunicante e Eu enunciador, Tu destinatário e Tu interpretante.

Quando um jornal, instância de produção, aposta em um tema, ele lança mão de estratégias a fim de que o leitor efetivo coincida com o leitor idealizado (público alvo). Observamos, então, as possíveis estratégias utilizadas pela instância de produção, no caderno *Hildas de Hoje*, a começar pela capa do caderno (anexo I): ela traz uma perspectiva "enigmática", trabalhando o conceito de mistério. As fotografias podem ser consideradas instigantes, pois contém nudez e parte do rosto de uma das perfiladas. O texto de apresentação do caderno também apresenta estratégias para conquistar o leitor, como, por exemplo, a identificação das prostitutas a partir do nome delas e a síntese do que será abordado sobre cada uma.

Tratamos ainda, no capítulo I, o gênero textual perfil por meio de diversos autores que explicam as características de tal gênero. Todos os autores comungam da ideia de que o perfil tem a finalidade de apresentar um personagem como protagonista de sua própria história. É uma espécie de minibiografia. Nesse gênero, pessoas comuns tornam-se conhecidas pelo público leitor, ao menos pelo breve espaço entre o início e o fim da leitura, o que consideramos a característica mais rica do perfil. No caso do caderno *Hildas de Hoje*, o perfil proporcionou certa visibilidade a um segmento que é, muitas vezes, invisibilizado, por estar lançado às margens da sociedade. O perfil é construído, em geral, por meio de uma entrevista, que é a coleta dos dados abordados; nesta pesquisa, não tivemos acesso a essas entrevistas.

Descrevemos o caderno *Hildas de Hoje*, a fim de identificar o que o caderno apresenta além dos perfis. O *Hildas de Hoje*, além de apresentar a história das prostitutas, aborda questões sobre a prostituição e sobre a prostituição em Belo Horizonte, Minas Gerais, o que torna mais ampla a abordagem que fez sobre o tema.

Abordar a prostituição a partir de perfis sobre prostitutas foi uma estratégia

notável por dar voz às prostitutas. É dado a elas o direito de falar. O jornal dedica um caderno ao tema, em homenagem a Roberto Drummond, a partir da história dessas nove mulheres, as quais são ouvidas pelas jornalistas que, nos perfis, reproduzem os dizeres das prostitutas, mostrando-as além dos estigmas.

No capítulo II, nossa proposta foi analisar os perfis a partir das categorias da TS no que concerne aos modos enunciativo, descritivo e narrativo. O modo enunciativo permitiu identificar o ponto de vista do sujeito enunciador. Foi possível constatar que a maior incidência com relação ao modo enunciativo foi o ponto de vista delocutivo, sobretudo por meio do uso da modalidade de relato citado. Em um primeiro momento, o relato citado cria o efeito de distanciamento do enunciador da responsabilidade sobre o que é enunciado. Entretanto, as citações das prostitutas nos textos elaborados pelas jornalistas são incorporadas às vozes delas (das jornalistas), ainda que possa haver algum tipo de tensão. Desse modo, observamos quais imagens o enunciador produzia a partir de sua visão de mundo.

Sobre o modo descritivo, foi possível mostrar a riqueza de detalhes sobre o ambiente e sobre as prostitutas. As precisões conferiram aos perfis efeito de realidade, uma possível estratégia para conquistar a atenção e a adesão do leitor sobre o que foi enunciado, além de dar credibilidade ao que foi contado. Esse recurso, em relação estreita com as fotografias apresentadas, mostrou que as prostitutas existem e que a história é real. Ademais, o modo descritivo singularizou as prostitutas, ao identificá-las, e as situou em espaços diferentes de atuação, levando a entender que a vida das prostitutas não se limita à prostituição. As prostitutas têm nome, tem rosto (ainda que em alguns casos, eles não possam ser identificados) têm vida para além da atividade profissional.

Com relação ao modo narrativo, pudemos identificar os papéis narrativos atribuídos às prostitutas desempenharam em relação ao que foi narrado sobre elas. O enunciador as apresentou como vítimas de ações de outros, ou de situações que as levaram a se prostituir, como uma forma de justificar a escolha pela prostituição. Elas foram apresentadas também como voluntárias, quando escolheram a prostituição. Algumas foram apresentadas também como benfeitoras, pois, por meio da prostituição, transmitem um bem a outro ser. Foi possível constatar que essas mulheres optaram pela prostituição a fim de melhorarem um estado inicial, seja de desemprego, divórcio, gravidez indesejada, ou falta de possibilidade no mercado de trabalho.

Pudemos constatar imagens de vítima, de mulher bem resolvida, de mulher comum, de feminista, de militante, mas, sobretudo, a imagem de mulheres protagonistas,

agentes, empoderadas.

León (2013) afirma que o empoderamento é um processo construído por meio de múltiplos componentes que se influenciam. Segundo a autora, a noção de agência preencheu o conceito de empoderamento porque agência pode ser compreendida como a capacidade de se fazer escolhas importantes e significativas. O sujeito pode enumerar alternativas e decidir entre elas o que considerar mais conveniente (LEÓN, 2013). Dessa forma, "a agência é a capacidade dos sujeitos de definir seus próprios objetivos e propósitos de ações em função das oportunidades individuais e estruturais" (LEÓN, 2013, s/p – tradução nossa).

Assim as prostitutas dos perfis são mulheres agentes, que decidiram, em circunstâncias diversas, pela prostituição e é nessa atividade assume seus sentidos. Além disso, embora a prostituição seja um segmento marginalizado, relacionado a tudo o que é rejeitado pela sociedade (RAGO, 1990), essas mulheres permitiram que suas histórias fossem reveladas em uma mídia de grande alcance social. Isso as mostra como mulheres empoderadas em nível coletivo, pois assumem suas histórias em um veículo midiático de grande alcance, indo de encontro às estruturas de poder que as marginalizam por não oferecerem o direito de terem suas vozes ouvidas.

Constatamos que a vida dessas mulheres não se limita à prostituição e não fosse o estigma que elas carregam, talvez elas assumissem a profissão que exercem em outras esferas da vida em sociedade. As *Hildas de Hoje* são mães, estudantes, esposas, donas de casa, provedoras do lar, são mulheres trabalhadoras.

No capítulo III, a proposta foi apresentar uma discussão sobre a prostituta e a prostituição, sob o olhar de diversos autores, a fim de compreendermos da forma mais ampla possível o universo da prostituição. Para construir esse capítulo, tomamos como ponto de partida o nosso objeto e pudemos verificar questões concernentes à prostituição em Belo Horizonte, sobre a mulher no mercado de trabalho e algumas das possíveis causas que fazem mulheres optarem pela prostituição. Abordamos a questão da militância em prol dos direitos das prostitutas e do fim do preconceito. Verificamos, também, que a permanência dessas mulheres na profissão pode acontecer por que elas gostam do que fazem, ou por causa de questões econômicas.

Quando me lembro das primeiras impressões que tive a respeito do objeto desta pesquisa, o que me recordo com mais clareza é que o caderno *Hildas de Hoje* era um espaço que daria visibilidade às prostitutas e, assim, esse seria mais um passo para a problematização de preconceitos relacionados a essas mulheres. Em diversas conversas

que tive com minha orientadora, professora Dylia, conversas muito esclarecedoras, concluí que o caminho a ser trilhado para a desnaturalização do preconceito que marca a prostituta é ainda longo e exige luta e resistência, assim como ainda é longo o caminho das mulheres para terem os seus direitos garantidos. A nossa sociedade ainda apresenta disparidades e injustiças sociais que estão arraigadas e as mulheres são sempre as maiores vítimas dessa desigualdade. Acreditar que os preconceitos e os estigmas podem ser combatidos faz parte da luta por igualdade e respeito.

O contexto em que estamos inseridos, em um momento em que se fala tanto na luta por igualdade e respeito às diferenças, o espaço para que as minorias se tornem mais presentes e se fortaleçam estão prontos para serem abertos. Para tanto, é necessário que a sociedade se una aos segmentos marginalizados, invisibilizados, a fim de que estes sejam recolocados em posição justa e igualitária na sociedade.

Embora exista uma lógica comercial dos veículos midiáticos, não podemos desconsiderar a força do alcance desse espaço potencial de visibilidade e promoção de ideias e posicionamentos. Assim, que esses veículos possam funcionar como espaço para dar voz às minorias, mostrar que elas existem e que fazem parte da sociedade, proporcionando a possibilidade de novas maneiras de pensar e agir frente aos problemas sociais.

Desse modo, ao dar voz à Susi, à Karla, à Thamires, à Bruna, à Daiane, à Manu, à Tatiana, à Laura e à Sarug, o caderno *Hildas de Hoje* mostrou que a vida dessas mulheres está para além da prostituição. Além disso, a voz delas é a voz das tantas Hildas que estão em nossa sociedade. Nesse sentido, acreditamos que caderno *Hildas de Hoje* tenha cumprido com sua responsabilidade social de proporcionar esse espaço para que também a reflexão sobre a prostituição fosse possibilitada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. 1ª ed. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com /2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf>. Acesso em: 16/08/2018.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. AMOSSY, Ruth (org). **As imagens de si no discurso:** a construção do *ethos*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-28.

ANDRADE, L. T; TEIXEIRA, A. E. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. **Cadernos Metrópole**, n. 11, , 1º sem. 2004. p. 137-157. Disponível em: < https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/download/8817/6538 >. Acesso em 02/02/2018.

BARROS, L. A. **Mariposas que trabalham:** uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. 2005. 32 p. Disponível em: <http://www. egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/23531-23533-1-PB.pdf.>. Acesso em: 25/06/2018.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática da Língua Portuguesa**. 37ª ed. revista, ampliada e atualizada conforme o Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENEVIDES, Bruna. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Brasil: Antra – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação brasileira de ocupações. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br>. Acesso em: 29 abril.2018.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMPANELLA, B. Vendedores de consciência: celebridade, vida privada e consumo em campanhas humanitárias e ecológicas. In: FRANÇA, v. (Org).. **Celebridades do século XXI:** transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014. p 257-283

CAMPIOLO, Francielli Cristina; PEREIRA, Ariane Carla. Perfil jornalístico e o esgate das singularidades: um olhar às pessoas comuns**. Intercom** – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, RS, 2010. 14 p.

CECCARELLI, P. R. **Prostituição – corpo como mercadoria**. Mente & Cérebro – Sexo, v. 4 (edição especial), dez. 2008. 14 p. Disponível em : < http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_ id=157 >. Acesso em: 22/06/2017.

CEGALLA, Domingos P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. rev. São Paulo: Nacional, 2008.

CHAPARRO, M.C. O acontecimento como discurso. **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Serie Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000, p. 295-304

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In.: MACHADO, Ida Lucia e MELLO, Renato de. Gêneros reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004. 15 p. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Visadasdiscursivas-generos.html> Acesso em:16/02/2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Tradução: Ângela M. S. Correa & Ida Lúcia Machado – São Paulo: Contexto: 2016

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Trad. André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857/433> Acesso em: 16/02/2018.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa:** um curso sobre sua estrutura. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

COSTA, Thiago. Um rosto, uma identidade, Zanele Muholi: A visibilidade LGBT através do retrato fotográfico em um lugar em que o amor foi esquecido. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, ano 7, setembro de 2017. p. 73-84 Disponível em: <https://docplayer.com.br/55141835-Um-rosto-uma-identidade-zanele-muholi.html.> Acesso em: 16/07/2018.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo:** a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. revista, atualizada e ampliada. Curitiba: Editora Positivo, 2010.

FERREIRA, Luiz A. M.; GALINDO, Bruna C. **Do sobrenome do padrasto e da madrasta:** considerações a respeito da lei 11.924/2009. Disponível em: < http://www.recriaprudente.org.br/site/entidades/getPDF.asp?ent=35&proj=1000 > Acesso em: 10/08/2018.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual da Redação:** Folha de São Paulo. 16. ed. – São Paulo: Publifolha, 2010.

GASPAR. Maria Dulce. **Garotas de programa:** prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. Publicação original: 1983. Publicação digitalizada por sabotagem.org em 2004. Disponível em: <https://we.riseup.net/livros-sabotagem/estigma-goffman>.

Acesso em: 26/08/2018.

GRANDIN, Anabela. **Manual de Jornalismo**. Covilhã: Instituto da Comunicação Social. Universidade da Beira do Interior, 2000

GOMES SZYMANSKI, H. Educação para Família: Uma Proposta de Trabalho Preventivo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: IV(1), 1994.

GUIMARÃES, Kátia; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro, 2005. p. 525-544. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12647/1/ARTIGO_ComercializandoFantasiasRepresentacao.pdf.> Acesso em: 16/06/2018.

JULIANO, D. El trabajo sexual en la mira: Polémicas y estereotipos. **Cadernos Pagu**, n. 25, 2005. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200004>. Acesso em: 14/06/2017.

KOSHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em <http://lelivros.love/book/download-livro-filha-mae-avo-e-puta-gabriela-leite-em-epub-mobi-e-pdf/#tab-description> Acesso em: 09/12/2017.

LENZ, Flávio. Gabriela Leite, prostituta que viveu e promoveu a liberdade. **Revista Em pauta - Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.** P. 209-215. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/15094/11441>. Acesso em: 26/03/2018.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **La Ventada**, nº 13, 2001. P. 94-106. Disponível em: <http://148.202.18.157/sitios/publicacionesite/pperiod/laventan/Ventana13/ventana13-4.pdf>. Acesso em 27/02/2018.

LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamento de las mujeres**. Bogotá, 2013. Disponível em: <https://mujeresforjadorasdedesarrollo.files.wordpress.com/2013/11/m-lec3b3n-versic3b3n-final-nov-10-2013.pdf> Acesso em: 26/02/2018.

NARVAZ, Marta G.; KOLLER, Sílvia H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MANUAL de Redação: projetos e produtos laboratoriais. Faculdades Integradas do Norte de Minas – Funorte. Comunicação Social – Jornalismo. Montes Claros, 2016. Disponível em: < https://l.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fwww.uffs.edu.br%2Finstitucional%2Freitoria%2Fdiretoria_de_comunicacao%2Fmanual_de_redacao%2Fmanual-de-redacao-jornalistica-da-uffs%2F%40%40download%2Ffile&h=AT2tjLLC8FnF33mCv5CM7KlIUrRhfXOjLB8mIV2w4ZutnqL0E1_JUXtSCTDnme_E8NzWsKyMfomYlMP_a_FN_MT8kj49Uw4yeWHdU-6q_8sHt1Ex_pR0DFhU7_MvyAEW83LP> Acesso em: 09/08/2018.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M.A. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino.** 5ªed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. P, 19-36 Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/322091/mod_resource/content/1/MARCUSCHI%20G%C3%AAneros%20textuais.pdf.> Acesso em 14/02/2018

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte de gêneros textuais. **Revista DLCV** – V.1 – N.1, João Pessoa, Out/2003. p. 9-40. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/article/view/7434/4503 >. Acesso em: 19/07/2017

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

PIRES, V. L. Relações de gênero: efeitos de sentido no discurso da imprensa. **Letras de hoje**. Porto Alegre. V. 32, nº1, p. 103-124, março/1997. Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15265>. Acesso em: 23/07/2017.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero do mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, n. 25, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid =S0104-83332005000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14/07/2017.

PRADA, Monique. O mais antigo dos preconceitos. **Revista Trip**. 2017. Disponível em: < https://revistatrip.uol.com.br/tpm/no-dia-internacional-das-prostitutas-e-puta-dei-monique-prada-escreve-sobre-a-luta-por-direitos-na-mais-antiga-das-profissoes> Acesso em 06/07/2018.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo** (1890-1930). 1990. 523 p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do IFCH da Universidade Estadual de Campinas –SP. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/325802. Acesso em: 26/02/2018.

RUSSO, Gláucia. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. **Caderno CRH,** vol. 20, núm. 51, setembro-dezembro, 2007, pp. 497-515. Universidade Federal da Bahia - Salvador, Brasil. Disponível em: <

https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18901/12269> Acesso em: 16/07/2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Mulher e capitalismo. In.: SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes:** mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 21-66

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O conceito de patriarcado. In. SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 53-61.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em Jornalismo e Mídia.** Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 403-412, jul. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/15019/14470>. Acesso em: 14/03/2018.

SILVA, Ronaldo A. **As práticas informacionais das profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de PósGraduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-7NXHYA/disserta__o.pdf?sequence=1>. Acesso em: 26/02/2018.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnicas sobre reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Fabiana Rodrigues de. A autodeterminação de prostitutas e a busca por ser mais. In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. **Anais.** Salvador: Uneb, 2013, p.1-9 Disponível em: < http://www.uneb.br/ enlacandosexualidades/files/2013 /06/Autodetermina%C3%A7%C3%A3o-de-prostitutas-e-a-busca-por-ser-mais.pdf >. Acesso em: 22/08/2017

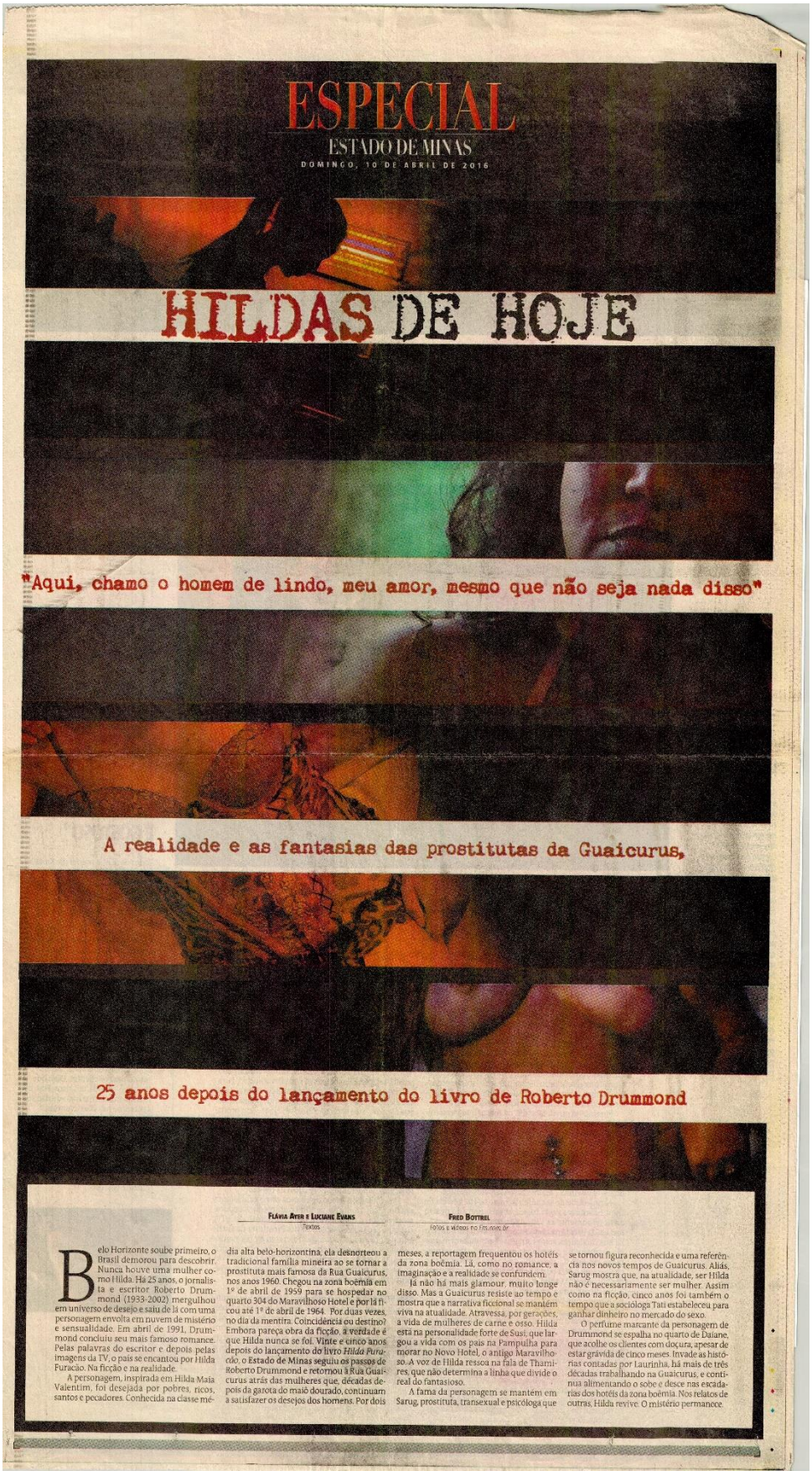
SUKIENNIK, Claire. A contribuição das citações ao pathos nas narrativas de imprensa. Trad. Silvana Gualdieri Quagliuolo Seabra. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. esp. ADARR, p. 183-202, mai.2016. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php /eidea/article/viewFile/1065/982> Acesso em: 20/01/2018.

SWAIN, T. N. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. **Unimontes Científica**. Montes Claros, v.6, n.2 - jul./dez. 2004. p. 23-28 Disponível em: < http://www.ruc.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/172 >. Acesso em: 29/06/2017.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis:** e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

Anexo I (CD-ROM)



ESPECIAL

ESTADO DE MINAS

DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 2016

HILDAS DE HOJE

"Aqui, chamo o homem de lindo, meu amor, mesmo que não seja nada disso"

A realidade e as fantasias das prostitutas da Guaicurus,

25 anos depois do lançamento do livro de Roberto Drummond

FLÁVIA AYER E LUCIANE EVANS
Textos

FRED BOTTREL
Fotos e vídeos no Em.com.br

Belo Horizonte soube primeiro, o Brasil demorou para descobrir. Nunca houve uma mulher como Hilda. Há 25 anos, o jornalista e escritor Roberto Drummond (1933-2002) mergulhou em universo de desejo e saiu de lá com uma personagem envolta em nuvem de mistério e sensualidade. Em abril de 1991, Drummond concluiu seu mais famoso romance. Pelas palavras do escritor e depois pelas imagens da TV, o país se encantou por Hilda Furacão. Na ficção e na realidade.

A personagem, inspirada em Hilda Maia Valentim, foi desejada por pobres, ricos, santos e pecadores. Conhecida na classe média alta belo-horizontina, ela desnorteou a tradicional família mineira ao se tornar a prostituta mais famosa da Rua Guaicurus, nos anos 1960. Chegou na zona boêmia em 1º de abril de 1959 para se hospedar no quarto 304 do Maravilhoso Hotel e por lá ficou até 1º de abril de 1964. Por duas vezes, no dia da mentira. Coincidência ou destino? Embora pareça obra da ficção, a verdade é que Hilda nunca se foi. Vinte e cinco anos depois do lançamento do livro *Hilda Furacão*, o Estado de Minas seguiu os passos de Roberto Drummond e retornou à Rua Guaicurus atrás das mulheres que, décadas depois da garota do maiô dourado, continuam a satisfazer os desejos dos homens. Por dois meses, a reportagem frequentou os hotéis da zona boêmia. Lá, como no romance, a imaginação e a realidade se confundem.

Já não há mais glamour, muito longe disso. Mas a Guaicurus resiste ao tempo e mostra que a narrativa ficcional se mantém viva na atualidade. Atravessa, por gerações, a vida de mulheres de carne e osso. Hilda está na personalidade forte de Susi, que largou a vida com os pais na Pampulha para morar no Novo Hotel, o antigo Maravilhoso. A voz de Hilda ressoa na fala de Thamires, que não determina a linha que divide o real do fantasioso.

A fama da personagem se mantém em Sarug, prostituta, transexual e psicóloga que se tornou figura reconhecida e uma referência nos novos tempos de Guaicurus. Aliás, Sarug mostra que, na atualidade, ser Hilda não é necessariamente ser mulher. Assim como na ficção, cinco anos foi também o tempo que a socióloga Tati estabeleceu para ganhar dinheiro no mercado do sexo.

O perfume marcante da personagem de Drummond se espalha no quarto de Daiane, que acolhe os clientes com doçura, apesar de estar grávida de cinco meses. Invade as histórias contadas por Laurinha, há mais de três décadas trabalhando na Guaicurus, e continua alimentando o sobe e desce nas escadarias dos hotéis da zona boêmia. Nos relatos de outras, Hilda revive. O mistério permanece.

Anexo II (CD-ROM)

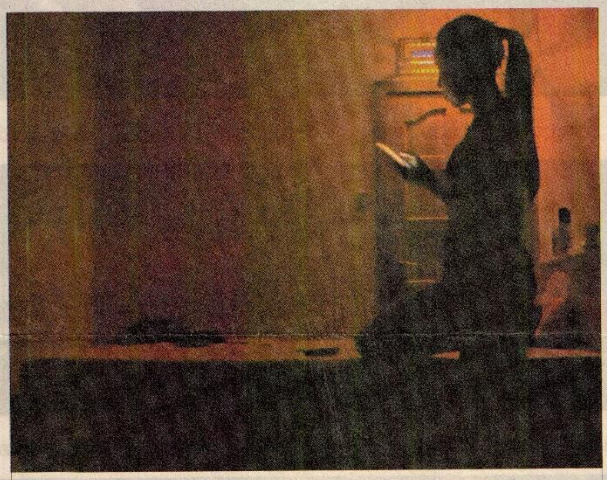
ESPECIAL



HILDAS DE HOJE

A 'NOVINHA DO NOVO HOTEL' É A SENSAÇÃO DO ANTIGO LAR DA MUSA DE DRUMMOND

SUSI



"NÃO DOU LIBERDADE. FAÇO ELES SOFREREM"

Homens de todas as classes sociais sobem as escadas do Novo Hotel. Espremem-se pelo corredor, chegam ao terceiro andar e param à porta do segundo quarto à direita, onde a moradora diz ser completamente profissional, o que inclui aí uma restrição: não se apaixona. Susi, de 21 anos, tem longos cabelos pretos, corpo esguio e definido, olhos amendoados, rosto juvenil e personalidade forte que aflorou depois dos seus estudos em escola militar. "Não dou liberdade. Se um cliente me irritar, sai do meu quarto sem roupa", avisa.

Furacão? Já ouviu falar da "tal moça" que virou minissérie na TV, mas não tem interesse algum nessa história. Tampouco reconhece ter algo em comum com Hilda. Mas a primeira coincidência entre elas é que a personagem de Roberto Drummond trabalhou no Maravilhoso Hotel, que há uma década virou Novo Hotel, no Hipercentro de BH. E é justamente no terceiro andar, onde Hilda levava os homens à loucura, que Susi – hoje é "a novinha", assim chamada pelos clientes.

Numa tarde de sexta-feira chuvosa, ela, vestida de short e camiseta preta básica, abriu a porta do quarto do hotel somente às 17h, ainda com a cara de sono – ressaca da balada na noite anterior. Correu para um bar na Rua Guaicurus, comprou uma marmita com macarrão na chapa. No corredor do hotel, retirou um refrigerante em lata da máquina de venda. Entrou para o quarto e fechou a porta. Sem maquiagem ou lingerie, cruzou as pernas sobre a cama, e, entre uma garfada e outra de macarrão, respondia às mensagens de clientes e amigos no WhatsApp. "O que querem saber?", indaga à reportagem do Estado de Minas.

E, ali, havia o mistério que Roberto Drummond tentou, sem sucesso, desvendar de seu personagem. A dúvida é a mesma quando se trata de Susi: o que levou a garota de classe média a largar a vida com os pais na Pampulha e os estudos no Colégio Tiradentes? A bela, filha de um advogado e militar e de uma empresária, ambos da igreja evangélica, não tem resposta única. Dá voltas. Ora faz entender que foi em busca da independência financeira, ora fala sobre antigo relacionamento que não deu certo. Mas não justifica a situação para a escolha. Revela que foi estuprada aos 5 anos e aos 12 por um parente que frequentava a casa dos seus pais. Guarda no peito o ódio pelos homens. "Faço eles sofrerem. Só vou ficar satisfeita quando ele morrer."

SEM MIMIMI É aí que a personagem e a realidade se confundem. Apesar de a dama de Drummond dizer amar os "desperdiçados do mundo" e Susi afirmar não ter "esse mimimi de carinho", ambas nunca sentiram prazer nas relações. Em conversa com Drummond, Furacão chegou a mencionar que fingia tudo. "Nunca senti nada, eu fingia, beijos fingidos, orgasmos fingidos, alegria fingida." Susi diz o mesmo e vai além. "Sou profissional, praticamente um robô. É tudo automático."

No amor, as duas se encontram novamente. Hilda teve uma paixão proibida por um frei que lhe deixou marcas. Susi guarda na memória o ex-namorado, o único que amou e, que, agora, quer vê-lo pagar pelo seu sofrimento. Traz na perna uma tatuagem com as iniciais do jovem. "Mas ele vai sofrer", promete, rancorosa, sem dar detalhes sobre o fim da relação.

Susi trabalhou desde os 15 anos como cabeleireira em BH e, aos 18, diz ter perdido o emprego. Na época, morava com o namorado e, em casa, assistindo à TV, viu uma reportagem sobre a Miss Prostituta na Guaicurus, o que mudou sua vida. "Falei com ele (ex-namorado): estou indo. Ele não acreditou. Mas no meu primeiro dia, cheguei em casa com R$ 700 no bolso", orgulha-se. O primeiro caminho foi em casa de massagem com garotas de programa de alto luxo.

SEM VOLTA Ficou lá por dois anos, engravidou – assunto que deixa como mistério. Depois, foi para a Guaicurus. "Eu vim porque quis. Ninguém me trouxe, não conhecia ninguém que era garota de programa. Vim por intuito mesmo. Depois disso, não consigo parar de trabalhar aqui", conta. Susi mora no quarto do Novo Hotel, mesmo depois de ter comprado uma boa casa na capital. Trabalha de segunda a segunda, das 8h à meia-noite. Como cabeleireira, ganhava cerca de R$ 1,2 mil por mês. Hoje, fatura em torno de R$ 1 mil por dia e paga R$ 220 pela diária do quarto onde mora. Seus pais sabem da sua escolha, não aprovam e pedem à filha para parar. Não se falam. Mas Susi decidiu: "Não quero largar". *(Luciane Evans)*

LUTA LEGAL

A prostituição não é ilegal no Brasil. Porém, há mais de 10 anos essas mulheres estão na luta para tentar regulamentar a profissão. Atualmente, está na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 4.211/2012, denominado "Lei Gabriela Leite" e proposto pelo deputado Jean Wyllys (Psol/RJ), que pretende não só desmarginalizar a profissão, como também permitir aos profissionais do sexo o acesso à rede de saúde pública, aos benefícios trabalhistas, à segurança pública e à dignidade humana. Com isso, acredita-se que a regularização seria um instrumento no combate à exploração sexual, ao possibilitar a fiscalização e o controle do Estado sobre o serviço.

KARLA

"É FÁCIL, É DIFÍCIL, É GOSTOSO"

Todos os dias, o marido de Karla *(abaixo)*, de 39 anos, é quem a leva e busca do Hotel Magníficos, na Guaicurus. Há seis anos na profissão, seu marido foi um dos primeiros clientes que teve. "Na época, trabalhava em uma padaria e tinha acabado de ficar viúva do meu primeiro marido, com quem tinha uma filha. Um amigo, sabendo das minhas dificuldades financeiras, me levou à prostituição na Avenida Pedro II. Lá, como cliente, conheci um senhor apaixonado por profissionais do sexo. Hoje, ele é o meu marido", conta Karla. Respeitando a profissão da mulher, o homem foi um dos incentivadores de Karla de deixar a Pedro II e ir para a Guaicurus, onde está há dois anos. "Aqui, minto para os clientes. Digo que tenho 35", revela, aos risos. Ela e o marido mantêm o trato de não se apaixonar nas suas aventuras. "Ele gosta que conte os casos daqui. O meu amor é dele", garante. Além da vida na Guaicurus, Karla já está montando um negócio próprio, no setor de alimentação. Mas diz adorar se prostituir. "É fácil, é difícil, é gostoso."



Anexo III (CD-ROM)

ESPECIAL



HILDAS DE HOJE

EXPERIÊNCIA DE SER RAINHA DO PRÓPRIO CORPO DENTRO DE UM TEMPLO DE FANTASIAS

THAMIRES



CRISE NO QUARTO

"E A CRISE DO BRASIL SOBE AS ESCADAS DO MARAVILHOSO HOTEL E BATE NA PORTA DO QUARTO 304? (...) — É NO QUARTO 304 QUE A CRISE ENTRA ANTES DE QUALQUER OUTRO LUGAR. E AGORA ELA ENTRA DUAS VEZES. ENTRA POR CAUSA DA INFLAÇÃO DO JANGO E ENTRA PORQUE OS CORONÉIS DO INTERIOR SUMIRAM, E ELES É QUE FAZEM A FESTA DO 304."

***Hilda Furacão*, de Roberto Drummond**

No período em que Hilda Furacão morava na Guaicurus, entre 1º de abril de 1959 a 1º de abril de 1964, o país também atravessava uma crise econômica e política. O câmbio subia toda semana e a inflação ultrapassava os 20% no governo Juscelino Kubitschek. Em 1961, começa o governo de João Goulart, que tem como desafios a inflação crescente e a deterioração ainda maior das contas externas. No livro, Hilda Furacão reclama da falta de clientes, principalmente dos endinheirados, afetados pela economia em frangalhos. Quase 60 anos depois, a reclamação é a mesma. Com a crise econômica que se alastrou em 2015 e uma inflação acima dos 10%, as prostitutas da Guaicurus registram queda de 40% no movimento. Algumas fazem promoções e outras estão trabalhando por mais tempo dentro dos hotéis para garantir a mesma renda.

"A GENTE É UM CONTO DE FADAS PARA ELES"

São 15h de quinta-feira. O comércio no Baixo Centro está movimentado. Passageiros aguardam seus ônibus nos pontos e ambulantes oferecem pendrives e corretinhas aos pedestres. O sobe e desce incessante na escadaria do Hotel São Paulo, quase esquina com Guaicurus, aponta que, enquanto a vida corre, o mercado do sexo não pode parar. Há jovens, idosos, maltrapilhos e bem vestidos. No último quarto à direita do corredor amarelo e azul, a toalha pendurada na porta indica: "Thamires Loira R$ 20,00."

"Nua, sentada na cama, os seios empinados, um meio sorriso prometendo não apenas loucuras, mas muito mais: prometia a felicidade." Thamires se apresenta exatamente como o escritor Roberto Drummond descreveu Hilda Furacão na foto que mais fazia sucesso entre os clientes da lendária prostituta dos anos 1960. "Como querem me entrevistar?", pergunta. Enrolada numa toalha branca e sem descer do salto de 18 centímetros, ela está pronta para falar.

Ao fundo, as caixas de som do hotel ecoam *Evidências*, sucesso de Chitãozinho & Xororó. "Quanto eu digo que deixei de te amar / É porque eu te amo." Foi a separação do marido que a levou para a prostituição. Começou a atender clientes por telefone, depois trabalhou no ABC Paulista até ir para a Espanha, onde ficou por sete anos. "Nunca ganhei tanto dinheiro", diz. Entre idas e vindas, são mais de duas décadas como profissional do sexo. Há seis anos, começou a trabalhar na Guaicurus e, desde 2012, mora no Hotel São Paulo.

Com voz suave característica das damas, Thamires acolhe clientes dia e noite a R$ 30 o programa de até 15 minutos – o preço escrito na toalha pendurada na porta está desatualizado. Atualmente, fatura R$ 600 por dia – sem descontar a diária de R$ 130 do quarto. O trabalho pesado está distante do glamour com que Hilda Furacão recebia coronéis e homens da sociedade no Maravilhoso Hotel. Mas, aos 46 anos, Thamires se impõe no quarto como uma rainha. Não abre mão de alguns luxos, como um sabonete de qualidade, a roupa de cama trocada a cada três clientes, odorizador para perfumar o ambiente (artigo que considera estratégico em programas com homens malcheirosos) e cremes hidratantes.

No quarto de luz azulada, com cama de alvenaria e banheiro cujas paredes não chegam ao teto, divide sentimentos antagônicos. Ora sente-se um "objeto", ora alguém "muito importante". "Às vezes, me sinto uma máquina. Mas aqui tem muita carência e você faz bem às pessoas. Ninguém é obrigado a vir", diz. A música continua. "Mas para que viver fingindo/ Se eu não posso enganar meu coração." O coração dela está fechado. Namorou o gerente do hotel, largou a prostituição para trabalhar como faxineira, mas o romance não foi pra frente. Depois disso, nunca mais se apaixonou. "A vida na prostituição te faz deixar de confiar no ser humano", comenta.

Ela tem pressa na entrevista, um cliente antigo mandou mensagem avisando que está vindo. "Aqui chega de tudo e sempre trato bem. Tem aquele homem, por exemplo, que acabou de sair da cadeia. A gente é um conto de fadas para eles", afirma. Aos poucos, vai revelando que, tal qual Hilda Furacão, é também protagonista de uma fantasia. "A Thamires nasceu do uma personagem. É como Alice no País das Maravilhas", diz.

Fora da Guaicurus, Thamires tem outro nome, que não revela por nada. Da sua vida real a loira conta pouco. Os três filhos – um menino de 27, outro de 25 e uma menina de 22 – sabem da atividade da mãe. A filha sente orgulho. Um ou dois dias na semana, Thamires dorme no apartamento que comprou em Venda Nova, em BH. Conversa pouco com os vizinhos e prefere descansar em meio aos mais de 300 vidros de perfume e 400 pares de sapato. "Esse dinheiro da prostituição vai embora fácil".

TRABALHO E FÉ Na Guaicurus, mantém uma rotina disciplinada. Começa a trabalhar de manhã, depois de ler a *Bíblia*. Nos programas, deixa a silhueta corpulenta e tatuada à mostra e só não se despe da imagem de São Jorge Guerreiro e Nossa Senhora penduradas na correntinha. "Aqui eu chamo o homem de lindo, meu amor, mesmo que não seja nada disso", afirma, reforçando a nuvem de fantasia que paira sobre a Guaicurus.

Os casados são frequentes em seus lençóis. "E o que é preciso fazer para que os maridos não venham?", pergunta a repórter. "Me liga que eu te dou umas dicas", disse Thamires. Dias depois, no WhatsApp, ela informou que estava ocupada trabalhando. O telefone tocou várias vezes até cair na caixa postal, que tinha como música de fundo a balada romântica do sertanejo Zé Felipe. "Você mente quando diz que está em outra e não quer mais voltar / Você mente que não sente mais saudade deixou de me amar". ***(Flávia Ayer)***

BRUNA CARIOCA

"HÁ MAIS SOFRIMENTO DO QUE GLAMOUR"

Do Rio de Janeiro, Bruna ***(abaixo)***, de 51 anos, ouviu falar que, na Rua Guaicurus, em Belo Horizonte, ganhava-se muito dinheiro. "Desde os 22 anos, sou profissional do sexo no Rio. Mas, aos 27, por causa da gravidez, dei um tempo. Voltei aos 34 e fui do caos ao inferno", diz. Ela conta que a violência contra as mulheres neste meio é constante e cruel. "Vim para BH há cinco anos, porque sabia que aqui poderia ganhar uma quantia maior. Isso é verdade. Mas os mineiros são violentos", sussurra, com medo de alguém fora do quarto ouvir o que diz à reportagem. Ela conta que, há pouco tempo, um cliente teve um acesso de fúria quando ela exigiu o preservativo na relação. Tentou bater em Bruna e correu atrás dela pelo quarto. "Por sorte, seguranças do hotel ouviram o meu pedido de socorro e o tiraram daqui". Bruna quer sair da Guaicurus, mas não sabe como e nem quando. "Há mais sofrimento do que glamour", afirma Bruna.



Anexo IV (CD-ROM)

4 ESTADO DE MINAS • DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 2016

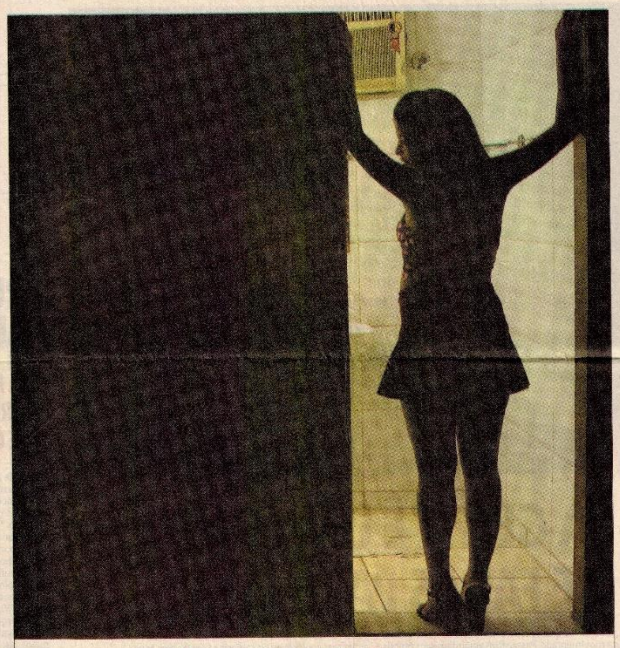
ESPECIAL



HILDAS DE HOJE

GRÁVIDA DE 5 MESES, JOVEM DE 20 ANOS SUSTENTA A FAMÍLIA E SONHA SER EMPRESÁRIA

DAIANE



"MEU MARIDO TRABALHA PARA MIM"

"Já no corredor sentia-se o cheiro adocicado do perfume preferido por Hilda Furacão, o Murguet du Bonheur", descreveu Roberto Drummond. Vinte cinco anos depois da obra do escritor chegar às mãos dos leitores, ainda há perfumes doces que invadem os corredores do Novo Hotel (antigo Maravilhoso Hotel). Desta vez, vêm do quarto de Daiane, de 20 anos. Sentada sobre a cama, ela se abana com o leque preto de renda à espera de clientes, com o frescor de quem saiu do banho. Usa saia rodada vermelha, sapato alto da mesma cor, top colorido e maquiagem nos olhos que dá mais maturidade ao rosto juvenil. Carrega, sem esconder, uma particularidade: está grávida de cinco meses. "Os clientes não reclamam. É normal", garante.

A jovem de voz mansa está na Guaicurus desde os 18 anos, quando teve uma filha. Agora, ela e o namorado resolveram ter mais um bebê. "Ele era um cliente meu e nos apaixonamos. Moramos juntos há um ano e meio", conta, feliz. O fato de estar grávida de um menino (ela ainda não sabe o nome que dará à criança) não incomoda Daiane. Aliás, a única coisa que a irrita é justamente cheiros. Como o seu quarto é o mais perfumado do hotel, ela não permite que homens com odores fortes sejam seus clientes e pede, gentilmente, para que se retirem de lá. "A Guaicurus é uma 'zona organizada'", explica.

Apesar de expulsar do seu antro aqueles que não estão cheirosos, ela tem um carinho especial por cada cliente. Daiane mostra doçura quando se refere aos homens que a procuram. "Tem aqueles que são fixos e voltam todos os dias", diz, orgulhosa. Ela diz que sente prazer em algumas relações, apesar de nunca ter confessado isso ao namorado. Em respeito a ele, a jovem diz nunca fazer sexo com os clientes sem proteção e jamais permite lhe beijarem. "Nem por R$ 1 milhão", enfatiza.

PROVEDORA Enquanto ela trabalha, ganhando por dia até R$ 1,5 mil, o namorado é o "dono de casa". É ele quem cuida da outra filha de Daiane, faz as compras e resolve todas as pendências do dia. Para a jovem, foi melhor assim. "Meu marido trabalha para mim. Antes, eu tinha que pagar os outros para olhar a minha menina. Hoje ele é o 'dono de casa' e eu sou a provedora." Durante muito tempo, Daiane passou a gastar tudo que ganhava e, quando precisava adquirir algum bem, trabalhava mais tempo na Guaicurus. "Minha família sabe dessa minha escolha e já até me pediu dinheiro emprestado. Hoje tenho uma vida boa", afirma.

Quando criança, Daiane pensava em ser dançarina de boate. Hoje, cuida do corpo em aulas de pole dance e musculação. Frequenta rave e já levou todos os amigos à festa baiana chamada Universo Paralelo. "Gastei R$ 200 mil. Sempre tive muito disso, de bancar as pessoas. Não faço isso mais." Ela pretende um dia largar a profissão e montar lojas de roupas na capital. Por enquanto, sabe que terá de deixar o quarto vago por uns dias para a licença-maternidade. "Ficarei dois meses fora e depois volto", avisa, sorrindo. Quando questionada sobre o livro de Drummond, ela responde: "Hilda Furacão? Sei sim. É uma boate que tem na BR-040? Fui lá um dia, mas não gosto." Ao saber da famosa personagem da literatura e do passado da Guaicurus, Daiane diz nunca ter ouvido falar da mulher para quem o perfume marcou a vida de muitos. *(Luciane Evans)*

PUTAFOBIA

"DESDE QUE DEIXEI O MUNDO DE LÁ E VIM PARA A GUAICURUS, PERDI AMIGAS E AMIGOS, PERDI TODOS."

***Hilda Furacão*, de Roberto Drummond**

Criada em 2013, a Associação das Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig) trabalha para combater o que chamam de "putafobia", o preconceito contra a profissional do sexo. "O trabalho da prostituta é como outro qualquer, é algo que mantém a pessoa dignamente. A vida social vai além do trabalho, passa pela família, pelos estudos. Queremos respeito. Lugar de mulher é no trabalho onde ela quiser", reforça a presidente da Aprosmig, Cida Vieira.

MANU

"O DINHEIRO VALE A PENA. O SERVIÇO, NÃO"

"Cobro R$ 40 por três posições: de quatro, por cima e 'papai e mamãe'. Sexo oral eu não faço." Apesar da naturalidade, faz menos de um mês que Manu *(abaixo)*, de 19 anos, veio de São Paulo para trabalhar na Guaicurus. "Rapidinho a gente aprende. Tem novata que sabe mais que veterana", diz a garota, enquanto uma fila de marmanjos se amontoa na porta do quarto. O desemprego foi o impulso para a jovem, que trabalhava como recepcionista, procurar a prostituição. No primeiro programa, as pernas tremiam. "O dinheiro vale a pena, o serviço não", afirma Manu, que sonha em ajudar a família financeiramente. Ninguém sabe que ela se prostitui. Em BH, a jovem leva uma vida em segredo e focada no trabalho no Hotel Brilhante, considerado o de mulheres mais bonitas. Loira, com seios fartos e traços delicados, Manu é linda. Ambiciosa também. "Quero ganhar de R$ 5 mil a R$ 6 mil", afirma. Mas não vale tudo. "Não aceito homem drogado, sujo e com aparência ruim. É uma questão de moral."



Anexo V (CD-ROM)

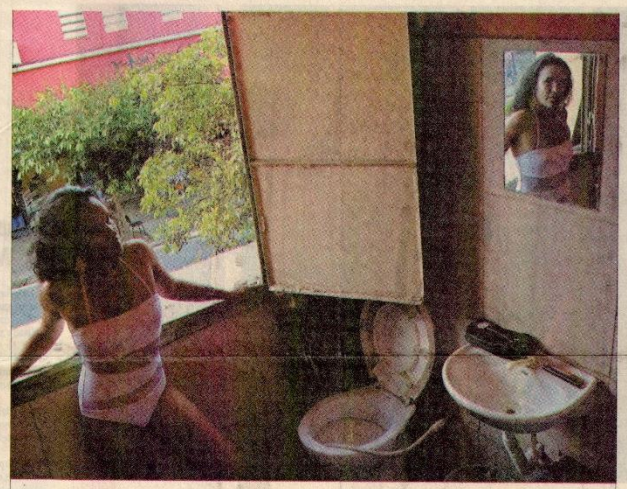
ESPECIAL



HILDAS DE HOJE

ASSIM COMO A PERSONAGEM, A SOCIÓLOGA FIXOU PRAZO PARA DEIXAR A GUAICURUS

TATIANA



PERFIL DA ZONA

"A prostituição também reproduz hierarquias sociais. Na zona boêmia, hotéis mais caros, com melhor infraestrutura, são ocupados por mulheres jovens, de pele mais clara e dentro dos padrões estéticos socialmente valorizados, e têm maior frequência de estudantes universitárias. Mesmo assim, há neles diversidade de perfis socioeconômicos, 'raciais', educacionais e geracionais. Nos hotéis mais baratos, essa diversidade se acentua, com maior quantidade de mulheres acima de 40 anos, negras e com sobrepeso. Como aponta Wendy Chapkins (1997), diferenças de classe e status não apenas dividem os lugares ocupados pelas trabalhadoras no comércio do sexo, como criam distintas experiências, inclusive em relação ao valor e respeito com que são tratadas."

Trecho de artigo escrito pela socióloga e prostituta Tatiana Vieira e pela antropóloga Marina França

"QUERO DEIXAR UM LEGADO PARA A SOCIEDADE"

O maiô não é dourado como aquele que Hilda Furacão usava à beira da piscina do Minas Tênis Clube antes de se tornar a prostituta mais famosa da capital mineira no livro de Roberto Drummond. A peça de cor branca e transparência valoriza mais a pele morena de Tatiana Vieira, de 27 anos. Ela solta os cabelos cacheados, tira a calça jeans, põe brincos dourados, sobe nas sandálias de salto fino e, aos poucos, vai deixando do lado de fora do quarto da Rua Guaicurus a aparência da socióloga e professora da rede estadual de educação. Na zona boêmia de BH, a jovem é apenas Tati.

Em suas próprias palavras, Tati é mulher "com jeito de garota". Seios pequenos, corpo mignon, 1,50m de altura, coxas grossas. A sensualidade esconde a intelectual formada em sociologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e com mestrado não concluído na mesma instituição. Como grande parte das mulheres que trabalham ali, Tati não é mineira. Nasceu no Pará e cresceu em família de classe média, mãe filósofa e pai técnico de pavimentação de estradas. "Eu era uma patricinha", comenta.

Depois de crise de estresse no mestrado, aceitou o convite de uma amiga e, em 2013, mudou-se para BH para espairecer. A temporada mineira trouxe novas experiências profissionais. Primeiro, o telemarketing, depois, aulas de sociologia em escolas públicas. E, no meio disso, a prostituição. "Briguei com a minha amiga e fui morar sozinha. Teve um dia que o dinheiro não dava. Fiz anúncio em site de encontros casuais e, em uma semana, fiz R$ 1 mil", lembra. A descoberta da Guaicurus ocorreu este ano, como opção mais segura em relação à prostituição pela internet.

A mãe e os quatro irmãos continuam no Norte do país. O pai, seu melhor amigo, faleceu em fevereiro. A morte dele mexeu com a garota. E, diferentemente da Hilda Furacão das páginas do escritor Roberto Drummond, Tati não quer mais ser um mistério. Pelas lentes do **Estado de Minas**, ela mostra o rosto pela primeira vez, se despe do medo da rejeição e assume para a família e a sociedade a atuação profissional no mercado do sexo.

"Estou usando meu corpo como meu instrumento de trabalho. Assim como uso meu intelecto na atividade acadêmica. O que tenho é um foco: pegar o dinheiro e investir na minha carreira", afirma. A feminista, que não via com bons olhos o sexo pago, desvestiu-se também dos preconceitos. "Há muitas mulheres guerreiras aqui, que têm filho, casa e não querem ser sustentadas por marido", diz Tati, que preza por sua independência, acima de tudo. "Não é glamour nem vitimização da mulher. Para mim, é trabalho", ressalta.

LIBERAL Apesar do jeito aparentemente contido, ela sempre gostou de transar e nunca foi de reprimir desejos. Nem por isso topa tudo. A camisinha, inclusive, é artigo obrigatório e, preocupada, faz exames periódicos contra Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. "Já barrei homens, mas não dá para escolher muito", diz a jovem, que concilia a Guaicurus com as aulas numa escola estadual e a especialização no ensino da língua inglesa. "O salário de R$ 1,4 mil de professora não dá para pagar aluguel, as contas e a especialização", reforça. Sem falar na musculação e ioga para manter a forma.

Embora bem resolvida com as escolhas da vida, Tati não nega uma certa frustração. "É muita batalha do meu pai, da minha mãe, são muitas horas de estudo para eu não conseguir por meus méritos uma vida digna dentro da profissão de socióloga", diz. Mas ela nunca deixa a pesquisadora de lado. "Você tem o livro *Hilda Furacão* para me emprestar?", pergunta Tati à repórter do EM. Ela está assistindo a documentários e lendo livros para desvendar sua profissão.

Um trabalho que tem prazo de validade: cinco anos. Coincidência ou não, Hilda também estabeleceu que se prostituiria por cinco anos e nem mais um dia. Para Tati, é o tempo suficiente para juntar mais dinheiro. Dali em diante, não alimenta sonho de casamento ou filhos. Também não pensa em voltar para o Pará, onde vive um rapaz que faz seu coração bater forte. "Quero escrever, quero publicar, quero deixar um legado para a sociedade. Quero ajudar a construir uma sociedade não preconceituosa. E isso tem que começar por nós." ***(Flávia Ayer)***

LAURA

"NÃO PRECISA BELEZA NEM IDADE"

Uma mulher comum. É assim que Laurinha ***(abaixo)***, de 58 anos, se define. Há mais de três décadas trabalhando na Rua Guaicurus, conta que foi parar na profissão por amor à filha. Natural do interior de Minas, engravidou ainda nova e sua família não aceitava uma gravidez sem casamento. O pai da criança não assumiu a filha, e, entre ficar com a menina ou ter o respeito da sociedade, se agarrou à primeira opção e encontrou na prostituição a felicidade. Educou a filha, que mora na Europa; amou e foi amada; e foge da solidão quando se dispõe a dar carinho aos homens, como ela mesma diz. Laurinha é a soma das várias Hildas. Passou pela fase em que foi sucesso, com direito a pedido de casamento de um canadense. Hoje, diz que envelhecer na profissão não tem mistério. "Tem que ter persistência, não é fácil deitar com um, com outro. Mas, valeu a pena", afirma, orgulhosa. "Aqui você não precisa ter beleza nem idade. Tem que ter talento", explica Laurinha.



Anexo VI (CD-ROM)

ESPECIAL



HILDAS DE HOJE

TRANSEXUAL DIVIDE A CAMA E A VIDA ACADÊMICA ENTRE PROSTITUIÇÃO E PSICOLOGIA

SARUG



CARNAVAL

"A RUA GUAICURUS ESTAVA TOMADA POR UMA MULTIDÃO QUE ASSISTIA A UM DESFILE DOS BLOCOS CARICATOS: BOCA NEGRA DA FLORESTA E AS DOMÉSTICAS DE LOURDES, OS DOIS MAIS FAMOSOS..."

Hilda Furacão, de Roberto Drummond

O ressurgimento do carnaval de Belo Horizonte trouxe a Rua Guaicurus para o centro da folia na capital mineira. Em frente ao Hotel Brilhante, hoje o mais famoso deles, concentra o Bloco Então, Brilha!, um dos maiores da festa momesca. No sábado, em vez dos clientes habituais, a rua recebe foliões vestidos com as cores rosa e amarelo do bloco para curtir o axé, que este ano arrastou 40 mil pessoas.

"A GRANDE PÉROLA DA PROSTITUTA É ACOLHER E ESCUTAR"

Deitada em lençóis brancos da grife M. Martan e encostada nos seis travesseiros, Sarug Dagir está toda nua. Com uma mão, envolve uma almofada roxa em frente ao colo. Com a outra, segura a apostila que reúne a obra *Inibição, sintoma e angústia*, de Sigmund Freud (1856-1939), criador da psicanálise. Como o movimento está fraco, ela adianta a leitura dos textos do doutorado. Sarug, com seu 1,80m e 38 anos, não cabe em definições simplistas. Transexual, psicóloga, mestre em literatura, doutoranda, casada, professora universitária e "puta", como gosta de ser chamada nas imediações da Rua Guaicurus.

Era nosso segundo encontro para esta reportagem e, assim que me viu, Sarug pediu que eu entrasse e fechasse a porta do quarto que aluga no Hotel São Paulo. Enquanto conversava, pôs um vestido comprado em loja de madame. "Em sua origem, a puta é a sacerdotisa dos templos sagrados. Tento buscar esses elementos com o lençol sempre branco, as flores, o abajur, faço um resgate da sacralização da prostituta", argumenta. Em frente à cama, uma mesinha rodeada por duas cadeiras, balas para os clientes e um armário de madeira de demolição.

Ali ela acolhe os deserdados do mundo, assim como a personagem de Drummond. "A grande pérola da prostituta é acolher e escutar. O cliente sai melhor do que entrou. Às vezes, ele vem só para conversar. Não estou atuando como psicóloga, mas procuro trazer mais humanidade ao atendimento. Quero ajudar as pessoas", diz Sarug, que estuda no doutorado em psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o efeito terapêutico da prostituição.

Tal qual Hilda, a baiana é filha da classe média alta. Mudou-se de Salvador para BH para estudar psicologia. Aplicada, aprendeu alemão para ler Freud e grego para ler Platão. Além de se aprofundar nos estudos, mergulhou dentro de si até reconhecer sua identidade. Foi quando "o Sarug", nome árabe que significa "amigo", passou a ser "a Sarug" – não fez a cirurgia de mudança de sexo, pois quer preservar sua "singularidade". A prostituição veio na carona e, no século 21, ela mostra que ser Hilda não se traduz em ser mulher. Somente na Guaicurus, são três hotéis voltados somente para as trans. "Os travestis e transexuais estão enclausurados na prostituição", comenta Sarug, criticando a dificuldade de inserção no mercado de trabalho.

DIÁRIO DE ALCOVA Logo depois de concluir o mestrado, já transexualizada, há cerca de 10 anos, Sarug perdeu os benefícios estudantis. "Comecei a passar fome. Um amigo antropólogo me sugeriu a prostituição. Tinha preconceito, mas passar fome não é brincadeira", conta. Ela foi para a rua e topava programas por R$ 5 ou R$ 10. "Cada dia ia a campo, chegava em casa e escrevia um diário etnográfico", diz, enquanto ajeita uma sacola. No diário, relata casos de clientes, fala de uma surra que levou dos travestis e da "cafetinagem" ainda existente.

A chegada à Guaicurus foi uma questão de tempo e a permanência, uma questão de gosto. "A gente tem de fazer o que gosta. Tem que gozar. A prostituição trouxe também méritos de me conhecer melhor", afirma. Hoje, ela concilia a atividade com as aulas em universidades e os estudos. Nos programas, conheceu também o amor. Há cerca de dois anos, Sarug se casou com um cliente. "Ele não conhecia o mar, roda-gigante. Fui me encantando pela sua ingenuidade", diz.

O marido trabalha como açougueiro e nunca havia transado com uma transexual. Apaixonou-se por ela, casou, mas não concorda que a mulher continue na zona. Sarug encontrou um meio-termo e, para agradar ao marido, fica na Guaicurus até as 15h. Já são quase 16h. "Tenho que me preparar para um seminário na universidade e daqui a pouco estou indo embora para fazer a janta para meu marido", diz, ansiosa. "As trans sofrem esse estigma de ser mulher na condição de passar, lavar, cozinhar", afirma. Daqui para frente, ela ainda não definiu o rumo da vida. Mas talvez transforme tudo isso em um livro. De onde estiver, Drummond agradece. *(Flávia Ayer)*

HILDA POR DRUMMOND

- *Hilda Furacão sofre de um sadomasoquismo doentio e incurável, por isso é que, como falam, "desceu a ladeira" e foi para a zona boêmia.*
- *Ela adora se fazer de vítima e foi para a Rua Guaicurus exclusivamente por uma compulsão que Freud explica.*
- *No fundo do coração, Hilda Furacão é profundamente religiosa e deu a si mesma a penitência de ser prostituta.*
- *Ela ficou muito traumatizada quando, aos 15 anos, o primeiro namorado suicidou-se por sua causa e desde então decidiu punir-se optando, mais tarde, por ser prostituta.*
- *Tudo não passou de uma necessidade financeira: o pai da Garota do Maiô Dourado, ao contrário do que parecia, vivia grandes dificuldades.*
- *Hilda Furacão tinha grande competição com as primas, por isso, para ficar mais rica que elas, foi para o Maravilhoso Hotel depois de tentar inutilmente ganhar na Loteria Mineira.*
- *Uma vidente disse a ela: para você ser feliz e encontrar o seu príncipe encantado terá que sofrer mais do que a Gata Borralheira, porque sua madrasta será a própria vida."*

Trecho de *Hilda Furacão*, no qual Roberto Drummond *(abaixo)* **levanta hipóteses sobre o motivo que levou Hilda a se tornar prostituta**



ARQUIVO EM

Anexo VII (CD-ROM)

ESTADO DE MINAS • DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 2016

ESPECIAL



HILDAS DE HOJE

O MITO QUE VIVEU NO GLAMOUR DOS ANOS 1950 MORREU NA SOLIDÃO DE UM ASILO

HILDA FURACÃO

FOTOS: RAMON LISBOA/EM/D.A PRESS



A REALIDADE DENTRO DA FICÇÃO

"Um boato festivo, colorido, maravilhoso...", dizia Roberto Drummond, quando questionado sobre a existência, ou não, da mulher que mexeu com o imaginário nacional. Mestre em mesclar realidade e ficção em seus romances, o escritor dizia que a personagem existiu, mas foi mitificada e mistificada. Na obra, ela se despede da história em uma conversa com Drummond em Buenos Aires, longe da vida agitada da Guaicurus. E recomenda: "Por que você não diz aos seus leitores que, tal como contou no seu romance, eu, Hilda Furacão, nunca existi e sou apenas um 1º de abril que você quis passar nos seus leitores?". O escritor não acha a ideia de todo mal.

Durante muitos anos, a dúvida e os mistérios dessa obra repercutiram na imaginação popular. Hilda virou lenda, mito, boato e inspiração para mulheres na Guaicurus. E, até hoje, algumas profissionais que chegam ou estão ali há tempos dizem saber um "pouquinho (ou muito) dessa história". Do livro nasceu a minissérie de TV adaptada por Glória Perez, em 1998, e também deu origem a musical no teatro, em 1997. Até que, em julho de 2014, ainda sem pistas do quanto Drummond usou de ficção ou de realidade, o Estado de Minas encontrou a verdadeira Hilda. Aos 83 anos, a mulher conversou com a reportagem em um asilo em Buenos Aires, sem glamour ou luxo, nem resquícios da vida na zona boêmia de BH. Aliás, a Rua Guaicurus não existia mais na memória dela. "O meu apelido, de Furacão, é antigo, porque eu era brigona. Se mexessem comigo, estourava, discutia, queria bater. Sou assim desde pequena", disse, na época, com exclusividade, ao repórter Ivan Drummond, do EM.

Hilda Maia Valentim, assim batizada, morreu no fim de 2014. Já estava debilitada e confusa mentalmente, e faleceu sozinha no asilo mantido pela Prefeitura de Buenos Aires. Em seu enterro, compareceram apenas três pessoas. Um destino, sem dúvida, inimaginável pelos leitores de Drummond. E aí que a ficção e a realidade entraram em conflito novamente.

A Hilda Furacão descrita pelo escritor chegava à zona boêmia de BH em 1º de abril de 1959 e se hospedou no quarto 304 do Maravilhoso Hotel. Na obra, a mulher, de beleza estonteante, era figura frequente na piscina do tradicional Minas Tênis Clube. "Ela era bela, inesquecível moça", escreveu Drummond, que revela o nome completo da musa: Hilda Gualtieri von Echveger, filha de mãe italiana e pai alemão. No Minas Tênis, usava o maiô dourado, o que permitiu ao escritor chamá-la, carinhosamente, de a Garota do Maiô Dourado.

Encarregado de descobrir o porquê de a menina da Zona Sul ter largado a boa-vida, Drummond relata em sua obra que até um poderoso banqueiro fez de tudo para se casar com Hilda, mas ela recusou e, alguns dias depois, foi para a zona boêmia. Para a nova moradora da Guaicurus havia filas, os homens a veneravam e até mesmo um frei foi contaminado pelo que Drummond denominou de Mal de Hilda. Um amor que, correspondido pela protagonista, ficou na imaginação. A garota do maiô dourado abandona a vida na Guaicurus, em 1º de abril de 1964, e, no livro, se reencontra com Drummond, tempos depois, em Buenos Aires, e sugere ao autor fazer da sua história uma brincadeira do Dia da Mentira.

A verdadeira Hilda, de fato, deu vida à literatura sem ter vivido o que a imaginação do escritor mineiro eternizou. A Furacão existiu, mas não era rica, nem sequer chegou perto do Minas Tênis Clube. Aliás, morreu sem saber onde era o clube. Hilda foi mulher de Paulo Valentim, um dos grandes ídolos do clube argentino Boca Juniors, que a conheceu na zona boêmia, nos anos 1950. Ele jogava no Atlético e era frequentador dos bares da região. Um dia foi ao quarto de Hilda, passou a procurá-la sempre, e se apaixonou.

MATRIMÔNIO Como bebia muito e era briguento, Paulo Valentim passou a ser um problema para a diretoria atleticana. O fato acelerou a venda do jogador para o Botafogo, em 1957. Foi para o Rio, mas a cabeça continuou em Hilda Furacão. Dizem que, ao fim de um jogo, ele pegava um ônibus para se encontrar com a amada. Tanto foi que decidiu se casar e a levou para a cidade natal dele, Barra do Piraí (RJ). Hilda dizia que, antes de se casar com Valentim, chegou a trabalhar em casa de famílias como empregada doméstica.

Ele jogou com Garrincha, Didi e Zagallo, no Botafogo. Foi para a Seleção Brasileira e esteve ao lado de Pelé. Depois, foram para Argentina, onde defendeu o Boca Juniors. O casal tinha uma vida de luxo. Mas, com a bebida e o vício no jogo de cartas, Valentim ficou na miséria. E o casal acabou morando de aluguel ou de favor. Em 9 de julho de 1984, Valentim morreu em consequência da bebida. Hilda teve um filho com ele, Ulisses, que morreu em 2013, por causa de diabetes.

Hilda passou a viver com a nora, Teresa Ignes Rodriguez. Um dia, Ignes chegou em casa e encontrou a sogra desmaiada. Tinha batido com a cabeça no chão. Depois de medicada, logo em seguida levou outro tombo, com outro corte na cabeça. Levada para o hospital em Buenos Aires, ela foi tratada e, como não podia ficar, foi para o asilo, onde morreu entre as lembranças e a solidão. *(Luciane Evans)*

MUSEU DO SEXO EM BH

Belo Horizonte, conhecida pela "tradicional família mineira", está prestes a ganhar o Museu do Sexo Hilda Furacão, que reunirá exposições, intervenções urbanas, debates e projeções em torno do tema relações sexuais. Além de iniciativas em praças e estações de ônibus e metrô, a ideia é ocupar um andar de um dos hotéis da Rua Guaicurus, tradicional zona boêmia da capital mineira. Não se trata de um museu específico sobre a Guaicurus ou a prostituição, mas um ponto de convergência de ações culturais em torno da sexualidade humana. Considerada a "matrona" do museu, Hilda Furacão, personagem do livro de Roberto Drummond, contará com um altar em sua devoção. "Hilda é um ser que transcendeu a vida em mito e carrega no codinome a potência de arrebatar aquele que estiver pelo caminho", explica o artista plástico Franci Lins, um dos idealizadores do museu.

COMO ENCONTREI HILDA VALENTIM

IVAN DRUMMOND

É tudo começou com um presente de um jornalista amigo de meu pai. Fui visitar Jáder de Oliveira, que vivia na Inglaterra, mas estava em visita a BH. Conversa vai, conversa vem, entre um caso e outro, ele fala sobre Paulinho Valentim. Comenta sobre o livro de Roberto Drummond, *Hilda Furacão*. Comento que gostaria de fazer uma reportagem inusitada sobre o casal. Ele pega uma mala e de lá tira um retrato. É o casal, quando vivia em Buenos Aires e ele jogava no Boca Juniors. Isso foi em 2003.

Vasculho o passado e conto uma história do amor de Paulinho e Hilda. O tempo passa. É véspera da Copa do Mundo de 2014. Estou em Sete Lagoas, para cobrir o Uruguai, ali concentrado. Uma noite, um telefonema. É um amigo de meu pai, Washington Melo, também jornalista, que me pergunta se pode passar meu telefone a uma amiga do Rio. Explica que não é ela que quer falar comigo, mas uma amiga.

Sim, respondo. Na manhã seguinte, o telefone toca. Do outro lado, uma mulher, Marisa Barcello. É capixaba e diz que mora em Buenos Aires. Pergunta-me se fui eu mesmo que escrevi a matéria de 2003. Digo que sim e ela dispara: "Pois eu estou com a Hilda aqui, no asilo onde trabalho, em Buenos Aires".

Fico doido. Quero ir a Buenos Aires, mas isso só seria possível depois da Copa. O Brasil perde para a Alemanha, é goleado. A viagem é liberada. Vou no dia seguinte. Chego ao I logar de Ancianos Guillermo Rawson. Lá está Hilda, numa cadeira de rodas, assistindo à TV. Sorri. Só tem um dente, na parte de cima da boca. Falo que sou de BH e por alguns instantes ela se recorda da cidade. Começa a falar de seu amor, Paulinho Valentim, da vida que levavam, de jóias, que não tem mais. Que descoberta!

O tempo passa. É dezembro de 2014. O telefone toca novamente. É Marisa, de novo. "A Hilda morreu. Será enterrada amanhã, no Cemitério Municipal aqui de Buenos Aires." É o fim da vida carnal. No sepultamento, apenas ela, uma funcionária da embaixada brasileira e um médico do asilo. Chego à conclusão: "Fui o último a falar com ela. A mulher que se tornou um mito não existe mais. Sofria de Alzheimer. Mas tinha momentos de lucidez. Contou parte de sua história, suas poucas lembranças. Acho que o adeus foi quando o jornal noticiou a sua descoberta."

Anexo VIII (CD-ROM)

ESTADO DE MINAS • DOMINGO, 10 DE ABRIL DE 2016 8

ESPECIAL

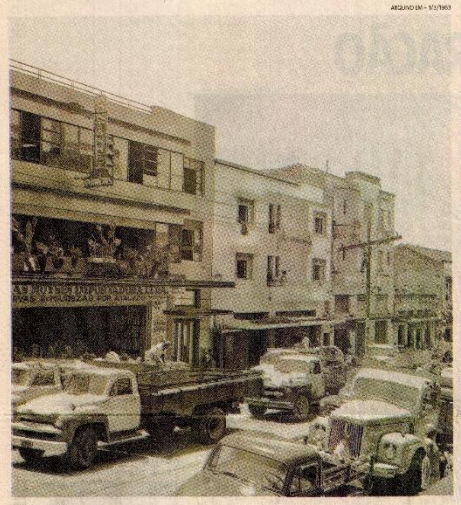


HILDAS DE HOJE

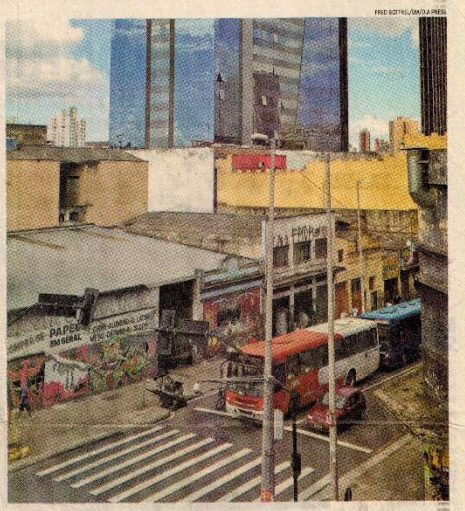


NA GUAICURUS DE ONTEM E DE HOJE, LUTA PELOS DIREITOS DAS PROSTITUTAS CONTINUA

ARQUIVO EM – 3/3/1963



FRED BOTTRELL/ARQUIVO PRESS



1963

RUA DESTINADA A ATACADISTAS POR ESTAR PRÓXIMA À ESTAÇÃO DE TREM E AO MERCADO, PROJETADOS NA CONSTRUÇÃO DE BH, TINHA ARES DE REGIÃO PORTUÁRIA, O QUE CONTRIBUIU PARA A FAMA DE ZONA BOÊMIA

2016

GLAMOUR DOS TEMPOS EM QUE ERA FREQUENTADA PELOS BARÕES DO CAFÉ DEU ESPAÇO A PRÉDIOS DEGRADADOS QUE ABRIGAM HOTÉIS DE PROSTITUIÇÃO E LOJAS DESTINADAS AO COMÉRCIO POPULAR

ESQUINA DE GERAÇÕES

É a boemia a guia mestra para entender o passado e o presente da Rua dos Guaicurus, no Hipercentro de Belo Horizonte. Ela está na origem, marca a história e alimenta o imaginário de quem a frequenta e até daqueles que nunca pisaram nos quatro quarteirões entre as ruas da Bahia e Curitiba. Os prédios de quatro andares em estilo art déco e eclético, ocupados por hotéis de prostituição, barbearias, lanchonetes e comércio popular, remetem ao início da ocupação da capital. E persistem nos tempos de hoje com visitação superlativa. Todo mês, mais de 1 milhão de homens frequentam os quartos, cinemas e cabines eróticas da Guaicurus. A estimativa é da Associação dos Amigos da Rua Guaicurus (AARG), que reúne donos de hotéis da região.

Muito antes de Hilda Maia Valentim, prostituta que inspirou o escritor Roberto Drummond a escrever o romance *Hilda Furacão*, pisar na Rua Guaicurus nos anos 1960, a região já era conhecida como o meretrício da nova capital. No projeto original de Aarão Reis, o comércio da cidade ficava concentrado ali, entre o mercado (hoje rodoviária) e a estação de trem (Praça da Estação). Galpões e lojas dos grandes atacadistas e varejistas da cidade eram encontrados nas imediações da Guaicurus, assim como uma embrionária área industrial. Em bairros próximos, como Lagoinha, morava a população de trabalhadores. "Tudo isso conferiu uma característica boêmia de porto, com muita gente que não era da cidade, e acabou formando o meretrício", explica a historiadora Michele Arroyo, presidente do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha).

O glamour dos tempos em que homens da sociedade e coronéis frequentavam o lugar já não existe mais. Mas passam anos, passam décadas e o sobe e desce característico dos hotéis da Guaicurus – alguns deles tombados pelo patrimônio municipal – não diminui. Gerações de prostitutas se renovam e resistem à concorrência da internet. "É um ponto turístico sexual. Desde novo, o pai ensina que tem que pegar as mulheres na zona. É a cultura do machismo", afirma a presidente da Associação das Prostitutas de Minas Gerais (Aprosmig), Cida Vieira.

PERFIL De acordo com ela, são 3,6 mil mulheres, transexuais e travestis em atividade nos 25 hotéis da Rua Guaicurus e arredores. Há prostitutas de todo tipo: de 18 a 70 anos. Nuas, de lingerie ou fantasias elas ficam em frente aos quartos para atender os clientes. A maioria é de trabalhadores com renda de até dois salários mínimos. Além da prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis – a Aprosmig fornece cerca de 140 camisinhas por semana para cada uma das associadas –, uma das batalhas da entidade é pelos direitos trabalhistas e pela regulamentação da profissão.

"A mulher que está ali não tem benefício nenhum", afirma Cida, reforçando não faltarem casos de prostitutas que terminam a vida como moradoras de rua. A Aprosmig também tenta conferir um outro ar à Guaicurus, apoiando eventos que retirem o estigma de área violenta. "Estamos fazendo várias atividades na rua, a virada cultural, a virada carnavalesca. Queremos levar mais hotecos e festivais para a região para fazer com que as pessoas percam o medo de passar na Guaicurus", diz.

Fundador da AARG, Ailton Alves de Matos, de 61 anos, herdou o hotel Novo América da tia, que começou a administrá-lo em 1954. "Antigamente, o cliente era recepcionado nos salões e dali ia para os quartos, havia mais romantismo e fetiche. Na década de 1970, passou a ser um atendimento mais rápido", conta Matos, que diz ter conhecido a lendária Hilda. "Era boa de serviço", lembra.

Hoje, o mercado do sexo na Guaicurus segue no ritmo da vida contemporânea. "Ficou um negócio 'fast-sex'. Se o cliente estiver no Centro com 20 a 30 minutos disponíveis, ele oferece R$ 20 à garota, faz o ato sexual em 10 a 15 minutos e está liberado para seguir a vida sem compromisso", afirma. Ele reconhece que, por causa da concorrência de motéis, internet e celular, hoje há mais mulheres atendendo fora do que na zona. "O que mantém a Guaicurus é a tradição", afirma Ailton, que defende a preservação da área como patrimônio imaterial de BH. Mas nem a tradição está imune à crise. "O movimento caiu 50%", ressalta o presidente da AARG, Edson Cruz.

MUDANÇA Projetos para a região sempre existiram, principalmente aqueles que se propunham a "higienizar" a área e tirar a prostituição dos arredores. No livro *Hilda Furacão*, Roberto Drummond cita um deles, a Cidade das Camélias, cujo objetivo era levar a zona para longe do Centro. "Movimentos de mulheres e mães de família não queriam. A Cidade das Camélias foi a solução dada pelas religiosas", conta Michele.

Atualmente, está em gestação na prefeitura projeto que prevê a Operação Urbana Consorciada Antônio Carlos-Pedro I/Leste-Oeste, com ações de requalificação em diversas vias incluídas nesse perímetro. De acordo com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, embora a Rua Guaicurus não seja prioridade, conta com algumas ações previstas. Há, por exemplo, a intenção de se criarem galerias comerciais, a melhoria das condições de travessias pelos pedestres. Também está prevista a destinação de recursos para recuperação de imóveis de interesse cultural. O projeto ainda será encaminhado para votação na Câmara Municipal. ***(Flávia Ayer)***

EXPEDIENTE

REPORTAGEM Flávia Ayer, Fred Bottrel e Luciane Evans • **EDIÇÃO DE TEXTOS** Rafael Alves • **EDIÇÃO DE ARTE** Júlio Moreira • **EDITORA-EXECUTIVA** Renata Neves • **DIRETOR DE REDAÇÃO** Carlos Marcelo Carvalho • **Confira edição ampliada no Em.com.br**